



MARCELO LUIS HENRIQUES SILVEIRA

**PAI PAULINHO DE ODÉ: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO LÍDER RELIGIOSO
E HOMEM PÚBLICO ATRAVÉS DE NARRATIVAS MEMORIAIS**

CANOAS, 2021

MARCELO LUIS HENRIQUES SILVEIRA

**PAI PAULINHO DE ODÉ: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO LÍDER RELIGIOSO
E HOMEM PÚBLICO ATRAVÉS DE NARRATIVAS MEMORIAIS**

Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais. Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Zilá Bernd

CANOAS, 2021

**Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação (CIP)**

S587p Silveira, Marcelo Luis Henriques.

Pai Paulinho de Odé [manuscrito]: a construção identitária do líder religioso e homem público através de narrativas memoriais / Marcelo Luis Henriques Silveira – 2021.

150 f.; 30 cm.

Relatório (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2021.

“Orientação: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia”.

“Coorientação: Prof. Dr. Zilá Bernd”.

1. Narrativas da memória. 2. Memória - resistência. 3. Terreiro. 4. Candomblé. I. Isaia, Artur Cesar. II. Bernd, Zilá. III. Título.

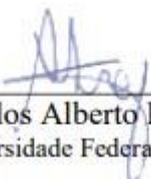
CDU: 316.7

MARCELO LUIS HENRIQUES SILVEIRA

Trabalho Final aprovado para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

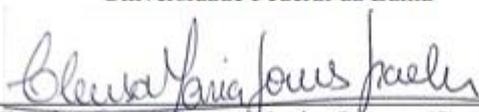
P/



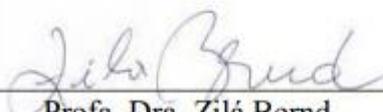
Prof. Dr. Carlos Alberto Franco da Costa
Universidade Federal do Acre



Profa. Dra. Edilece Souza Couto
Universidade Federal da Bahia



Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle



Profa. Dra. Zilá Bernd
Coorientadora – Universidade La Salle



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Orientador e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de Concentração: Memória Social

Curso: Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 23 de agosto de 2021.

A Oxalá, dono da minha cabeça. Às mulheres da minha vida: Elieda, Maria Helena e Beatriz responsáveis pelo homem que sou hoje. Ao meu filho de quatro patas Brian, que me encheu de carinho durante essa jornada. Ao meu orientador Artur Cesar Isaia, que me norteou nesse percurso de conhecimento. A todos vocês meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar as três mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe Maria Helena, minha avó Elieda e minha tia Beatriz. Sem elas eu não teria chegado até aqui.

Agradeço também ao meu pai Manoel e meu avô Olindo, que já não estão entre nós, mas que certamente estão olhando por mim e orgulhosos.

A Pai Paulinho de Odé, meu agradecimento por ter cedido parte de sua trajetória de vida nessa pesquisa e que sempre prontamente me atendeu todas as vezes que eu o procurei.

Aos meus orientadores Artur Cesar Isaia e Zilá Bernd, meus sinceros agradecimentos por terem me aceito como orientando e guiando-me nessa busca pelo conhecimento.

Agradeço a professora Cleusa, por todo o carinho que sempre demonstrou por mim desde o dia que nos conhecemos.

Estendo também meus agradecimentos a todos os professores do mestrado que tiveram a generosidade de compartilhar seus conhecimentos comigo.

E finalmente, agradeço a Universidade La Salle por ter me dado a oportunidade como bolsista, de cursar o Mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

“Então os Orixás vinham e tomavam seus cavalos. E, enquanto os homens tocavam seus tambores [...] cantavam e davam vivas e aplaudiam [...] os Orixás dançavam e dançavam e dançavam. Os Orixás podiam de novo conviver com os mortais”.

Reginaldo Prandi.

RESUMO

Este relatório final de pesquisa tem como finalidade expor as atividades desenvolvidas durante o Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Canoas, RS. Nele constam todo o material coletado que embasou a presente pesquisa, assim como os textos produzidos que refletem a natureza teórica a que se propõem. O objeto empírico ao qual este estudo se dedica refere-se a Pai Paulinho de Odé, dirigente espiritual e homem público residente na cidade de Canoas – RS. Foram feitas entrevistas para então compreender como Pai Paulinho de Odé constrói sua identidade a partir de suas memórias, buscando também uma possível relação com seu Orixá Odé. Conclui-se, a partir desta pesquisa, a importância das características sociais e narrativas da memória na construção identitária de Pai Paulinho de Odé. Percebemos também, durante o percurso dedicado à investigação, a influência tanto das divindades quanto das entidades que o dirigente confere devoção, na forma como ele se apresenta social e religiosamente. Ressaltamos, também, a importância de promover estudos em Memória Social que venham a contribuir para o resgate e manutenção da cultura e das tradições relativas à religiosidade afro-brasileira, em especial no município de Canoas.

Palavras-chave: Narrativas da memória. Memória e resistência. Terreiro. Pai Paulinho de Odé.

RESUMEN

Este informe final de investigación presenta las actividades desarrolladas durante el Programa de Postgrado de Maestría Profesional en Memoria Social y Bienes Culturales de la Universidad La Salle, Canoas, Rio Grande del Sur. Se presenta todo el material recopilado en el cual se basó la investigación, como también los textos producidos que reflejan el carácter teórico a que se proponen. El objeto empírico de este estudio se refiere a Pai Paulinho de Odé, líder espiritual y figura pública, que vive en la ciudad de Canoas - RS. Se hicieron investigaciones para comprender cómo Padre Paulinho de Odé construye su identidad a partir de sus recuerdos, también buscando una posible relación con su Orixá Odé. En esta investigación, se concluye lo importante que son las características sociales y narrativas de la memoria en la construcción de la identidad de Padre Paulinho de Odé. Durante la investigación, se nota la influencia de las deidades como también de las entidades a las que el líder confiere devoción, en la forma como él se presenta social y religiosamente. Se destaca también la importancia de fomentar estudios en Memoria Social que puedan contribuir al rescate y mantenimiento de la cultura y de las tradiciones relacionadas con la religiosidad afrobrasileña, especialmente en la ciudad de Canoas, RS.

Palabras clave: narrativas de memoria. Memoria y resistencia. Terrero. Padre Paulinho de Odé.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pai Paulinho de Odé.....	30
Figura 2 – Mapa de localização.....	33
Figura 3 – Vista da fachada do Terreiro.....	34
Figura 4 – Salão de festas do Terreiro.....	34
Figura 5 – Planta baixa do Terreiro de Pai Paulinho.....	35
Figura 6 – Na foto tirada nos anos 2000, Pai Paulinho e sua mãe Telma, estão frente as imagens dos Exus antes do início de uma sessão.....	117
Figura 7 – Exu Caveirinha manifestado em Pai Paulinho, segurando uma garrafa de bebida, de chapéu cobrindo seu rosto.....	120
Figura 8 – Exu Caveirinha uma entidade festeira, alegre, que se adaptou às modernidades na religião.....	122
Figura 9 – Pai Paulinho e seus voluntários e as refeições que serão doadas...	131
Figura 10 – Pai Paulinho de Odé em frente ao Peji.....	135
Figura 11 – Vista do salão principal do Terreiro.....	135
Figura 12 – Pai Paulinho de Odé e seus filhos de santo.....	136
Figura 13 – Pai Paulinho de Odé e seu atual pai-de-santo Jorge de Iemanjá..	136
Figura 14 – Pai Paulinho e esposa Bere de Iemanjá e seus filhos carnis Rogério de Xangô, Juan de Odé, Paula de Ogum e Paola de Iemanjá.....	137
Figura 15 – Pai Paulinho de Odé fazendo a chamada dos Orixás.....	137
Figura 16 – Filhos-de- santo dançando ao Orixá Bará.....	138
Figura 17 – Formação da balança dedicada ao Orixá Xangô.....	138
Figura 18 – Mestrando Marcelo de Oxalá ao lado de Pai Paulinho de Odé.....	139

GLOSSÁRIO

Axé: Força sagrada dos orixás. Do lorubá *Asé* significa energia, poder.

Aiê: A terra dos homens.

Babalorixá: Sacerdote ou líder religioso, o mesmo que Babá ou pai de santo.

Batuque: É uma religião Afro-brasileira comumente encontrada no Rio Grande do Sul assim como na Argentina e no Uruguai. Modalidade de culto dividido em nações de acordo com a região de origem africana, como *Cabinda*, *Ijexá*, *Jêje* e *Oyó*.

Bará: Orixá mensageiro, dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada da casa e sempre o primeiro a ser homenageado.

Beociomi: Sobrenome da família espiritual do Orixá Odé de Pai Paulinho.

Candomblé: Religião dos Orixás no Brasil de origem Jêje, lorubá ou Banto e também designa o local do culto.

Cabocla: entidade feminina indígena cultuada da Umbanda. Ex: Cabocla Jurema.

Cacique: Entidade masculina indígena cultuado na Umbanda. Ex: Cacique Arranca Toco.

Congal: Altar sagrado do Terreiro onde se encontram as imagens das entidades sincréticas.

Docô: Qualidade do Orixá Oxum.

Elégùn: Conceito que define os médiuns ou iniciados no Batuque que estão sujeitos ao transe.

Exu: *Eespíritos* de homens que tiveram uma vida de más ações e que compõem com as pombas giras o panteão da Quimbanda. Ex: Exu Sete Covas.

Iemanjá: Orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar e mãe dos Orixás.

Ilê: Casa ou no Batuque termo utilizado para Terreiro.

Ocutá: Pedra, seixo utilizado na vasilha para representar o Orixá.

Odé: Caçador, nome genérico para os Orixás da caça, denominação de Oxóssi na Umbanda.

Ogum: Orixá da metalurgia, da agricultura e da guerra.

Orixá: Divindade, deus do panteão lorubá. A palavra significa Ori=cabeça, Xá= Rei, senhor, portanto senhor da cabeça.

Orum: Céu, mundo sobrenatural ou morada dos Orixás.

Ossaim: Orixá das folhas e que cura com as ervas.

Oxalá: Grande Orixá, outro nome de Obatalá preferencialmente utilizado no Brasil.

Oxum: Orixá do rio Oxum, deusa das águas doces, do ouro, da beleza e da vaidade. Uma das esposas de Xangô.

Peji: No Candomblé assim como no Batuque é o altar ou espaço onde encontram-se as vasilhas onde repousam os símbolos, os ocutás que representam os Orixás.

Pomba gira: Forma feminina do Exu na Quimbanda. Ex: Pomba gira da Sete Encruzilhadas.

Quimbanda: Parte da Umbanda de culto aos exus e pomba giras.

Tolobum: Qualidade ou tipo do Orixá Odé.

Umbanda: Religião Afro-brasileira de culto aos Caboclos, pretos-velhos e outras entidades lideradas pelos Orixás.

Xangô: Orixá do trovão e da justiça e teria sido o quarto rei de Oyó.

Xapanã: Orixá da varíola, das pestes e das doenças contagiosas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MEMORIAL.....	14
3 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	18
3.1 Projeto de Pesquisa	18
3.2 Problema.....	19
3.3 Objetivos.....	19
3.4 Justificativa.....	19
3.5 Referencial teórico	21
3.6 Metodologia	29
4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ENVOLVIDAS	30
4.1 Biografia de Pau Paulinho de Odé.....	30
4.2 Termo de Referência.....	31
4.3 Entrevistas	36
5 ILÊ DE ODÉ COMO ESPAÇO DE CULTURA E MEMÓRIA DA RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA	65
6 ILE DE ODÉ TOLOBUM BEOCIOMI: LOCAL SAGRADO E LOCAL DE GERAÇÃO. A PERSISTÊNCIA DA ANCESTRALIDADE NEGRA NA CIDADE DE CANOAS – RS.....	80
7 MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DOS BENS CULTURAIS NO TERREIRO DE PAI PAULINHO DE ODÉ.....	93
8 PAI PAULINHO DE ODÉ: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO LÍDER RELIGIOSO E HOMEM PÚBLICO ATRAVÉS DE NARRATIVAS MEMORIAIS	102
9 UM EXU PARA CHAMAR DE MEU: NARRATIVAS DO PERCURSO RELIGIOSO DE PAI PAULINHO DE ODÉ.....	110
10 EM TEMPOS DE PANDEMIA: O COMPROMISSO DO TERREIRO DE PAI PAULINHO DE ODÉ COM O IDEAL DA CARIDADE, PRESENTE NAS NARRATIVAS DA UMBANDA	125
11 TERREIRO DE PAI PAULINHO: A CELEBRAÇÃO DOS TRINTA E DOIS ANOS DE VASILHA DO ORIXÁ ODÉ	133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	144
APÊNDICE A – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz.....	149

1 INTRODUÇÃO

Este Relatório Final tem como objetivo socializar com um público maior, as atividades que, como mestrando, realizei nesta etapa tão significativa de formação: a passagem pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. O relatório narra as atividades realizadas durante o mestrado e os materiais e textos produzidos. Alguns textos presentes neste Relatório já foram divulgados. Outros ainda serão submetidos à publicação em revistas e periódicos especializados em Memória Social e religiosidade Afro-brasileira. Na pesquisa, as transcrições das narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé utilizadas nos textos, assim como os registros fotográficos que serviram como ilustração, foram contextualizados a partir dos estudos dos autores referenciados no projeto.

No lapso de tempo no qual cumpri as exigências regulamentares próprias da minha condição de mestrando tive a oportunidade de refletir com criticidade sobre um assunto extremamente presente em minha história pessoal: a religiosidade Afro-brasileira. De forma ainda mais direta, tive a oportunidade de compreender melhor e, a partir de um referencial teórico adequado, questões relativas à memória e a identidade de um líder religioso tão atuante na comunidade de Canoas: Pai Paulinho de Odé.

A passagem pelo mestrado foi permeada de surpresas, de adaptações, de planos e objetivos iniciais modificados frente ao caráter inusitado e não totalmente previsível da construção do conhecimento. Neste sentido, o Projeto inicial foi se adaptando às perplexidades da pesquisa e à formação do rico corpus documental formado durante este tempo. Inicialmente tinha em mente trabalhar bem mais com a fotografia e com a formação de um acervo fotográfico sobre Pai Paulinho de Odé. Acontece que cada vez mais a oralidade foi tomando uma proporção não prevista nesta pesquisa. A própria densidade das entrevistas e a necessidade de dialogar teoricamente com as mesmas, acabaram tomando uma proporção maior. Desta forma, a pesquisa chegou a um rico material fotográfico, o qual não foi, contudo, sistematizado, organizado na forma de um acervo, como inicialmente previsto. Este material, contudo, ainda vai ser organizado.

2 MEMORIAL

Na segunda metade da década de 70, fruto do amor entre os jovens Maria Helena (com 15 anos) e Manoel Emílio (com 21), vim ao mundo na cidade de Canoas - RS. Como para os padrões da época, uma menina não podia engravidar tão cedo. Minha mãe foi expulsa de casa, e minha avó paterna Elieda a acolheu. Alguns meses após meu nascimento, a relação afetiva dos meus pais não seguiu adiante: ambos, com o passar do tempo, refizeram suas vidas e formaram novas famílias.

Durante toda a minha infância, estive sempre próximo da minha avó paterna, até que, no ano de 1985, já com 9 anos de idade, fui definitivamente morar com ela e minha tia Beatriz. Foi a partir dessa etapa da minha vida que construí minha personalidade, caráter e valores pessoais que trago comigo sempre.

Em 1980, ingressei na pré-escola La Salle e ali permaneci até a conclusão do ensino médio em 1993. No ano de 1994, resolvi estudar arquitetura na Ulbra, no campus de Canoas. Por não ter condições de manter o pagamento do curso, resolvi abandonar o projeto de ser arquiteto. Mesmo assim, continuei sendo desenhista de projetos no escritório de arquitetura da minha tia Beatriz.

Foi em 2000 que resolvi me tornar cabeleireiro. Procurei o SENAC na cidade de Porto Alegre e fiz os cursos que eram necessários para poder atuar na área da beleza. Iniciei minha atuação em um salão dentro da Ulbra, onde permaneci durante três anos. Em junho de 2003, minha então gerente me apresentou uma pessoa que tinha uma loja dentro de uma galeria na cidade de Esteio – RS. Essa pessoa gostaria de abrir um espaço de beleza.

No mês de junho, inauguramos o Capelli Cabeleireiros e, a partir de então, passei a administrar o espaço como gerente e a atender como cabeleireiro. Passados os três primeiros anos, resolvi fazer uma proposta de compra para a proprietária, que aceitou e, sendo assim, passei a ser dono do espaço.

No segundo semestre de 2011, eu estava numa situação financeira mais equilibrada, porém sem projetos futuros. Decidi então dar um novo rumo para minha trajetória profissional a longo prazo. Naquele momento, voltar a estudar seria a melhor opção; então, pesquisei os cursos oferecidos pela Universidade La Salle de Canoas – RS e ali estava a graduação que realmente eu teria prazer em estudar: Bacharelado em Turismo. Nos quatro anos seguintes que voltei a frequentar o meio acadêmico, descobri que, quando se estuda algo que vai além do interesse em conhecimento,

mas também se imiscui no âmbito pessoal, o curso de graduação foi o melhor investimento que fiz em toda a minha vida.

Ao final de 2015, concluí as disciplinas e o estágio obrigatório do curso de graduação, mas acabei deixando para colar o grau apenas no primeiro semestre de 2018. Como eu tinha um projeto de fazer o mestrado assim que terminasse a graduação, naquele momento eu não poderia custear o investimento, pois tinha acabado de adquirir um imóvel novo. Foi assim que, no dia da minha colação de grau em gabinete, ganhei o destaque acadêmico que me concedeu uma bolsa total de pós-graduação na instituição. Cursei MBA em Gestão de Pessoas e Liderança Coach.

Em agosto de 2018, ingressei como aluno especial no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, cursando a disciplina de Mobilidades Culturais, ministrada pelas professoras Zilá Bernd e Lucia Rosa. Participei da seleção como aluno regular no programa e desde o início letivo de 2019 sou aluno e bolsista institucional.

Foi então que tive a oportunidade de conhecer o restante dos professores do programa e, em especial, meu orientador Artur Cesar Isaia, que, com toda a experiência acadêmica como docente e como pesquisador, assim como sua generosidade, vem-me dando todo o suporte de que necessito na pesquisa que desenvolvo junto à linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade.

A partir dessa etapa da minha vida, voltei meus esforços para construir um novo caminho profissional, almejando, no futuro próximo, ser docente de ensino superior. Sendo assim, em 2019 fiz uma especialização EAD em Docência no Ensino Superior pela Faculdade São Luiz, com o intuito de poder ministrar aula em cursos técnicos.

Mas, em 2020, veio a pandemia da COVID19 e o mundo teve que se adequar a essa situação de caos, inclusive eu. O salão começou a sentir o impacto da redução de clientes devido às medidas restritivas impostas pelos governos. Acabei perdendo profissionais da equipe e resolvi então refazer o meu planejamento estratégico de vida.

O salão já não era mais algo que me trazia felicidade, então resolvi por vendê-lo em setembro de 2020 em funcionamento com a equipe que trabalhava comigo. Sendo assim, continuei atendendo no mesmo local apenas como cabeleireiro autônomo.

Em maio de 2020, assistindo ao Bom dia Rio Grande, fiquei sabendo de uma seleção de bolsistas do CNPq em parceria com o Sebrae RS. Acessei o edital, vi que

era possível eu me candidatar e fiz minha inscrição. O processo seletivo tinha cinco etapas, nas quais fui avançando gradualmente e fiquei selecionado entre os finalistas, resultado esse que foi publicado oficialmente em dezembro de 2020. Durante o mês de janeiro de 2021, durante o curso de capacitação para atuar como Agente Local de Inovação, selecionou dezoito candidatos para atuação imediata, nos quais estava incluído.

Desde então, sou bolsista EXP do CNPq e atuo junto à regional metropolitana do Sebrae RS, no projeto ALI (Agentes Locais e Inovação), atendendo microempresas de diversos segmentos, auxiliando aos empresários no tocante a soluções de inovação para seus negócios. Minha experiência, tanto como gestor quanto cabeleireiro, faz com que eu consiga contribuir de forma mais efetiva em assuntos relacionados à administração e ao atendimento ao cliente, em empresas de prestação de serviços e comércio em geral.

Em função da pandemia, nos agentes locais de inovação, estamos atendendo os empresários de forma remota, o que para mim foi algo que tive de me adaptar, pois sempre trabalhei de forma presencial enquanto cabeleireiro. Estar em casa, praticamente a semana toda, me fez repensar o futuro do trabalho pós-pandemia, inclusive como docente. Tenho certeza de que o mundo não será o mesmo daqui em diante.

A minha trajetória como aluno do programa de pós-graduação contribui para meu crescimento como acadêmico e principalmente como pessoa. Os estudos em memória social abriram para mim a possibilidade de compreender o outro a partir de uma visão ampla que contempla as interações sociais dos diversos grupos e como tais identidades são construídas.

Por conta das disciplinas, tive a oportunidade de conviver com diversos professores que, a partir do conhecimento compartilhado, deram subsídios para levar adiante a minha pesquisa sobre religiosidade Afro-brasileira, cultura e identidade. Meu estudo está voltado à figura de Pai Paulinho de Odé, que é dirigente espiritual e homem público na cidade de Canoas – RS. Meu trabalho parte de suas narrativas memoriais, resultando em materiais para publicação em revistas especializadas no assunto.

Os prof. Artur Cesar Isaia e prof^a. Zilá Bernd, durante esse tempo como aluno do mestrado, não serviram somente como orientadores do meu projeto de pesquisa, mas também como exemplos a seguir como docentes e pesquisadores. Posso dizer

mais que isso, porque eu, como orientando, acabei me aproximando deles (ainda que virtualmente, em função do cenário em que estamos vivendo), o que me trouxe segurança quanto às certezas de meu objetivo.

Hoje, na finalização deste memorial que fará parte do meu relatório técnico final de pesquisa, estou no meu escritório, ar-condicionado no quente (a temperatura está em 9 graus Celsius), com meu fiel companheiro de quatro patas sempre ao meu lado (de barriga pra cima e roncando – vale pôr uma foto dele nos anexos deste relatório).

Teria tanta coisa para escrever nesse memorial sobre minhas memórias e projetos de vida, mas deixarei para concluí-lo daqui um tempo quando tiver que reescrevê-lo para o doutorado. O La Salle como instituição de ensino, faz parte da minha vida desde a infância até hoje e se os Orixás assim me permitirem, continuará presente por muitos anos ainda.

3 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

3.1 Projeto de Pesquisa

Sendo o Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais de características interdisciplinares, iniciamos o presente projeto com a ideia do Produto Final a ser desenvolvido: a produção de um Relatório Final de Pesquisa. Este deverá servir como instrumento para pesquisadores, capaz de trazer luz a novos conhecimentos sobre as religiões Afro-brasileiras e narrativas de memória inseridas na realidade histórico-social de Canoas, RS. Este Relatório de Pesquisa abordará a construção identitária e memorial de Pai Paulinho de Odé, na dimensão religiosa e política. Entre outras informações, nele constarão as produções relacionadas a esta temática de pesquisa, as quais desenvolverei durante o Mestrado (textos e participações em reuniões científicas). A figura de Pai Paulinho e o seu entorno serão focalizados no referido Relatório Final de Pesquisa. Propomos, portanto, um trabalho capaz de, a um só tempo, sistematizar a pesquisa desenvolvida ao longo do curso, transformá-la em publicações e, portanto, socializá-la com um público leitor mais amplo, quase que de forma simultânea à realização do Mestrado.

O intuito deste projeto, utilizando-se de narrativas de memória de Pai Paulinho de Odé, é estudar a sua construção mnemônico-identitária. Haveria de sua parte um esforço capaz de identificá-lo com características de seu Orixá Odé, na forma como ele se apresenta para a comunidade e identificar a possibilidade do seu discurso estar assentado na religião pela qual sua fé é depositária? Para responder a esta indagação, optamos pela realização de entrevistas com Pai Paulinho, bem como trabalhar com fontes iconográficas, selecionar fotos de seu arquivo pessoal e, igualmente, pesquisar seus pronunciamentos escritos.

Para fundamentar a presente pesquisa, o tema será desenvolvido a partir dos conceitos presentes nas obras de diversos autores reconhecidos como Alberti (2005), Assmann (2011), Bourdieu (1996), Candau (2012), Cossard (2008), Gondar (2005), Halbwachs (2006), Isaia (2019a), Prandi (2005), Ricoeur (2007), Verger (2002), entre outros.

A ideia da pesquisa está assentada na importância de promover estudos sobre religiões Afro-brasileiras, não tendo como objetivo promover o sujeito nem a doutrina

na qual sua fé está assentada, mas sim abrir novas possibilidades de estudos no campo da Memória Social.

3.2 Problema

Este Projeto, motivado pelo interesse no campo de estudos em Memória Social, Cultura e Identidade, através das narrativas de memória, trabalha com o seguinte problema de pesquisa: Haveria nas narrativas de memória de Pai Paulinho um esforço mnemônico capaz de identificá-lo com características do seu Orixá, Odé?

3.3 Objetivos

Objetivo Geral:

- Compreender, através das narrativas de memória de Pai Paulinho de Odé, a sua construção identitária, procurando uma possível relação com seu Orixá.

Objetivos Específicos:

- Relacionar a identidade construída por Pai Paulinho de Odé com as narrativas míticas da sua religião.
- Formar um acervo de entrevistas e depoimentos, capazes de servir de fonte para este estudo e para outros pesquisadores.
- Organizar um acervo fotográfico sobre a trajetória de Pai Paulinho de Odé, como líder religioso e comunitário.

3.4 Justificativa

O Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, através dos trabalhos de alunos e professores, coloca à disposição da comunidade local e acadêmica novos estudos sobre memória com a finalidade de enriquecer o conhecimento sobre a realidade cultural. Mesmo com todos os movimentos de conscientização em prol da tolerância religiosa na atualidade, percebe-se a importância de promover estudos que venham dialogar com assuntos sobre religiões Afro-brasileiras: a luta pela igualdade étnico-religiosa, infelizmente, ainda é necessária, a fim de garantirmos as disposições constitucionais pela igualdade social em nosso país.

Por outro lado, pesquisar sobre uma realidade religiosa idiossincrática na Umbanda e Batuque Rio-Grandense como a experiência pessoal de Pai Paulinho de Odé, nos remete às características próprias dessas opções religiosas. Estas devem ser estudadas, justamente a partir de experiências singulares, únicas, já que inexistem uma padronização ritual e doutrinária, capaz de generalizações abrangentes. Desde os anos 1990, Isaia (1999) evidencia que é impossível estudar-se a Umbanda e Religiões Afro-Brasileiras de forma abrangente e macro explicativa. Evidencia o mesmo autor que essas realidades religiosas resistem a codificações, a unificações e a lideranças capazes de uniformizá-las. Também Anjos (2008) refere-se a esta impossibilidade de tratar-se essas opções religiosas de forma simplificada e abrangente, mostrando o caráter rizomático da Umbanda e Religiões Afro-Brasileiras.

Apesar de ter sido batizado, crismado e feito a primeira comunhão na fé católica e educado em todos os níveis na rede Lasallista, desde muito cedo as Religiões Afro-Brasileiras sempre foram assunto que me despertou interesse. Durante uma conversa com o Prof. Dr. Artur Cesar Isaia, no primeiro semestre de 2019 para definir o tema do projeto de pesquisa, discutimos a importância dos estudos ligados a Religiões Afro-Brasileiras. Chegamos então ao nome de Pai Paulinho de Odé, visto que a figura do líder religioso e homem público impõe-se como pesquisa por possuir representatividade frente a diversas comunidades na cidade de Canoas.

Paulo Rogério Ambieda, conhecido tanto na esfera religiosa quanto na pública como Pai Paulinho de Odé, é um cidadão branco que tem seu Orixá Odé assentado¹ desde seus 18 anos de idade, portanto há trinta anos. Atualmente, tem seu Terreiro aberto desde 1998, na rua Chico Mendes, nº. 351, na Vila João de Barro, na cidade de Canoas, estando sob sua responsabilidade cerca de 70 filhos de santo. Percebe-se que Pai Paulinho de Odé, como líder religioso e homem público, tem um compromisso visível com os fundamentos religiosos que lhe foram transmitidos oralmente pelos seus antecessores assim como a comunidade na qual ele está inserido.

Em meados dos anos 2000, conheci Pai Paulinho de Odé por intermédio da minha então Mãe de Santo Sra. Coralina de Oxum Docô (in memoriam). A partir de então, mesmo não tão próximo do sujeito da pesquisa, continuei acompanhando sua trajetória como líder religioso. Após alguns anos, surpreendeu-me o fato de o mesmo se eleger vereador no município de Canoas, alavancando sua jornada na defesa dos direitos de cultos Afro-brasileiros e dos movimentos LGBTQIA+. Esta é uma luta

abertamente encampada por algumas lideranças religiosas das Religiões Afro-Brasileiras. Um exemplo disso pode ser visto em um recente documento exarado de líderes umbandistas e africanistas brasileiros, a Carta Magna da Umbanda, estudada por Isaia (2019b).

Aproximamo-nos do sujeito da pesquisa, no mês de abril de 2019. Feito contato por telefone, marcamos um encontro informal, com o objetivo de apresentar a ideia do projeto. Numa segunda-feira à tarde, fomos recebidos no Ilê do Pai Odé; explicamos que, para os fins da pesquisa que propúnhamos, seria necessária a realização de algumas entrevistas (tanto com ele como com pessoas próximas de seu convívio), que seriam gravadas e transcritas, sendo necessário também ter acesso a fotos de seu arquivo pessoal. Prontamente, nossos pedidos foram aceitos.

Com a finalidade de investigar a formação identitária de Pai Paulinho de Odé e responder ao problema lançado no presente projeto, serão analisadas as narrativas de memória, bem como registros fotográficos. Essas fontes servirão de subsídio para a produção do produto final, que é objeto principal para a conclusão do Mestrado Profissional, ou seja, nosso Relatório de Pesquisa.

3.5 Referencial teórico

Os estudos em Memória Social despertam interesse de diversas áreas do conhecimento, portanto emerge a necessidade de vários campos do saber entrecruzarem seus conceitos, tanto que venham a responder a novos questionamentos acerca do tema. Assim, Gondar (2005, p. 15), referindo-se à Memória Social, afirma que “o conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas”, sendo para a autora um conceito interdisciplinar. Portanto, um conceito que não tem apenas o intuito de reunir conteúdos que levem a um consenso entre as disciplinas, mas sim de promover novas ideias através de estudos transversais.

Olhar a cultura africana e sua influência para a construção identitária do Brasil é de suma importância em pesquisas acadêmicas. Devemos estar atentos ao fato de como a cultura africana foi diluída durante os séculos por uma sociedade dominante, no afã de subordiná-la a padrões culturais a ela externos. Prandi (2005) afirma que até mesmo os próprios afrodescendentes muitas vezes têm dificuldade em identificar sua própria origem, tampouco os aspectos culturais, de maneira que a impressão que

se tem é que a cultura brasileira teria apagado suas fontes. Ainda nesta direção, Prandi (2005, p. 168) nos diz que,

Não sem a ocorrência de mudanças, acréscimos e perdas, por um processo que vislumbra dar sentido a memória e a identidade do negro na diáspora, num jogo que o povo de santo imagina apenas como pleno de mistérios perdidos e segredos guardados.

A partir dessa ideia, volto atenção ao Rio Grande do Sul na presente pesquisa, onde floresce tanto o Batuque quanto a Umbanda enquanto opções religiosas. Na Bahia, a religião Afro-brasileira de culto aos Orixás chamou-se de Candomblé. Já no Rio Grande do Sul, o culto aos Orixás passou a chamar-se de Batuque, este organizado em grupos de Nações como Oyó e Ijexá (PRANDI, 2005).

Mesmo não sendo diretamente objeto desse estudo, acreditamos importante dedicar esse parágrafo sobre como estudiosos definem o movimento pela América Latina de práticas religiosas africanas, através do termo transnacionalização, visto como espontâneo, já que depende única e exclusivamente das iniciativas de pais e mães de santo e seus iniciados, independente da máquina estatal. Oro (1999, p. 157) contribui a partir de seus estudos, quando afirma que,

As religiões Afro-brasileiras são atualmente transnacionais, já que se espalharam por todos os países da América Latina, assim como América do Norte e Europa e o Rio Grande do Sul tem uma expressiva representatividade nessa propagação do Axé, já que teve um papel importante nesse processo.

No culto africano, todo o ritual é dirigido por um Babalorixá, que, segundo o vocabulário Afro-brasileiro de Castro (2001), significa pai de santo, podendo este líder espiritual ser do sexo masculino ou feminino, visto ainda como autoridade máxima pelos seus seguidores e iniciados. O Babalorixá ou Babá serve como uma espécie de detentor do poder religioso, responsável pela transmissão oral do conhecimento aos seus iniciados. Na valorização da oralidade, Trindade (2017, p. 224) afirma que “memória oral é a verbalização da nossa memória”, na qual “grupos e indivíduos articulam suas experiências passadas formulando uma narrativa histórica acerca de suas trajetórias”. Também é tida, para a autora, como uma das formas mais antigas da humanidade na transmissão e consolidação das narrativas.

O Babalorixá ou pai de santo possui inúmeras atribuições dentro do Terreiro e é visto, tanto pela sua família espiritual quanto pela comunidade na qual está inserido,

como uma figura a ser respeitada, servindo como um exemplo a ser seguido. Ele não está sozinho nessa caminhada espiritual, pois conta com o auxílio do grupo que se encontra a sua volta. Referindo-se à relação entre o Babalorixá e seu entorno imediato, Cossard (2008, p. 67) defende que,

o chefe de um Terreiro não age sozinho, pois conta com a ajuda de muitas pessoas sob suas ordens [...] a cabeça desse verdadeiro organismo, e os que o cercam são seus braços e pernas. Esse entrosamento vai exigir uma disciplina severa, muita abnegação e sacrifício. É uma escolha para o resto da vida.

As consultas aos búzios têm diversas utilidades práticas na religião africana, já que os mesmos servem como forma de comunicação entre os mortais e os deuses, permitindo conversar com o invisível para obter respostas sobre questões de ordem física, psicológica ou espiritual (COSSARD, 2008). Um dos preceitos de todo o iniciado na religião de matriz africana é a consulta aos búzios por seu pai de santo, a fim de que os Orixás respondam qual é o seu Orixá; desta forma, o iniciado poderá cumprir todas as exigências da divindade.

No Batuque gaúcho, diferentemente do Candomblé, o iniciado não sabe em hipótese alguma a chegada do Orixá em seu corpo durante os rituais. Esse é um fundamento considerado muito importante, um segredo que deve ser guardado por todos que ali frequentam. Para os seguidores e iniciados, quando ocorre o transe do pai de santo, tal momento é visto como muito importante nessa relação entre o ser humano e o Orixá. É através dessa espécie de possessão que Orixá e o homem tornam-se um só e as características particulares da divindade se tornam evidentes, Verger (2002, p. 10) diz que,

o Orixá é uma força pura, axé imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo Orixá, um de seus descendentes, é chamado de elégùn, aquele que tem o privilégio de ser “montado”, por ele. Torna-se o veículo que permite ao Orixá voltar à Terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram.

Bastide (2001, p. 238) sugere ainda que não é somente durante a possessão ou dança estática que ocorre uma apropriação das características da identidade do Orixá, mas também na vida cotidiana e no comportamento do filho de santo. Cita o texto de René Ribeiro, o qual diz que “pertencer a uma dessas divindades individualizadas tem significado particular para o indivíduo, como indício de boa sorte

ou de poder mágico, pressupostos que por certo influenciarão sua conduta”. É exatamente na constatação desta apropriação das características do Orixá na vida social de seu filho, que partimos neste projeto. Portanto, nosso problema de pesquisa remete diretamente a esta constatação de Bastide (2001), uma vez que o iniciado estaria entre dois mundos: seu destino pessoal e a ligação com a divindade, uma espécie de relação entre o natural e sobrenatural na qual o homem aspira ao Orixá e este por sua vez modela esse desejo.

As narrativas de memória de Pai Paulinho farão parte como material escrito do Relatório de Pesquisa. Os textos transcritos a partir das entrevistas servirão de subsídios para as produções que contarão sua trajetória identitária, assim como a forma que consolida sua imagem para a sociedade tanto na esfera religiosa quanto política. Assmann (2011, p. 289) cita Lutz Niethammer, ao afirmar que,

a entrevista memorativa está codeterminada muito mais pelo fato de que a memória seleciona e condensa, de que elementos da recordação se compõem e são processados linguisticamente com base em padrões de interpretação adquiridos no intervalo de tempo ou na conformação adequada a comunicação, e pelo fato de que tais elementos são influenciados por mudança nos valores socialmente aceitos e pela interação sociocultural.

As narrativas consideradas autobiográficas devem ser analisadas como um discurso que se estrutura para revelar acontecimentos, ações ou até mesmos estados, mas também inserir antecipações e projetos futuros. As narrativas e sua estruturação por parte do sujeito estão ancoradas na escolha do que será dito conforme suas intenções: o universo no qual ele se encontra, seus valores e imaginário dos que ali se inscrevem (PROCÓPIO, 2016). Sob essa perspectiva, as crenças têm um papel decisivo no discurso, já que a transmissão cultural na religião africana se dá pelas narrativas que são transmitidas através de gerações e, assim, consolidam essas representações coletivas.

A autobiografia é entendida por diversos estudiosos do campo de estudos da memória como um esforço individual do entrevistado, através do seu discurso, em criar uma narrativa em que seu eu tenha coerência e significação. Bourdieu (1996, p. 188) acredita que “o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação social de si [...] curriculum vitae, biografia oficial, bem como da filosofia oficial que o sustenta”, num esforço através dessas narrativas de moldar sua imagem

como digna de admiração e de legitimar sua conduta tanto da esfera religiosa quanto da pública.

Bourdieu (1996) acredita que a vida pode ser imaginada de forma coerente e que isso não passa de uma ilusão biográfica. O sociólogo francês parte, portanto, de uma visão sartreana sobre a ausência de relação entre os acontecimentos vivenciados e um significado maior que torne a existência significativa. Apesar desta visão existencialista, Bourdieu mostra que os indivíduos estão ancorados em um “projeto original”, que valoriza essas motivações como significativas de suas vidas. Neste projeto individual, a memória social e a religião desempenham um papel preponderante. Muito comum nas autobiografias, encontrarmos nas narrativas expressões como: desde pequeno, já na infância, sempre gostou; como forma de justificativa desse entendimento sobre como sua vida será contada (PROCÓPIO, 2016).

A autobiografia foi vista por críticos literários franceses como uma espécie de fabulação de si, num esforço de contar sua trajetória de forma heroica, dando sentido cronológico aos acontecimentos. Além da cronologia, devemos estar atentos ao fato da criação de fatos totalizantes, já que os eventos narrados tendem a ser construídos tanto pelo biógrafo quanto pelo biografado, para dar sentido à vida do indivíduo. Trindade (2017, p. 27) contribui em seu verbete sobre autobiografia o conceito deixado por Lejeune como,

o relato retrospectivo que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ênfase recai sobre a sua vida individual, e em particular na história de sua personalidade, tendo para si próprio uma interpretação subjetiva do eu nessa fabulação.

Como a pesquisa está interessada em compreender a identidade de Pai Paulinho de Odé, as suas narrativas são aqui encaradas como autoficções. Duarte (2010, p. 32) cita Lecarme em seu estudo para definir autoficção como “um termo híbrido, intervalar, entre romance e autobiografia”, pois se utiliza de traços de uma memória individual que transita entre o espaço, tempo e as impressões vivenciadas de forma coletiva durante sua existência.

O líder religioso nos cultos africanos, como a exemplo do Batuque gaúcho, está inserido em um discurso fundamentado a partir de narrativas orais ouvidas de outras gerações. Para Silva e Silva (2005), os discursos são historicamente determinados.

Em suma, o discurso é uma “prática de linguagem, isto é, uma narrativa construída a partir de condições históricas e sociais específicas” (SILVA; SILVA, 2005, p. 101). Para os autores, o sujeito “não é responsável pelos significados que existem em seu discurso, uma vez que nenhum discurso é de autoria exclusiva de seu autor, já que todos os indivíduos fazem parte da mesma memória coletiva” (SILVA; SILVA, 2005, p. 101). Como a própria memória tem uma dimensão narrativa (RICOEUR, 2007) e claramente social (HALBWACHS, 2006), compreendem-se as articulações conceituais acima discriminadas e que nos conduzem para a análise da construção memorial e identitária de Pai Paulinho de Odé.

Seguindo esse percurso teórico, a análise das narrativas poderá confirmar ou não se Pai Paulinho também se apropriou dos traços do Orixá Odé durante a construção de sua identidade. Além de Bastide (2001), a influência do Orixá na construção identitária do adepto da religião africana foi defendida por Cossard (2008, p. 172),

ao observarmos as iniciadas de um mesmo tipo de Orixá, podemos notar que elas possuem, com muita frequência, traços comuns, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Os corpos parecem ser conduzidos por forças semelhantes que os animam. O tipo Odé é maleável, nervoso, refinado e interessa-se por tudo.

Ao levarmos em conta a característica da religião africana ser fundamentada através da oralidade, a memória tende a cumprir um papel importante, porque são a partir dessas recordações armazenadas pelos indivíduos e evocadas voluntariamente, fruto de seus saberes e crenças pelas quais o indivíduo forma sua identidade social (CANDAU, 2012).

Sobre memória individual, Halbwachs sugere que esta se relaciona com a memória coletiva, já que a recordação só é possível “quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo” (2006, p. 36). Tal conceito proposto pelo autor apoia-se na teoria “dos quadros sociais de memória” (família, vizinhos, grupos religiosos, etc.), fundamentais na percepção e reconstituição de uma imagem do passado (GRAEFF, 2017, p. 156).

Considerando as discussões sobre memória, Graeff (2017, p. 157) diz que “a memória coletiva é composta de quadros sociais e representações coletivas, atividade mnemônica individual desenvolver-se-ia em uma relação de dependência com a

memória coletiva”. Visto que o culto da religião africana é praticado por diversas pessoas (coletivo) e fundamentado a partir de uma cultura baseada em narrativas orais, não se podem deixar de lado tais reflexões baseadas em conceitos de memórias coletivas para um melhor entendimento sobre seus costumes e tradições.

A religião africana caracteriza-se como uma modalidade de cultura mítica, apoiada nas narrativas de memória oralmente transmitidas. Segundo Prandi (2005, p. 32),

a religião é a ritualização dessa memória, desse tempo cíclico, ou seja, a representação no presente, através de símbolos e encenações ritualizadas, desse passado que garante a identidade do grupo – quem somos, de onde viemos, para onde vamos?

Nos registros sobre história da antiguidade, os anciãos seriam os mais sábios por deterem muito conhecimento acumulado. Sabe-se que, antes da escrita, a oralidade seria a forma de transmissão dos saberes e servia para a consolidação das tradições de determinado grupo social. História e práticas sociais estão intrinsecamente vinculadas ao uso da memória e oralidade para as ciências humanas. Le Goff (2003, p. 477) afirma que “memória onde cresce na história que por sua vez a alimenta procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Interagindo com narrativas orais, o uso da fotografia assume uma função evocativa da memória na atividade de rememoração, visto que “sempre fotografamos para recordar aquilo que nós fotografamos, para proteger a experiência duradoura da confiabilidade da memória” (FONTCUBERTA, 1997, p. 58). Um registro fotográfico congela determinado momento ajudando, através da imagem, a consolidar a identidade e a sensação de pertencimento a determinado grupo social.

Em relação ao uso da fotografia em nosso projeto, será trabalhada como suporte de memória. Sendo assim, as fotografias são aqui encaradas como registros importantíssimo, dotadas de uma aura de facticidade, conforme visto por Assmann (2011, p. 238),

a fotografia, no entanto, funciona não apenas como analogia da recordação, ela também se torna o médium mais importante da recordação, pois é considerada o indício mais seguro de um passado que não existe mais, como estampa remanescente de um momento passado. A fotografia preserva desse momento do passado um vestígio real com que o presente está ligado por contiguidade, por contato: a fotografia é literalmente uma emanção do referente.

O Terreiro ou Ilê, onde ocorrem os rituais religiosos pode ser visto como uma escola do conhecimento responsável por outorgar os títulos a seus iniciados. Lody (1987, p. 9) sustenta que “na relação memória milenar e grandes transformações, os modelos africanos encontram sustentação na história oral, forte e predominantemente, em que as regras e papéis de homens e mulheres são geralmente determinados pelos cargos e funções”.

Para os seguidores que fazem parte da religião africana, o local onde ocorre o culto é digno de respeito como qualquer outro e deve ser erguido como reconhecimento ao Orixá. Para Lody (1987, p. 18), “o santuário é o espaço destinado à guarda, à fixação, à atribuição e à perpetuação do axé, estando situado num conjunto de elementos materiais e mágicos” que seriam responsáveis para a manutenção da fé entre os envolvidos. Na mitologia dos Orixás, existe uma narrativa sobre a criação do mundo e sobre como tais entidades interferem na vida cotidiana, aos que não se identificam com a religiosidade Afro-brasileira tal percepção pode não ser relevante, porém aos iniciados isso interfere diretamente em seus comportamentos.

Para nosso trabalho, é importante ver como os símbolos, os ritos e os mitos dão significado existencial e são responsáveis pela rememoração religiosa explicando a dinâmica da fé. Neste sentido, Halbwachs (2004, p. 256) atenta sobre a diferença entre ritos e crenças e nos diz que,

los ritos consisten en un conjunto de gestos, palabras, objetos litúrgicos, fijados en una forma material. [...] el rito es quizás el elemento más estable de la religion, puesto que se refiere a procedimientos materiales reproducidos de modo permanente.

Toda a contextualização apresentada na revisão bibliográfica tem como objetivo trazer conceitos de autores que venham a contribuir para a reflexão do projeto de pesquisa, estando aberto a sugestões do corpo docente do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

3.6 Metodologia

O trabalho a que nos propomos será embasado a partir de entrevistas elaboradas com Pai Paulinho de Odé e fundamentado com as percepções dos autores sinalizados no referencial teórico.

Como Pai Paulinho é morador e cidadão canoense, com Terreiro aberto aproximadamente há 22 anos, será nesse local onde possivelmente serão realizadas as entrevistas, obviamente com data previamente agendada.

Como descrito na justificativa desse projeto, a proximidade do mestrando com o sujeito foi facilitador no contato prévio com o mesmo. Quanto às entrevistas, essas seguirão o protocolo metodológico previsto por Alberti (2005) enquanto norma de pesquisa. Portanto, faremos as entrevistas, transcrevê-las-emos, enviá-las-emos para Pai Paulinho para leitura; em seguida, será assinado o Termo de Consentimento.

Alberti (2005, p. 174), contribui sobre o processo de transcrição das entrevistas,

na passagem da entrevista da forma oral para a escrita, a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores. Trata-se de um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado.

As entrevistas serão exclusivamente com Pai Paulinho de Odé, e como não partiremos de um roteiro com questões fechadas, permitindo que ele fale de forma livre, poderão ser necessários alguns cortes temáticos para não tornar as narrativas de memória muito extensas.

4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ENVOLVIDAS

Como proposto para esse estudo, foram realizadas entrevistas com Pai Paulinho de Odé, em dias e horários previamente agendados. Todas ocorreram no salão principal do Terreiro, apenas eu e o dirigente espiritual. Optamos pelo modelo de entrevistas abertas, apenas com eixos temáticos, deixando Pai Paulinho falar livremente e como forma de registrar os áudios, utilizei um gravador para posteriormente as narrativas serem transcritas de forma literal.

Para compor o Relatório Técnico de Pesquisa, iniciarei com uma breve biografia de Pai Paulinho de Odé, o Termo de Referência do Terreiro, o material coletado fruto das narrativas memoriais transcritas e por fim todos os textos que foram produzidos durante o período de desenvolvimento do estudo.

4.1 Biografia de Pau Paulinho de Odé

Figura 1 – Pai Paulinho de Odé



Fonte: Jornal Grande Axé.

Paulo Rogério Ambieda, nasceu na cidade de Canoas – RS, no dia 02 de agosto de 1971. Iniciado ainda jovem na religião de matriz africana, assentou seu Orixá com dezoito anos. Abriu seu Terreiro no ano de 1998 e desde então é dirigente espiritual na rua Chico Mendes, n.351, no bairro Vila João de Barro na referida cidade. É responsável pelo Centro Comunitário “Nossa Comunidade”, localizado na mesma rua do Terreiro. Além de suas atividades com pai de santo durante toda sua trajetória ele também se envolveu na política e foi vereador por dois mandatos consecutivos nos anos de 2012 e 2016, na cidade de Canoas, onde trabalhou em prol de projetos que reafirmavam questões relativas a representatividade das religiões de matriz africana e direitos dos grupos LGBTQIA+.

Casado com Vani Berenice, pai de quatro filhos Rogério, Paola, Paula e Juan. Pai Paulinho reside no mesmo local onde está localizado o Terreiro, desde a época da ocupação da área de terras que pertenciam ao IRGA¹ até a presente data.

Atualmente, está à frente do Terreiro e coordenando as ações sociais que o Centro Comunitário oferece aos moradores locais.

4.2 Termo de Referência

Dados de Identificação

Nome da instituição: Comunidade Terreiro e Fraternidade de Umbanda Pai Oxóssi das Matas e Ilê de Odé Tolobum

Nome do responsável: Paulo Rogério Ambieda

Endereço: Rua Chico Mendes nº: 351 – Vila João de Barro – Canoas/RS

Telefone: (51) 99583-0205 (c/ Pai Paulinho de Odé)

Tipo de Instituição: natureza privada aberta a comunidade.

Dias e horários de atendimento ao público: De segunda-feira à sexta-feira das 9 h às 18 h desde que com horário pré-agendado.

Características Gerais da Instituição

Data de fundação: o Terreiro de Pai Paulinho de Odé foi erguido com a ajuda de alguns filhos de santo no ano de 1988. Com o objetivo de poder realizar atendimento

¹ IRGA – Instituto Rio Grandense do Arroz, entidade pública, como autarquia administrativa do RS, subordinada a Sec. Est. de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural.

a toda a comunidade religiosa que já seguia o sacerdote religioso e também dar como forma de gratidão uma casa ao Orixá Odé.

Especialidades da instituição: a instituição é um Terreiro que possui como característica principal a disseminação e valorização da cultura de matriz africana. Nesse espaço ocorrem praticas religiosas com frequência semanal e estando aberta a toda comunidade interessada.

Missão: valorizar a cultura da religião africana, promover a interação social entre os diferentes grupos sociais e formar cidadãos de bem.

Visão: tornar o Terreiro um espaço onde não existem diferenças entre as pessoas, fazer a caridade a toda a comunidade local e consolidar o nome do espaço como referência em assistência social.

Informações Gerais

Público visitante: o Terreiro é aberto ao público em geral sem distinção de idade, raça, cor, sexo ou credo.

Acervo: possui algumas obras de escultura e quadros de artistas que não possuem notoriedade os quais foram doados a Pai Paulinho de Odé.

Publicações: Pai Paulinho de Odé possui uma página pessoal no Facebook onde divulga os acontecimentos do Terreiro.

Infraestrutura da Instituição

Área do terreno: 250.00m² (duzentos e cinquenta metros quadrados)

Área construída: 195.00m² (cento e noventa e cinco metros quadrados)

Qualidade das instalações

Acessibilidade: não possui rampas nem banheiros adaptados, porém como o terreiro é em nível com a calçada não existe empecilho para a circulação de pessoas com necessidades especiais.

Sanitários: possui dois sanitários de uso masculino e feminino.

Áreas de circulação: somente as necessárias para os frequentadores acessarem os locais de uso do Terreiro.

Segurança: não possui.

Construção: adaptada com materiais mistos (alvenaria e madeira).

Ambientes: área social, copa, banheiro masculino e feminino, salão de festas do Terreiro, Peji e áreas de circulação.

Climatização: apenas ventiladores.

Estacionamento: não possui.

Recursos Humanos

Não possui empregados fixos, como a família de Pai Paulinho reside no local todos se envolvem na manutenção do Terreiro.

Administração do Terreiro

É feita por Pai Paulinho de Odé e sua esposa Berenice.

Considerações

O Terreiro de Pai Paulinho de Odé, encontra-se localizado nos limites urbanos do município de Canoas, mais precisamente na Vila João de Barro. Por ser um bairro que em meados dos anos 90 originou-se fruto de uma ocupação, que posteriormente foi regularizado pela Prefeitura Municipal de Canoas, ali vivem comunidades menos favorecidas. Sendo, Pai Paulinho de Odé procura com o auxílio de toda a sua família carnal e de santo, realizar todo tipo de assistência social aos que necessitam. É importante ressaltar o papel social que o Terreiro cumpre à comunidade, não somente ser visto como um espaço de práticas religiosas. O Terreiro além de estar com suas portas abertas a quem necessita de acolhimento serve para preservar a memória cultural do município de Canoas.

Figura 2 – Mapa de localização



Fonte: Google Maps.

Figura 3 – Vista da fachada do Terreiro



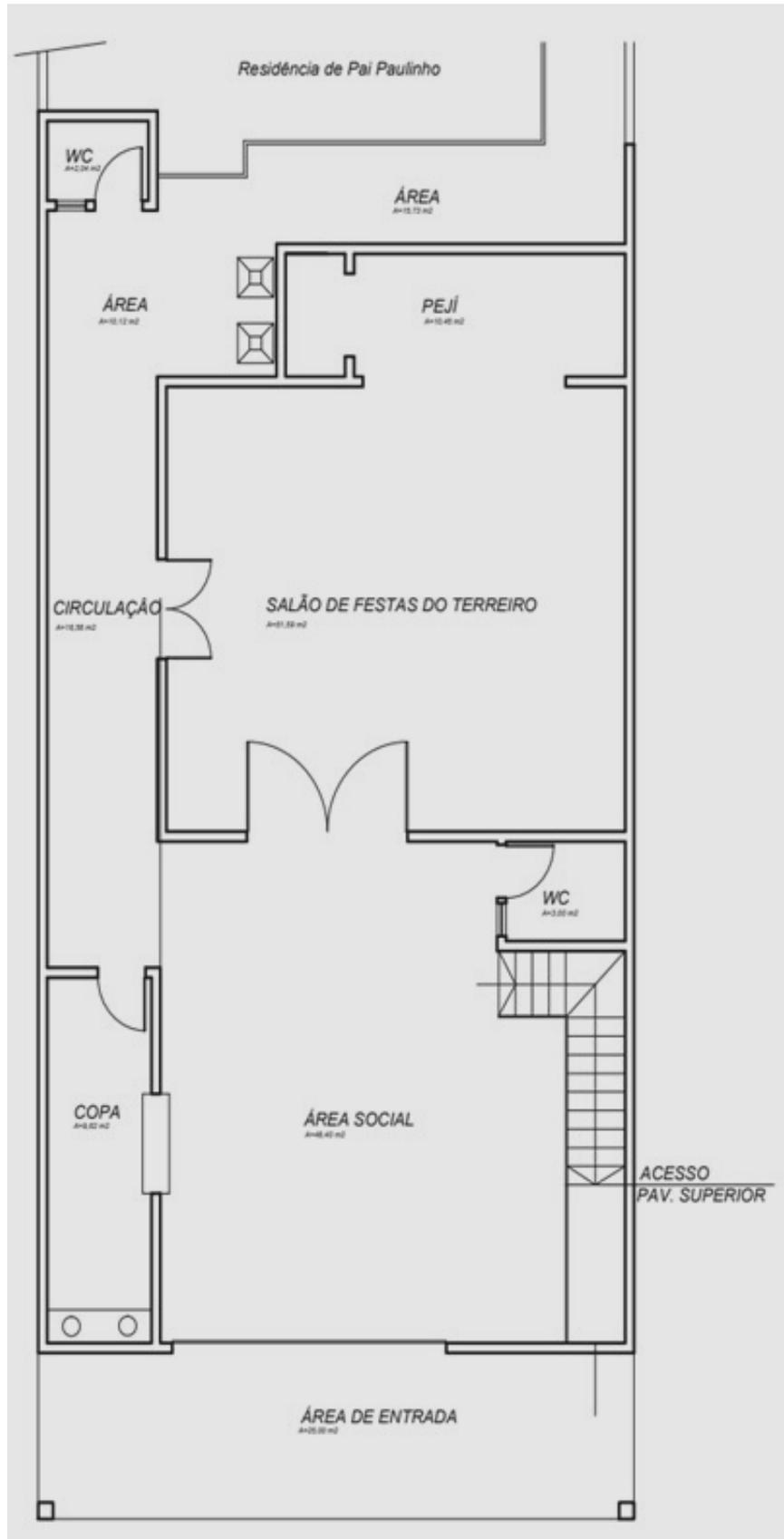
Fonte: arquivo do autor.

Figura 4 – Salão de festas do Terreiro



Fonte: arquivo do autor.

Figura 5 – Planta baixa do Terreiro de Pai Paulinho



Fonte: arquivo do autor.

4.3 Entrevistas

As entrevistas abaixo apresentadas, foram transcritas de forma literal e apresentam inclusive com erros de linguagem e estão ordenadas por data.

A primeira entrevista foi realizada no dia 16.09.19, tendo como tema a sua história de vida pessoal e sua proximidade com a religião.

Bem, ham meu nome é Paulo Rogério Ambieda. Eu nasci no dia dois de agosto de 1971, na rua três de outubro eu nasci em casa. Foi ham, vim ao mundo com a ajuda de uma parteira a dona Maria que já tá no céu, já tá na luz é eu nasci na rua três de outubro do lado do ferro velho da dona Flávia do rebolado, que tem até hoje lá, nasci em casa e ai enfim eu nasci ao contrário, eu nasci pelos pés e a minha mãe já era umbandista a mais de vinte anos e a terreira de Umbanda nossa era da mesma rua umas cinco ou seis casas de onde nasci. Ai momentos depois que eu nasci, segundo a minha mãe, eu tive um parto muito difícil e aí tive, fiquei vermelho, ham dizem que eu acabei bebendo um pouquinho da água do parto né, e aí eu fui levado momentos depois ao congala de Umbanda aonde eu cuspi a água e fui entregue a Umbanda e melhorei, enfim. Tive vários problemas de pulmão, depois vou falar sobre isso, então eu me criei nesse Terreiro de Umbanda na rua três de outubro seis ou sete casas depois da onde que eu nasci, no bairro Rio Branco na rua do dique, famosa rua do dique, atrás do Frigosul aonde eu joguei bola também no Frigosul e aí ham, eu me criei na terreira ali da falecida mãe Maria Tereza do Cacique Arranca Toco entidade espiritual da Umbanda dela e da nossa senhora Oxum Doco mas, ela praticava muito mais a Umbanda. Então eu me criei ali junto com minha mãe, a minha mãe era uma das filhas mais antigas, a Telma Ambieda da Jurema e, da Cabocla Jurema, entidade da Umbanda e Orixá Oxum na nação que a minha mãe graças a Deus e aos Orixás está viva até hoje. Então a minha vida foi em volta daquele Terreiro e é naquele Terreiro eu aprendi junto com a minha família o entendimento de união de unidade, ham o conceito Ubuntu de darmos as mãos de resolver de forma cooperativo, cooperação as coisas, a importância de passar um certo sacrifício ham trabalhando, ajudando no Terreiro limpando dia e noite. Bem desde muito cedo dentro da barriga da minha mãe eu tinha a segurança de Umbanda e muito cedo eu fui fazendo meus rituais já com nove, ou dez anos de idade eu já fazia parte da corrente e já tinha cruzamentos e aí eu fiquei, uma parte das minhas tarefas da, da entre outras era abrir a porta para quando as entidades iriam cumprimentar o povo de rua, saldar a rua e isso que eu fiz por alguns anos. Então com treze anos, final dos meus treze anos eu comecei a sentir vibrações e naquela época a Quimbanda o culto a Exu era, é e sempre foi e sempre será uma linha da Umbanda apesar de ter sido proliferado, mas naquela época o culto a Exu era muito mais complexo, muito mais minucioso e muito mais difícil e também difícil de compreender tratando-se que é de uma entidade que, é uma entidade que busca a luz a evolução mas, que é a entidade mais material de todas né, então tem toda uma relação mais próxima do ser humano e que infelizmente uma parte ainda banaliza hoje. Então naquela época era um sigilo, um segredo muito em questão do Exu do Quimbanda. Então com quatorze anos de idade eu não consegui me controlar me senti como se tivesse caído em um buraco negro, a primeira entidade que eu recebi foi o seu Sete Covas que veio em uma sessão de Umbanda. Seu Sete Covas é um índio mas, que vinha pela linha da Quimbanda ou seja, Exu Sete covas então naquela época tu receber um Exu primeiro era algo inaceitável, difícil, raro mas aconteceu comigo ai uma semana depois eu recebi o meu Preto Velho, uma semana depois eu firmei o meu caboclo Tupimirim que depois deu passagem para Oxóssi né, em

seguida já deu passagem para Oxóssi que virou meu cacique pai Oxóssi das matas na Umbanda e ali eu já tinha quase todos os cruzamentos enfim. Mas ham eu percebi que eu precisava de um elemento a mais e a dona Tereza na época não tinha, então nesse momento concomitante com tudo isso eu conheci o pai Neco de Oxum (Paulo Renato Vergali) da nação de Jeje e aí em seguida eu iniciei o, em torno de quinze anos de idade iniciei na nação de Jeje onde eu fiz minha iniciação, mineró inicial coberto, em seguida depois de um ano e meio ou dois fiz bori, enfim fiz obrigações com ele que acabou assentando os meus primeiros oito Orixás ham, onde eu fiquei em torno de sete anos na mão dele e depois por questões pessoais, é meu amigo até hoje eu considero como pai até hoje. Fui para a mão então, fui para a casa do pai Luís de Oxalá, de Oxalá Bocum ham, aonde eu fiquei mais seis anos também e o pai Luís terminou de me cacicar na Umbanda, eu tinha todos os cruzamentos mas eu não fui cacicado, o pai Luís de Ogum Mege o caboclo Ogum Mege, o mesmo pai Luís de Oxalá e, pai Luís do bairro Rio Branco, conhecido como pai Luís Amaro e também terminou de fazer meus doze Orixás eu tinha oito e me reaprontou ou me cobriu o meu aprontamento. Então com vinte anos, dezenove, vinte anos eu já era Babalorixá, vinte e dois, vinte e três anos se não me falha a memória né, e o pai Odé agora ano que vem em termos de aprontamento faz 30 anos está com 29 anos (2019), vai fazer 30 anos ano que vem (2020) a gente quer fazer um ato muito simbólico, além dos rituais e das festas dele, eu tinha, eu to com 48 vou fazer 49 então quando eu assentei no pai Neco eu tinha 19 anos, quando eu assentei o pai Odé a gente conta a partir do assentamento isso foi em, tirando ano que vem 2020 menos 30, 1990 isso? Isso. Fazendo as contas aqui. Bem hem, concomitante a tudo isso paralelo a tudo isso eu sempre sou uma pessoa ham, a minha família é muito humilde, muito simples, muito pobre com muita dificuldade ham mas, a religião me ensinou a ter perseverança, ter força a gente ter alguém para conversar é muito importante. Eu queria lembrar de alguns tópicos que foram marcantes aqui na minha vida primeiro quando aconteceu esse episódio de incorporar o Exu primeiro eu era muito novo 14 anos de idade passa mil coisas na cabeça da gente inclusive insegurança das pessoas que vinculam o Exu ao próprio demônio, nós nem temos a figura específica do demônio na nossa religião nós temos é sincretismo e místicas simbólicas para alguns rituais que misturam a quimbanda mas eu não reconheço esse tal demônio na Umbanda nem na nação né eu não cultuo esse, não duvido que ele exista mas não potencializamos isso nós cultuamos espíritos encarnados em processo de evolução que nos traz elementos para a nossa evolução também, conhecimento e que tem condições de aconselhar para nos auxiliar para evoluir. E teve um momento que eu nos meus 14 anos me confidenciei para minha vó que para mim era minha mãe também que me ajudou a me criar, que minha mãe tinha que sair e a minha vó que me criava era, pra mim a minha vó é tudo até hoje e uma pessoa extremamente espiritualizada. A minha vó ela ia domingo na missa, ela pegava um copinho de água e rezava com o pastor Marino Moreira do radinho e tudo que ela rezava para o pastor ela ia no missa dos católicos, ela acreditava nos evangélicos e segunda feira era a sessão de Umbanda tomar passe com a Jurema da minha mãe e com a Pomba Gira da minha mãe as Sete Encruzilhadas. Então ela entendia que as religiões eram caminhos como diz Mahatma Gandhi que quando feitas para o bem levam para o mesmo lugar que para a evolução. Bueno e um dia eu entrei, uma semana eu entrei em momento ali eu entrei em dúvida do que realmente seria o meu destino religioso, eu nunca vou me esquecer desse episódio que eu conversava muito com minha vó e eu muito triste chorando dizia para ela que eu amava a Umbanda, mas, que eu não compreendia o Exu. Será que eu estava tomando os caminhos certos na minha vida?, Aí eu lia muito, naquele momento eu estava lendo muito alguns livros de Allan Kardec de espiritismo que tem uma grande identidade com a Umbanda, que inclusive o Kardecismo é uma raiz, é a principal raiz da Umbanda né, é a raiz da Umbanda que depois misturou

alias Umbanda é a religião genuinamente brasileira formada e formalizada aqui no Brasil por Zélio Fernandino de Moraes que era um médium espírita eu to dando um elemento aqui em 1908 no Rio de Janeiro no dia 15 de novembro primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas mas, voltando [risos] voltando aqui no nosso assunto eu estou falando de forma bem despojada depois que alguém vai transcrever aí organizar isso tudo, depois tem que ver a ordem cronológica disso, que eu vou misturar as ordens de ano e vocês vão ter que voltar atrás. Bom enfim, e aí eu estava em uma situação bem difícil e a minha vó me deu um conselho ela não era conhecedora de uma religião, ela era conhecedora da vida e da espiritualidade tanto que ela frequentava três e tudo dava certo para ela e esse é o mundo que nós imaginamos que as pessoas possam ir nas outras religiões ser respeitadas enfim ou não mas, serem respeitadas é isso que nós buscamos, nós buscamos respeito não é tolerância, tolerar é engolir a gente procura o respeito um conceito muito acima de tolerar.

Bueno, e aí eu pedi um conselho para ela, o que que eu devo fazer? Eu estava lendo um livro espírita e ela disse o seguinte para mim, hoje tu vai dormir mais cedo, não janta, nunca vou me esquecer ou então come só uma frutinha e vai dormir mais cedo, e eu estava com insônia aquela época, como é que eu vou dormir mais cedo né? Ham preocupado né, dorme e reza como tu nunca rezou na tua vida do teu jeito, ela me disse primeiro tu agradece a Deus, depois tu pede perdão porque a gente sempre por maldade ou não, voluntário ou involuntariamente a gente erra e depois tu faz teus pedidos. Primeiro tu agradece, depois tu pede perdão e depois tu faz teus pedidos, para tu ver como ela era espiritualizada, mas faz isso com muita força de pensamento e pede para que Deus te de um sinal, te de uma luz, que ele vai te dar. Aí eu lendo o livro eu tinha uma prática que tomava três goles de água antes, também se limpava a mente eu fiz o que o livro dizia e fiz o que a minha vó dizia, as duas coisas junto, eu dormi e entrei em transe, o sono mais profundo da minha vida, mais profundo da minha vida e naquele momento ham, eu só tinha incorporado umas duas ou três vezes com esse Exu e eu conheci naquele momento eu acordei dentro do sonho mas era um sonho tão real que teve um momento que eu me belisquei que quando eu acordei eu estava com o braço todo machucado de ter me beliscado aquele não parecia ser um sonho. Eu acordei num portão gigante de ferro, depois eu percebi que era um cemitério que parceria muito com esse da Barreto aqui em Canoas mas, eu acho que não era tinha, tinha ham, identidade era parecido mas não era o mesmo cemitério e ao mesmo tempo que eu tinha medo, ao mesmo tempo eu tinha que ter coragem porque eu sabia que aquilo ali era um esclarecimento para mim e alguém me chamou, me chamaram psiu, ei, ei venha cá, venha cá, venha cá, com sotaque nortista, nordestino. Alguém me chamava e aí eu olhei para aquele outro portão maior ainda e fui caminhando em direção aquele portão, tinha vários portões e tinha um maior eu sozinho de noite e aí eu olhei assim e tinha uma imagem de São Jorge gigante na frente do portão. São Jorge com a cruz no peito que para nós da nossa Terreira lá na época era o Ogum Mege, que hoje até mudaram um pouco as características, mas, é por questões de imagem né, mas aquela imagem gigante de gesso né na frente do cemitério com São Jorge com a cruz no peito. Eu pedi, eu saldei São Jorge e aí eu vi que tinha uma pessoa vestido todo de branco chapéu branco, sapato preto e branco, uma gravata preta e o chapéu enfiado no nariz e com a cabeça baixa que me chamava, me chamava e com as mão para trás, ele não mostrava as mãos e nem o rosto ele dizia: tu pode confiar em mim eu sou teu amigo, eu estou aqui a pedido dos Orixás, eu sou mensageiro dos Orixás. Eu nunca vou me esquecer tanto que foi feito um ponto com essa história agora, depois eu vou cantar para vocês:

- eu sou mensageiro eu preciso te falar, eu preciso conversar contigo, eu preciso te dizer realmente e que a gente é.
- aí eu digo mas vocês não são do mal?
- não nós não somos do mal.

- aí eu disse, mas todo mundo diz que vocês são demônios.
- aí ele riu “eu nem conheço esse rapaz aí, não conheço esse senhor que tanto falam, até gostaria de conhecer, mas, ainda não conheci.
- mas o que tu é? Tu é um espírito que tu é?
- eu sou um espírito” ele disse “eu já desencarnei, mas eu preciso que tu entre aqui.

Ele estava no lado de dentro do portão e eu estava do lado de fora.

- preciso que tu entre aqui para mim te explicar.
- não vai me acontecer nenhum mal?
- Não, não vai.

Eu fui entrar e ele:

– primeiro tu bate com o pé esquerdo três vezes e pede licença a Ogum Mege, a Exu Porteira e Exu Omulu e o Povo das Almas pra entrar aqui. Ai eu fiz o que ele disse ai me bateu aquela coragem assim que eu percebi que eu tinha que fazer aquilo, entrei. Eu tinha 14 anos de idade não tinha noção nenhuma de Exu né, só muitas poucas coisas que as pessoas falavam, não tinha um conceito formado e ele foi me falando os reinos dos Exus dentro do cemitério e foi me contando as escalas de Exus e os Exus quando trabalham devem essencialmente trabalhar para o bem eles são mensageiros de entidades evoluídas como cabocio, preto velho e as divindades da natureza que são Orixás, Inquices e Voduns, eles são ham mensageiros dessas entidades e divindades. Eles têm o livre arbítrio e que grande parte deles são antepassados nossos tataravôs, tataravôs que vem com nome e função de um Exu chefe de falange porque nós temos um resgate com eles, porque nós fizemos mal a essa pessoa ou essa pessoa fez mal a nós e hoje eles vêm na gente, não digo que todos, mas uma boa parte deles ele me disse que são antepassados nossos bisavôs, tataravó tataravô são ligados a nós por isso que nós recebemos eles com nome de Exu Caveira, com nome de Tranca Rua. Ta ai um elemento para refletir quem é da religião, não digo que todos tem uns mais ancestrais, por exemplo, o Sete Covas se é um antepassado meu ele é muito mais antigo como os orientais, tem Exus que vieram diretamente da África mais são muito mais ancestralizados né. Enfim, mas ele começou a me contar uma versão totalmente diferente do que eu tava preocupado que fosse mas dependia do nosso livre arbítrio, o livre arbítrio deles dependia do nosso, a missão religiosa deles dependia da nossa, então ele tem as características bem diferentes de nós em alguns aspectos mas, a dependência deles do nosso livre arbítrio é muito grande, eles agem muito mais com a nossa decisão do que nós pela decisão deles. Já os Orixás e as entidades de luz mais evoluídas é diferente né. E ele me explicando dessa evolução do Exu, dos Exus sendo mensageiros, e grande parte deles antepassados nosso e agem sobre o nosso livre arbítrio. Ele me disse ham, me fez uma previsão e contou a história dele ele chamava-se esse o plano encarnado quando vivo na terra chamava-se João Paulo da Silva, o nome dele, ele morreu com 17 anos de idade, novo, jovem morreu queimado ele era filho de branco com negro ham, um caso que era normal na época da escravidão do Brasil colonial enfim, o dono da fazenda onde ele trabalhava, onde ele era escravizado ham, estuprou a mãe dele uma negra muito bonita, isso era muito comum na época, então o pai dele era dono, era um francês, um homem claro, de olho claro e uma mulher negra então ele saiu um negro de olho claro e ele era muito grande, muito bonito, segundo o relato dele, muito alto, então com sete, oito anos de idade parecia que ele tinha 15 anos de idade então ele já trabalhou muito cedo parecia que tinha 13, 14, com sete, oito anos de idade, então com 17 anos de idade parecia um homem com 30 até por causa do sacrifício né, do trabalho e da prematuridade de tudo isso e quem criou ele foi uma preta velha que se denominava vovó Rita da Calunga, depois se iluminou por uma preta velha mas, era vovó Rita a mãe dele que criou ele. E ai depois que o, que o dono da fazenda o pai dele, esse francês, percebeu que ele era realmente filho dele tirou ele das plantações do trabalho mais forte e colocou ele a cuidar do cemitério da fazenda, que toda a fazenda tinha um cemitério, então ele era uma espécie de coveiro e zelador do

cemitério. Então ele contava as peripécias dele entre tantas outras coisas né, ham e entre tantas coisas ele acabava enterrando lá os brancos da família que era uma família muito grande e acabava roubando os ternos e por isso que ele vivia, estava de terno, os ternos eram roubados [risos] dentes de ouro, anéis tudo que ia junto que ele podia de valor. Então ele tinha uma raiva muito grande do pai por ter matado a mãe dele, ter estuprado ela enfim toda a revolta contra a escravidão, então ele era tipo um rebelde político também da fazenda, um mini Zumbi dos Palmares ali jovem e por toda a rebeldia e de bater de frente com o pai dele lá e defender os escravos ele acabou brigando com um dos braços direito lá, capataz do pai dele e acabou matando essa pessoa na briga para salvar a sua vida e de outros negros e ele ham, e ele foi morto cozinhado vivo em banha quente, banha de animal e a mãe dele chorava. Fizeram isso publicamente para dar de exemplo e aí, um dia depois ela foi lá e recolheu os ossos dele, os ossos não tinha se deteriorado, todos os ossos dele, segundo ele que conta essa história. Então ele também teve uma parte aonde tinha muitas festas nesse lugar o estado era Salvador, o estado era Bahia a capital era próximo a Salvador onde era essa fazenda nessa época né, isso em meados de 1800 século XIX, século XIX no meio de 1800 ou no começo de 1800 se não me falha a memória agora e também ele era festeiro, farrista fugia da senzala para ir para as festas com as mulheres, apesar de muito novo ele era muito grande então as pessoas pensavam que ele tinha mais idade, e usava as roupas dos defuntos que ele ia, os ouros, os dentes [risos] de ouro para aproveitar as festas e concomitante a isso também cultuava a religião do Candomblé e ham, ele era de Xangô enquanto vivo e o caboclo dele da entidade de mata tinha o Boiadeira, tinha uma entidade boiadeira, sei lá, ele falou não lembro bem, era uma entidade de mata mas o Orixá dele era Xangô. Ham, enfim daí ele foi morto né e ela guardou os ossos dele e ele virou uma quiumba de Exu, um espírito de Exu, passou esses anos todos e o Exu que eu recebi o primeiro Sete Covas era muito velho e muito forte, a minha estrutura óssea quando incorpora, a incorporação do transe dele é muito forte tinha que trazer uma outra entidade mais, ham que tivesse mais condições de incorporar em mim sem me prejudicar, e ser mais público então nessa transição depois desse sonho eu comecei a receber o Caveirinha. O Sete Covas não, que é esse que eu estou contando a história, que me contou a história o Sete Covas e os Orixás mandaram ele para me contar a história que era para ele vir sete anos para preparar meu corpo o Sete Covas acabou, o Sete Covas abdicando porque o Sete Covas não se acostumou com certas modernidades da religião e o Caveirinha se adaptou até por esse lado festeiro dele, esse lado alegre é uma entidade alegre pública e ele me contou nesse dia que eu não seria rico, milionário de dinheiro mas, que eu seria muito bem de vida e eu faria coisas que ninguém nunca fez pela religião que eu faria um encontro de almas aonde eu ham, iria homenagear os líderes religiosos sem cobrar nada e eu iria reunir milhares de pessoas que eu seria um grande líder dessas pessoas. Isso eu com 14 anos não tinha a menor noção do que seria isso, eu nem estava militando em partido nenhum político nessa época, nem pensava isso né. Eu acordei, eu não vou recordar de tudo, mas durante a fala se eu recordar de mais alguma coisa do sonho. Também eu passei a estudar mais a África porque ele também me disse que era coisa que os professores não me diziam que o continente africano era o mais antigo do mundo, que o culto as divindades africanas era o culto mais antigo do mundo a partir disso comecei a pesquisar e ver que realmente ele tinha razão. Mas eu acordei convicto, firme as oito horas da manhã eu acordei feliz como se eu tivesse ganhado a copa do mundo, desde então nunca mais tive dúvidas. Então os Orixás meu caboclo Oxóssi seu Sete Covas enviaram o seu caveirinha o seu João Paulo da Silva para ele me explicar aquilo que eu não sabia com 14 anos de idade, então eu too até hoje ham, convicto que essa é a minha missão e eu fui entregue para a religião isso se eu não fosse entregue eu me entregaria porque religião não se faz por obrigação, religião se faz por dor, religião se faz por amor né, eu

acho que todos nós temos a mesma missão conceitual no mundo, evoluir e ajudar na evolução do próximo, dos outros.

A segunda entrevista, foi realizada no dia 14.10.19, focada na continuação de sua história de vida, religião e introduzimos algumas experiências em movimentos sociais.

A diferença primeiro o grande desafio é primeiro entender que a gente tem essa missão, compreender e segundo é de que forma nós temos que cumprir essa missão nem todo mundo nasceu para ser dessa ou daquela religião, nem todo mundo nasceu para ser pedreiro, ou para ser engenheiro, ou para ser médico e ai para mim tem coisas que é como os três dedos do meio da mão, os três dedos do meio da mão tem um maior, um médio, um menor, um médio e um maior o menor é o carma, o médio é o destino são coisas não tudo partes que a gente tem que passar tem que ser como missão religiosa e tem o dedo maior que é o livre arbítrio, e ai o menor é o carma mas ele é importantíssimo, são coisas que a gente tem que resgatar dessa ou de outras vidas mas, o livre arbítrio se sobrepõe, o livre arbítrio faz a gente cumprir a nossa missão ou não e se não cumprir a gente tem que voltar e resgatar e virar carma, e o nosso carma a gente tem que resgatar para evoluir, então são esses três dedos. Ai me perguntam mas o que que é pautado na sua vida o carma, ou o destino, ou o livre arbítrio eu digo os três só que livre arbítrio se sobrepõe e se a gente não cumpri aquilo que está escrito para a gente que Deus, Olorum, Olodumarê ele Zambi ele, pra mim Deus é Deusa né, é ela não é ele é ela é muito mais mulher do que homem que pariu o mundo que pariu o universo, mas Olorum Deus ham, não quer nossa infelicidade então se a nossa missão é ser é para o nosso bem, é para a nossa felicidade a gente tem que compreender isso. Bueno então acordei convicto e nunca mais tive nenhuma dúvida ai eu falei que fui para a mão do pai Luís Amaro né ham, o último pai de santo mas ai também por questões pessoais acabei me afastando em seguida ele acabou falecendo também indo para Orum parindo e ai eu tive que continuar a minha trajetória com o pai Jorge de Ogum, conhecido como pai Jorge o maio tamboreiro, o maior alabe para mim, temos grandes alabes quase iguais a ele mas, para mim foi o melhor e para muitas pessoas, foi o melhor do estado do Rio Grande do Sul nos últimos trinta, quarenta, cinquenta anos. Nós tivemos o mestre Boreu, Chamim, Jorge Belerum que está ai até hoje Antônio Carlos, grande, todos do mesmo nível mas, particularmente esses são gigantes mas o pai Jorge foi o maior de todos, acabou sendo o meu Babalorixá, Jorge que era o tamboreiro da minha terreira de Umbanda que conhece a minha mãe desde menina e acompanhou a minha gravidez inclusive né, já era meu padrinho virou meu pai de santo que nesse ano no começo do ano também terminou a sua parte aqui na terra e acabou subindo também para Orum, acabou partindo para nós não existe morte, morte é para quem não tem fé para nós, só é um desligamento, uma outra fase, uma outra parte da evolução e agora eu tenho um outro pai Jorge de lemanjá que é o meu padrinho porque com todo o respeito para mim ninguém se comanda sozinho, tem certas liberações que a gente ganha com o tempo mas ninguém se governa totalmente as liberações mas a gente sempre tem que ter alguém pela gente e eu os meus Orixás decidiram que eu vou ficar com o meu pai Jorge de lemanjá para continuar a ser o meu Babalorixá mas, nunca vou deixa de ser de outros, desses outros que fizeram parte da minha trajetória. Eu gostaria de ter tido um só, mas infelizmente dois partiram para o Orum já, três na verdade a parte da Umbanda da dona Tereza já partiu né, então, mas, isso é a continuidade da vida um dia também vai chegar meu momento, espero que seja bem distante que eu consiga fazer tudo o que eu tenho que fazer aqui ou quase tudo, mas enfim. Em concomitante a isso a minha vida como eu disse antes foi muito difícil ham, a

gente morava de aluguel com oito anos de idade, eu nunca vou me esquecer, eu acabei tomando um soco no rosto de um menino de uma outra religião porque eu tava com o meu colar, a minha guia por dentro da camisa ele disse que era do diabo, eu me revoltei com aquilo que a minha religião era do diabo dentro da escola e aquilo me marcou muito porque o pai dele ensinou que a minha religião era do diabo, eu disse que não que minha religião era de Deus era do bem e aí ele me bateu e eu bati nele, e eu acabei sendo expulso que ele era filhinho de papai e eu era um guri que ia de chinelo, as vezes até de pé no chão para a escola como milhares de brasileiros. Então isso me marcou muito e vários tipos de preconceito não só social mas, principalmente religioso que a gente sofreu isso me marcou muito então eu me indignava com isso, me revoltava com isso e vendo as outras pessoas passar também, muitos jovens dentro da escola, eu era muito brigão na escola porque eu não gostava de injustiça brigão, brigão, brigão se eu vejo um menino maior brigando com um menor eu me metia, se eu via uma discriminação, racismo essas coisas era natural, homofobia já era natural de mim sem muito a compreender isso até, acho que cada um tinha que ser do jeito que era desde que respeitasse o outro pra mim sempre foi assim mesmo sendo uma coisa, talvez o meu Orixá, o meu Orixá é o Odé, Oxóssi os Orixás da diversidade são Odé, Ossain e mais todos são, mas mais da diversidade são esses dois Orixás da biodiversidade da natureza e da diversidade humana também né então da diversidade social então acho que era isso uma compreensão que eu não tinha mas que era natural de mim. E uma infância muito difícil com oito, nove anos já vendendo picolé, pastel na rua para poder comprar um chinelo para ir para a escola, caderno muito difícil, muito difícil criado pela mãe e pala vó não conheci meu pai, só tenho uma foto dele, coisa minha mãe, mãe solteira assim como muitas outras teve que fazer horrores de sacrifício para nos criar eu e meu irmão, enfim essa era a minha vida assim como milhões de brasileiros né, década de oitenta quem viveu sabe a crise que era. Com quinze anos de idade eu vim morar em Niterói depois de muitos aluguéis e depois de sair escola e frequentar a escola né e não conseguir concluir o ano que muitas vezes eu não tinha dinheiro nem para um caderno, pra um calçado para colocar e zombavam de mim na escola por estar de pés no chão né, ou seja, uma miserabilidade difícil. Então isso desencorajava como, eu me sentia como a transexual que vai estudar e, ou o homossexual e é agredido na escola não tem vontade mais na escola e acaba muitos deles indo para a federal tendo que ham, virar profissional do sexo para poder sobreviver, a maioria não estão ali por que querem é porque, claro você dá a liberdade para cada um fazer o que quiser mas, muitos deles estão ali porque não tem a oportunidade porque foram agredidos na escola, na família e enfim na sociedade e não é diferente na questão social e também não é diferente da questão racial sendo que a homofobia e o racismo é muito pior né. Bueno então muito cedo começamos a trabalhar e isso tudo foi me revoltando, com 15 anos fui morar em Niterói, de aluguel, daí a minha mãe já estava casada de novo com o meu padrasto que era metalúrgico e que fazia parte, se não me falha a memória, primeiro ou segundo suplente do sindicato dos metalúrgicos, da direção do sindicato isso em 87 eu já tinha 16 anos aí eu conheci um grupo através do meu padrasto, um grupo de discussão de política, naquela época estava se construindo grupos, núcleos partidários, muito de discussão, e entre as discussões estava a moradia na cidade de Canoas, a cidade Canoas naquela época não tinha nem um projeto de moradia e era um milhares e milhares de famílias morando de aluguel, morando com familiares, uma parte morando na rua muito naquela época, eu via muita gente morando embaixo do viaduto que hoje quase não se vê, voltou agora voltou a ter gente assim mas, naquela época era muito mais morando dentro do mato assim nas áreas públicas. E aí naquela época quando tinha arrecém acontecido a ocupação do Guajuviras, em seguida a ocupação da Santa Operário e aqui em Niterói tinha uma área gigante ham, de uma granja de arroz bem perto da rua onde eu morava, era a entrada para ela, eu morava na Rua Bahia e só que era tudo buraco né, valas e plantações e tinha três ou

quatro colonos só que cuidavam e foi uma área que foi da, do Incra da antiga Cohab depois do Incra, era um imbróglio de documento, mas era uma área pública do Estado nós começamos a nos reunir para ocupar essa área, aí já em 1988 começou as reuniões final de 1988 lá em outubro, novembro de 88 começamos as reuniões para ocupar. Eu tinha 17 anos e nesse concomitante a isso eu conheci a minha esposa né, eu conheci ela dentro de um Terreiro do Pai Zé da Oxum no final da rua Sergipe ao lado da rua Bahia, eu moro na rua Bahia, ela morava na rua Sergipe, a gente se criou junto e nunca se viu e foi se ver, e foi amor desde à primeira vista, à primeira vista e para sempre 30 anos juntos. Eu costumo dizer que até inclusive que eu não sei se eu fiz o Tigre cuidando do nosso terreno da ocupação debaixo da lona preta, ou se o Tigre é meu filho, ou se fiz o Tigre no sofá da minha sogra [risos], eu tenho dúvidas qual lugar foi [risos] que a gente precisava para cuidar do terreno na ocupação. Mas então eu liderei alguns jovens que entraram para um outro lado e aí teve confronto com a polícia o governo Lagranha naquela época dizia que quem ocupava a terra só ia ver a água se chovesse ou o sol, e ter luz se tivesse sol. Então foi uma grande luta para entrar, naquela época o então vereador Jorge foi um dos principais líderes que nos ajudavam entre outros, e aqui eu quero citar o Juarez Ferreira Alves também já, já subiu, já partiu já desencarnou né, que foi o meu grande líder político que me filiou no partido, que me organizou. E então eu passei a ajudar o falecido Itamar, falecido Ituriel que foi o que mediu os terrenos na João de Barro, depois de muita violência, a gente apanhou da polícia, volta ali, voltava. Aí tinha que medir os terrenos, dividir os terrenos e o Ituriel que era o dono da madeireira, depois virou dono da madeireira, naquela época não tinha nada, mas ele ajudou muito entre outros, e tem outros vivos até hoje o seu careca ali que foi colono, a dona Olivia a família dela, o seu Miguel Freitas são gente que são todos meus parceiros até hoje, o seu Darci, enfim. Tantos outros aí tem mais, desculpa se eu não lembrar de alguém né? Mas esses foram referência, Itamar de Matos Maia que hoje nome da rua, avenida principal da João de Barro, da Vila João de Barro onde eu resido em Niterói que foi a antiga granja que foi ocupado é o nome dele, né que tem na avenida, que ele acabou falecendo doenças causadas pela luta que ele fazia aqui também na João de Barro chegou a vender uma moto para poder botar algumas, algumas, aterro para as pessoas poder chegar do próprio bolso coisa que eu fiz isso também, faço até hoje permanentemente. Bueno, mas eu era um jovem junto tiveram outros protagonistas junto até mais do que eu, mas a gente, eu, a gente pegou um terreno de um lado que era com a minha mãe, depois a gente trocou esse terreno para o outro lado tudo dentro da João de Barro e sempre morei com a minha mãe e ai claro, eu conheci me apaixonei e quem quer casar, quer casa fui morar nos fundos da casa da minha mãe, fiz uma casinha lá como o normal da maioria das famílias né. E concomitante a isso acabei fazendo um curso de garçom e antes disso o meu irmão erra garçom também um amigo dele uma pessoa que eu tenho grande admiração, o Ronaldo acabei trabalhando de garçom e fiquei vários anos trabalhando de garçom de noite, fazendo a minha religião também de dia e militando, indo nas reuniões indo de a pé de bicicleta muitas vezes não tinha nem o que comer levava um pão com mortadela [risos] o famoso pão com mortadela, eu sou e fui um pão com mortadela, para as atividades e reivindicando principalmente para reivindicar, conseguimos água, luz tivemos um apoio inclusive do Sergio Zambiasi na época. Água e luz e depois começou a luta por infraestrutura. Ai no governo Ronchetti asfaltaram duas ruas aqui da vila, mas, 99, 95 por cento das ruas eram esburacadas, com valos, meu filho chegou a cair em um valo quando era pequeno, tive que levar para o médico, hospital e tudo mas foi só um susto. Então foi uma dificuldade gigante, mas, daí a luta era permanente para melhorias da comunidade. Quando ainda em 2002 em 2000 houve eleição para prefeito aqui o então Marco Maia quase ganhou a eleição por um detalhe ganhou o governo Ronchetti. Em 2001 ham, tinha uma assessora do Marco Maia que era uma neta de santo e eu já era pai de santo, já era Babalorixá, então em uma reunião nossa de organização de luta porque, aconteceu

comigo em 1997 um caso, porque eu morava na casa da minha mãe tinha um filho de santo que morava na Arthur Bernardes onde eu levei meus santos para lá, ele cedeu a casa dele na Arthur Bernardes mas, eu continuava com a minha mãe aqui na João de Barro então, porque a casa dela era muito pequena e eu tinha que fazer minha religião ham, um vizinho se acometeu de intolerância comigo e eu acabei passando um constrangimento gigante porque uma promotora aqui da cidade de Canoas me chamou de baderneiro, não de religioso, isso que eu tocava uma vez por semana o máximo onze horas, onze e meia finais de semana, e ai esse vizinho nos perseguiu e ai a gente ficou impedido de fazer nossos rituais lá. E ai eu fui procurar ajuda na política ninguém sabia ajudar e tinha medo de falar disso, fui procurar no meu partido tentaram ajudar mas não sabiam, eu comecei a pesquisar as leis e eu percebi que o nível de ruídos dos templos religiosos era muito baixíssimo e que também nenhum, as religiões não só as nossas, principalmente as nossas outras religiões não tinham um tipo de apoio nenhum e faziam um trabalho social de inclusão relevante na sociedade e não tinham suporte nenhum. Ai eu digo bom se não tem nenhum vereador que me representa e eu já era militante filiado já a tempo, um dia eu vou ser candidato a vereador e vou mudar as leis, se eu me eleger e eu fiz isso eu mudei as leis, que nos perseguiam, não todas, mas, grande parte delas. Bom, mas daí em 2001 me procurou essa assessora, eu estava nessa reunião que a gente organizou um grupo chamado Uniaxés que é um movimento social, movimento de ação afro umbandista pela união dos axés aqui de Canoas que eu sou o presidente de honra, coordenador de honra até hoje e a atual coordenadora é a mãe Rose, mãe Rose de Xangô. E a partir da organização desse povo nós entendemos que tínhamos que criar uma atividade, um evento que agregasse que o unisse o povo de axé em Canoas, e ai eu me lembrei do que o Exu Caveirinha tinha me dito em sonho. E ele disse que falou em encontro, almas então nós criamos e ele falava muito em luz, elevação, evolução, iluminação então nós criamos o encontro das almas iluminadas, eu coloquei em proposta com esse nome e o grupo aceitou, contei essa história do sonho e criamos o evento das almas iluminadas que por 17 anos consecutivos foi o maior evento afro umbandista em ginásio, em espaço fechado do estado do Rio Grande do Sul e talvez do Brasil chegou a juntar de 3 a 4 mil pessoas a maioria deles nos no ginásio Sindicato dos Metalúrgicos e o último o décimo sétimo foi no Clube Tradição com milhares de pessoas onde a gente homenageava com troféus líderes que tivessem algum trabalho relevante social e religioso esses líderes que nunca tinha sido ham, ham, homenageado de forma gratuita, né? Porque homenagem se dá pelo mérito não se cobra e tinha, enfim, tinha outras entidades aí que fazem de forma diferente por isso que a gente criou o evento para mostrar um outro conceito e que não tinham visibilidade na cidade de Canoas e eram muito perseguidas, as pessoas levavam tiros quando iam fazer oferendas eram agredidas verbalmente. Teve um caso de uma pessoa incorporada que tomou dois tiros que é famoso até hoje né, o Pai Amauri de Xangô que está vivo até hoje o Exu levou ele par o hospital e salvou a vida dele, disse que ele iria se salvar, enfim, um troço bem interessante e importante até entrevistar ele um dia porque é uma história bonita e triste ao mesmo tempo, porque por intolerância alguém sacou uma arma e atirou nele na hora das oferendas, simplesmente despachando uma quartinha, água que não faz mal a ninguém né, uma quartinha de água numa esquina no cruzamento. Enfim, claro que tem irmãos nossos como em todas as religiões que fazem coisas incorretas e coisas erradas né, mas, eu estou defendendo aqueles que fazem coisas melhores, corretas né, porque em todas as religiões tem bons e maus, por isso que a gente tem que defender os bons pra conscientizar e diminuir a proporção daqueles que fazem as coisas erradas para dar exemplo. Bom, a partir dessa intolerância que eu vivi, a partir de todos os sacrifícios, das lutas e também da comunidade, sempre foi um trabalho em defesa das diversidades religiosas, social e cultural e também da luta de melhorias da nossa comunidade e aí me juntei também como pessoal da Santo Operário, Guajuviras também ajudei eles nas lutas lá, do elo perdido

na Rio Branco e no fim eu priorizei a minha comunidade mas também me relacionei com outros grupos de ocupação, outras associações de moradores e virou uma luta conjunta na cidade de Canoas na década de 80 e 90. E ai em 2004 , em 2000, então nós fizemos a partir de 2002 as almas iluminadas em 2003 teve um apelo muito grande para que a concorrência vereador para começar uma caminhada e eu concorri em 2004 eu concorri e não ganhei, fiz 570 votos digamos fiz 30% que precisava para me eleger só apertando mão e beijando mão de religião, tinha uma bicicleta e uma pessoa que me dava carona depois das 6 horas da tarde que era uma apoiadora, depois das cinco, seis da tarde ela me dava carona para visitar as casas de religião e eu me lembro que no final da campanha eu tinha que dar o panfleto e dizer se não for votar em mim me devolve o panfleto porque eu não tinha mais panfleto [risos] e nem condições de fazer os panfletos. E eu fiz essa votação que num primeiro momento eu achei que era ruim, mas, depois eu compreendi que foi uma baita votação né, uma baita votação. Em 2008 eu não concorri por que eu tinha dado a palavra que não concorreria porque eu queria aprender mais, me formar mais e ai eu ajudei a coordenar a campanha do então prefeito Jairo Jorge e do vereador Nelsinho metalúrgico que no fim foi o segundo vereador mais votado da cidade 4004 votos, e acabamos elegendo além do vereador o segundo mais votado o nosso prefeito Jairo Jorge que ai então eu e ele construímos uma estrutura de governo, a primeira da história do Rio Grande do Sul e talvez do Brasil uma coordenadoria de políticas de diversidade ou das diversidades e de comunidades tradicionais baseado em vários marcos legais entre eles o decreto 6040 do governo Lula que instituiu o reconhecimento das comunidades tradicionais assim como os ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas e os terreiros de matriz africana Umbanda são comunidades tradicionais. Enfim depois vocês pesquisem o decreto 6040 que vocês vão entender o que eu vou falar, se eu for falar todo o decreto 6040 vai é um dos marcos legais, além do artigo 5/6 da constituição, além de marcos legais internacionais, que depois eu posso fornecer para vocês aqui para o Marcelo enfim. Criamos a coordenadoria da diversidade potencializamos eventos e começamos a criar, também a trabalhar a política LGBT na cidade de Canoas, Canoas era uma das cidades mais homofóbicas e aqui não generalizando claro mas, isso um pouco resquícios da questão militar aqui desse modo de família conservador que sempre foi eu presenciei casos, por exemplo, como o do Sérgio de ser agredido e quase chegar a óbito por homofobia e tantos outros Sérgios que é um amigo em comum meu e do Cezar que é professor meu e do Marcelo, no meio de tantos outros né, a gente levei para o hospital por homofobia e depois acabei adotando um menino que é sobrinho da minha esposa e também é meu filho e é homossexual, hoje é casado com outro rapaz, mora em Rio Grande também com ele a gente viu na pele e sentiu na pele, o que que é homofobia a discriminação que ele passou na escola e na rua então a diversidade era intrínseco na nossa vida e não tem como falar de diversidade sexual e não falar de matriz africana porque o Orixá pode ter a forma masculina ou feminina, mas ele é força da natureza e o ar, o vento, a água doce e água salgada, a pedra e a terra não tem sexo são mães e pais ao mesmo tempo de homem e de mulher a sexualidade para nós ela ligada muito mais ainda energia espírito do que a carne enfim, e aí eu não tô querendo dizer que alguém tem que ser hétero, tenha que ser homo, tenha que ser aquilo, ninguém tem que dizer para ninguém o que que alguém tem que ser, as pessoas tem que ser o que elas quiserem desde que elas respeitem e principalmente sejam respeitadas. Essa é a nossa visão de mundo que respeitem as legislações, respeitem as leis vigentes, respeitem os seres humanos, mas não é pelo fato da pessoa se relacionar com pessoas do mesmo sexo ou sua identidade de gênero ser diferente que ela tem que ser agredida. O Brasil é o maior país em assassinatos de LGBTs do mundo mais que países radicais, religiosos é um negócio inacreditável e ainda tem gente que diz que não existe homofobia né. E ai trabalhamos essa temática e para dar visibilidade a isso, nós, eu sou o criador, fiz essa proposta para o Jairo

Jorge da primeira parada livre da história de Canoas. O primeiro evento já colocamos mais de 15 mil pessoa e já estamos mais de 10 paradas livres na cidade, eu fui o criador concomitante a isso eu criei o conselho LGBT que a doutora Bianca foi a última presidenta né, ham e também nós criamos várias legislações e agora retomando lá aos ruídos, aos decibéis dos terreiros era um grande problema, então eu propus através de um pedido de providencia, aliás desculpe, eu era coordenador da diversidade, então através do conselho do executivo nós construímos um projeto de lei que aumentava o nível de ruídos específico para templos religiosos porquê? Porque o religioso não é profano nós éramos iguados a bares e danceterias é inadmissível que a regra seja a mesma e não aqui dizendo que as pessoas não tem que se divertir, tem, mas ali onde tem bebida, tem farra tem que ter uma fiscalização maior e claro salvando as exceções a grande maioria dos templos religiosos fazem o sagrado, fazem a inclusão, fazem um trabalho social. Claro que tem irmãos nossos que se excedem, esses que se excedem nós também orientamos e conscientizamos para não se exceder, tanto que diminuiu isso é a mesma questão das oferendas né. E ai nós criamos a primeira legislação ham, aprovamos ham, depois o MP entrou com recurso enfim deu imbróglio jurídico, porque tem uma lei nacional, estadual que se confronta com a municipal mas enfim. Nós propomos, nós fizemos a iniciativa né, e bem eu fui o primeiro coordenador da diversidade uma estrutura de primeiro escalão participava das reuniões de governo do Jairo Jorge isso em 2009 até 2012 e em 2012 eu fui candidato a vereador e fui o primeiro vereador Babalorixá eleito com o nome do Orixá que se tem conhecimento na história do Rio Grande do Sul e talvez do Brasil, mas do Rio Grande do Sul a minha fonte é o jornal Grande Axé que é o maior jornal da religião que pesquisou e não achou, fez pesquisas na internet, fez pesquisa, a Afrobrás também não achou eu perguntei, eu solicitei, eu consultei outros até para saber eu gostaria de ter sido o décimo quinto, o vigésimo, o centésimo já era para ter dezenas, é claro que algum Babalorixá já foi eleito, mas, não assumidamente com o nome do Orixá, mas nós tivemos Moabi de Caldas que foi umbandista assumido, mas não usava o nome de Orixá nem de entidade, no seu nome político Moabi de Caldas foi deputado estadual, inclusive foi cassado só que eu sou, Moabi de Caldas era umbandista eu sou afro-umbandista, eu fui o primeiro afro-umbandista. Moabi de Caldas era cacique dirigente de umbandista eu sou Babalorixá. Então ele foi o primeiro umbandista assumido se eleito a um cargo e eu fui o primeiro afro umbandista Babalorixá eleito a um cargo na história do Rio Grande do Sul com o nome do Orixá então o primeiro. Isso me deu muita honra, mas, por outro lado fiquei muito triste achei que já tinha outros, mas, não tinha esperamos que eu consiga de novo alcançar essas representações e que tenhamos outros. Mas, enfim eu acho que por hoje isso ta bom né, depois ham, eu tenho muita coisa para falar ainda e que vai da ordem cronológica vai voltar alguns momentos em algumas coisas que eu esqueci mas eu acho melhor a gente ir falando assim naturalmente. Ta bom. Só fazendo uma lembrança aqui outro motivo da diversidade sexual, na diversidade religiosa que a grande maioria dos líderes de matriz africana, principalmente matriz africana, a umbanda também, mas, de matriz africana são de orientação sexual diferente são gays, lésbicas, travestis, transexual a nossa religião não é a que mais acolhe os LGBTs não é questão de acolhimento é questão de intrisidade, ou seja, é intrínseco. Eu não gosto quando dizem que é nós que acolhemos todos, nós acolhemos todos de fato, mas, a questão da diversidade sexual ela faz parte da natureza da nossa tradição então por isso a temática criar a coordenadoria que falasse de diversidade religiosa e diversidade sexual foi algo inovador e que ninguém achava que dava certo, que deu muito certo tanto que outras cidades, outros municípios já copiaram, tenho provas que copiaram, inclusive tem secretarias com esse porte. Então não tem a questão da diversidade sexual a maioria dos líderes de matriz africana são de orientação sexual diferente.

Na terceira entrevista, realizada em 28.10.19, Pai Paulinho retoma a sua narrativa detalhando sua trajetória na religião.

Bueno vou falar sobre a minha formação na religião primeiramente dizer que eu nasci num Terreiro de Umbanda né, quase que imediato assim porque era umas, menos de cem metros aonde eu morava eu nasci em casa fui concebido, acho que eu falei isso na outra entrevista né, então eu vou abreviar, e na medida que eu fui entregue para a Umbanda naquele momento que era a primeira religião que eu professei ao contrário do que as pessoas pensam a Umbanda é uma religião e a matriz africana é outra só que elas quebram um conceito ideológico de ser praticada duas religiões juntas, as únicas religiões que se permitem ser praticadas com mais de uma religião são essas no caso a matriz africana e a Umbanda, tanto que a Umbanda não se importa que a pessoa vá na igreja católica também e frequente a igreja enfim, tem uma visão democrática, um conceito mais democrático. Mas a matriz africana e a Umbanda e a Umbanda que é uma religião genuinamente brasileira né, muita gente também não sabe disso e outra questão que as pessoas não sabem, falando da umbanda trazendo alguns elementos aqui a umbanda a primeira matriz dela é europeia, é francesa porque ela nasceu dentro de um centro espírita no RJ com o médium Zélio Fernandino de Moraes e ela já é cultuada a milênios porém ela foi fundada e formalizada dia 15 de novembro de 1908 na cidade do Rio de Janeiro pelo médium Zélio Fernandino de Moraes quando as entidades de brancos, poetas, médicos somente brancos chegavam nas mesas espíritas e uma grande parte dos líderes espíritas não deixavam espíritos de negros, índios que traziam saberes populares, sabres da cura, das ervas poder trabalhar para a evolução humana nas mesas espíritas então o Zélio Fernandino de Moraes recebeu a manifestação do caboclo das sete encruzilhadas no dia 15 de novembro de 1908 e esse caboclo um índio disse que todas as bandas espirituais, que todos os espaços do universo estariam abertos para todo o espírito que tivesse luz, conhecimento independente da sua cor, da sua raça, da sua classe social enquanto encarnado para poder contribuir. E aí uniu-se as bandas aí é uno umbandas, deu as bandas os seguimentos de espírito de luz que traz contribuição para a evolução humana, então aí nasceu a Umbanda né. A primeira matriz fui francesa a segunda matriz mais influente da Umbanda foi a indígena por questão de ser um índio ter se manifestado, aí depois a matriz africana influenciou a Umbanda fortemente e aí outras matrizes também o sincretismo católico, o oriente enfim aí teve outras matrizes, mas os pilares da Umbanda é a matriz francesa, indígena, africana e católica são os quatro principais pilares depois tem outras várias influencias. Já que eu estou falando de mim já dei um toque um pouquinho da história. Então eu me iniciei na Umbanda muito cedo e como já também eu vou ter que repetir algumas coisas para poder fazer aqui a minha memória, como eu comecei a sentir vibrações com 13 anos de idade e em torno dos 14 anos recebi a primeira entidade que foi o seu Sete Covas um índio né, acho que eu contei isso na outra na, ele veio na linha de Exu mas ele nasceu na Umbanda um índio, um pajé que inclusive agora dia primeiro tem ritual para ele, depois eu vou te convidar, tu corta essa parte aí, dia primeiro para o dia dois no mato aqui a gente faz uma grande mesa para as almas aí, pra nos proteger, evoluir e o bem vencer o mal. Muito bem, então eu fiz vários cruzamentos na umbanda, naquele tempo era muito severo essa questão dos cruzamentos mato, cachoeira, sete bebidas ham, pedreira, mar, as sete ondas então eu fiz por muitos anos isso, mais de sete anos e quando a minha ham primeira mãe de Umbanda cacique que estava já meio que muito velha e se aposentando ela me passou para o meu padrinho o pai, a dona Maria Tereza de Arranca Toco, me passou para o meu padrinho o pai Nelson de Ogum Beira Mar né, que continuou os rituais para mim, depois ele veio a falecer também, ele acabou vindo a falecer, depois que ela veio a falecer até

tem uma história muito interessante, acho que uma hora eu vou te contar Marcelo, que aconteceu lá no terreiro previsto pelo caboclo, agora é muito extenso para contar senão eu vou demorar muito com essa parte mas, em outro momento eu falo. Quando eu tive que fazer a nação eu não tinha recebido a minha coroação, eu fui receber a minha coroação na casa do pai Luis de Oxalá e com o caboclo Ogum Mege, foi lá que eu fui coroado mesmo tendo todos os cruzamentos caboclos assentados, já cruzado foi onde eu recebi meu cruzamento, minha coroação de Umbanda. Isso eu fui coroado em meados de 90,91 se não me falha a memória foi final de 90 eu acho, a festa do Ogum Mege é em abril, acho que foi abril de 90 que eu fui coroado se não me falha a memória agora tem que olhar ali nos meus documentos, mas eu acho que sim. Bem na nação, na nação eu tive a necessidade de ter na nação por dois motivos primeiro pela saúde que eu tinha problemas de pulmão naquela época isso em torno de 15 anos de idade ham, segundo porque o meu lado de Exu era muito desacerbado e nós não tinha um controle muito grande sobre o Exu naquela época e isso era muito perigoso então eu fiz obrigação pai Neco de Oxum fiz a minha iniciação, fiz o meu oxé de ervas né, ou mineró coberto com ave e em seguida nós, um ano depois fizemos um bori e eu tive necessidade de fazer também um bori de quatro pé né, por necessidade de saúde inclusive foi muito bom para mim porque eu tive uma melhora muito grande, eu tive bronquite quando criança né, eu falei na outra entrevista que eu fui curado e eu tenho impressão que eu tinha uma fragilidade muito grande qualquer resfriado era uma gripe forte, qualquer tosse eu já ficava mais, tinha que viver fazendo exames né. Depois dessas obrigações todas o meu pulmão ficou limpo assim eu nunca mais tive problemas de pulmão depois de adulto nenhum. Todos os meus raios x tudo sempre muito bom e então com 16 anos eu fiz o bori ham, com 18 anos eu fiz meu primeiro assentamento de Orixá né, primeiro assentamento de Orixá aonde eu coloquei o pai Odé na vasilha né isso foi 1971 eu nasci 1989 eu tinha 18 anos aonde foi que eu assentei o pai Odé, nós estamos em 2019 são 30 anos de assentamento. Bueno, depois ai eu acabei tendo uma transição uns dois anos depois eu tive uma transição ham, eu não posso me falhar na memória aqui das datas para não dar confusão, depois eu tive uma transição que daí eu fui para as mãos do pai Luis e no pai Luis sim quando completou sete anos eu terminei minha aula de Orixá meu erumalé completei e ai recebi o axé de búzios e faça eu cumpri os sete anos rigorosamente eu não quis ganhar antes para não, apesar de vivenciar a religião intensamente dia e noite, noite e dia né, então foi essa a minha formação religiosa primeiramente pai Neco de Oxum da nação Jeje, depois pai Luis Amaro de Oxalá, nação Cabinda, ele tinha raiz de Jeje, raiz de Oyó também, mas ele estava exercendo a nação Cabinda por isso eu me considero da nação Jeje e Cabinda por que na minha opinião se você não despacha tua obrigação teus assentamentos mantém parte da tua feitura tu mantém aquela nação e o fato de tu ser de uma nação só ou ter influência de mais de uma nação tu não te ti inferioriza e nem te coloca acima de ninguém, simplesmente eu até acho ham, positivo porque quando tiver mais reunião mesmo pelo ponto de vista ancestral até porque na minha opinião não existe uma nação pura, quase não existe não vou aqui radicalizar dizer que não existe, quase não existe uma nação pura porque nós, os três povos que vieram para o Rio Grande do Sul foi o povo Ioruba que é o maior que é o povo Nagô que é a língua Ioruba que é a maior povo de todos que a maioria é da Nigéria, o segundo povo maior foi o povo Jeje que veio da antiga Daomé que hoje é Benin que a língua é a Fon e são Voduns que são cultuados, as forças da natureza são chamadas de Voduns e no povo Nagô são Orixás e a terceira o terceiro povo que veio para cá que tem uma certa influência é o povo de Angola que cultua Inquice e a língua é Banto. Então todo mundo aqui por mais pura que seja uma nação tem uma influenciadinha, por exemplo, Sapatá, Sapatá é um Vodum e nós chamamos de Orixás sincretizou, misturou e enfim outros também nós temos aí uma história muito bonita da dinastia da história do fundamento Xangô Kamucá dentro da Cabinda, enfim e assim vai, mas a maioria é Ioruba e

houve uma certa orixalização das divindades e uma iorubalização das línguas aqui no RS então por tanto as principais nações é Jeje e Cabinda porém, eu acabem me envolvendo agora com uma outra transição com meu atual Babalorixá depois do pai Luis, o pai Luis também faleceu foi para o Orum também, nessa transição antes um pouco eu fui para as mãos do pai Jorge de Ogum que também é Cabinda e Jeje e que neste ano faleceu também né, os pais de santos eram muito antigos. Então eu deverei ir para o Pai Jorge de Iemanjá que é meu padrinho, deverei ir não, eu vou já está confirmado que é Jeje Ijexá né. Então Jeje Ijexá eu estou Jeje Cabinda é bom deixar claro isso, mas o Jeje Ijexá ham vai ser as principais nações dessa casa a partir do ano que vem. Então não vejo nenhum problema com isso muito pelo contrário quanto mais complemento melhor uma ampla África essa casa, mas por consequência natural e vontade dos Orixás não é demérito nenhum e também não é querer ser superior do que ninguém não, uma questão simplesmente de transição de vida e de vontade dos Orixás. Ham sobre o ilê, sobre o ilê tem uma transição ham também muito forte, se não me falha a memória foi meados de 94 que a gente começou aqui porque eleja existia antes né. Então agora tu me fizeste uma pergunta que me deixou na dúvida, este aqui na verdade foi construído em 98 aqui foi 98, 94 foi com a minha mãe aqui na outra rua, agora eu não sei se eu falo a partir deste aqui. A partir deste aqui ou da minha mãe ali? É o mesmo porque é o mesmo Terreiro foi a partir da minha mãe há, os meus rituais eram feitos junto com a minha mãe que era aqui na rua Martins Filho 324 eu fazia as minhas obrigações ali e o Ilê de Odé ham, e também concomitante atendia em São Leopoldo e tinha outro Terreiro lá junto com uma irmã de santo minha, porque eu tinha muitos filhos de santos no Vale dos Sinos em São Leopoldo, Novo Hamburgo daquela região lá, e o Ilê de Odé ham se consolidou na medida em que eu comecei a cumprir uma missão de acolher as pessoas de ter filhos de santo, de cumprir a minha missão como sacerdote e então se fez necessário de ter a sua própria estrutura. Naquele momento eu não tinha condições financeiras de ter a própria estrutura então era junto com minha mãe, eu morava com a minha mãe aqui na Vila João de Barro, depois de alguns anos ai sim em 98 eu consegui adquirir esse terreno que eu estou hoje que é aqui na rua Chico Mendes 351, mas o que eu posso falar sobre Ilê de Odé posso falar que ele teve alguns momentos assim ham muito forte né, primeiro claro a ajuda da minha mãe né, eu acho que a minha mãe foi sempre uma grande inspiradora e uma grande referência para mim, ela é muito mais antiga do que eu na umbanda naturalmente, ela já incorporava comigo na barriga, mas de nação eu sou mais antigo que ela eu falo isso só para diferenciar porque foi por causa de mim, primeiro os Orixás, mas por causa de mim que minha mãe entrou na nação porque ela não compreendia bem a nação depois que eu entrei que ela começou a compreender melhor, a nação é a parte dos Orixás né, a matriz africana, ela começou a compreender melhor através de mim ai ela cumpriu a missão que ela tinha que fazer para a nação também que até então ela não confiava em ninguém porque ela não compreendia, e quando a gente não compreende algo a gente não confia né, é uma coisa natural do ser humano e tem sentido. Então naquele primeiro momento muita dificuldade nós éramos muito empenhados, nós vivemos, até hoje é assim, mas naquele momento com mais sacrifício dia e noite para a nossa missão religiosa, dia e noite, as vezes passávamos 15, 20 dias em rituais na nossa casa ou na casa do pai de santo isso era uma coisa muito natural assim, íamos...eu trabalhava e ai tinha que ir direto sem dormir e trabalhar era uma coisa muito natural em dedicação e a gente pode dizer que a gente viu e faz ainda ham, a gente ajudou muita gente né, eu entendo que a gente é um...uma espécie de ferramenta, uma espécie de ligação entre o Orum e o Aiyê, entre o céu e a terra, entre a Aruanda e a esse plano e a gente as vezes uma palavra amiga, uma simples vela, uma defumação, um nomezinho que tu coloca ali e bate uma sineta as vezes tem tanta repercussão que um, tanto quanto um trabalho feito de grande proporção. Então eu tenho a consciência que a gente ajudou muita gente na parte espiritual, gente que estava propensa a se suicidar a

gente conseguiu reverter a religião, a religiosidade ela tem esse papel, pessoas que estavam com doenças desenganadas a partir da religiosidade da fé conseguiram achar um tratamento uma forma alternativa ou então de serem mais fortes para enfrentar aquele problema, muitas vezes a religião ela não cura, mas ela fortalece, muitas vezes uma religião ela não ganha uma batalha mas ela fortalece, ela te dá a coragem para ir à luta. Se tu tem um esteio, se tu tem um aonde te deitar tem a quem recorrer né, até hoje em momentos que eu me encontro com algum problema eu vou ali na frente do pai de santo e ou da minha forma até as vezes deitado na minha cama converso com meus Orixás e com meus anjos da guarda e com meus guias e tem uma conexão muito forte e isso me deixa imponderado para ir à luta. Bueno, daí começou ali na minha mãe aí teve um momento que eu tive que sair dali para mim poder construir aqui eu tive uma transição na casa de um filho de santo meu o Fabian e na época a Gorete também por um tempo ajudaram nesse processo da consolidação, da construção do Ilê de Odé e bem em 98 eu vim para cá consegui adquirir esse terreno mesmo nunca saindo da comunidade porque estava com a minha mãe né, que é aquela velha história quando eu fui com minha mãe sair de casa cedo, eu conheci a minha esposa com 17 anos né, é importante dizer isso também né, e 18 anos nós estávamos morando junto já então o filho quando não tem casa ele vai para a casa da mãe, então por isso também que eu fiquei morando com a minha mãe e também obviamente a parte religiosa também. Então em 98 a gente veio para cá e esse terreno era um valo, uma vala porque essa região aqui a João de Barro ela era uma granja de arroz, isso aqui foi do, da Cohab e depois foi do Incra eram áreas do estado, eu acho que eu falo isso na outra parte também onde eu participei da ocupação que era uma área ociosa na época não tinha política nenhuma de habitação e a gente não tinha alternativa de vida, de moradia enfim. Então isso aqui era um valo a gente colocou centenas de aterro aqui para poder anivelar e ficar viável e aqui tem muitas histórias, mas entre elas acho que a mais emblemática é que o meu pai de santo que faleceu que construiu, que construiu essas paredes aqui são todas revestidas de madeira, mas são de alvenaria, são de tijolos e ele era construtor né, é construtor como um bom filho de Ogum, e ele construiu essa Terreira né, e um fato muito interessante que a minha profissão sempre foi na parte de gastronomia, hotelaria eu fui desde auxiliar de cozinha, eu barmen, eu fui garçom, fui metre, fui gerente de restaurante de casa noturna e numa dessas, desses meus trabalhos eu trabalhei alguns anos na praia e foi muito interessante. E nesse trabalho meu na praia eu trabalhei cinco verões em um restaurante e a maioria desses trabalhos era voltada para extra tu não ficava com vínculo empregatício assim sabe, e numa dessas eu encontrei um dono de um restaurante que eu trabalhei na praia e ele disse que gostava muito de mim e tal que fosse falar com ele, e ele tinha um resíduo que eu não esperava um dinheiro que ele me deu em material quando eu falei que queria construir a Terreira ele me deu para fazer a base pelos anos que eu trabalhei para ele de forma correta. É eu não esperava construir a minha Terreira assim né, e eu a base a fundação foi com o recurso que eu nem esperava que tinha coisa bem surpreendente, mas coisa bem de Orixá mesmo. E aí claro depois que tu faz a fundação aí o resto vai, aí é mutirão e foi erguida construída essa terreira, ou Terreiro tanto faz uma forma de expressão ou outra está correta, mas mais correto Terreiro. Assim foi construído o Terreiro do pai Odé e o meu filho Tigre que é o meu principal sucessor ham, também muito jovem ainda adolescente ao menos até gostava de fazer as coisas botava a mão, nós botávamos a mão e fazíamos. Só para ti entender a minha casa ela era muito humilde, muito simples e muito pequena e não tenho vergonha de falar hoje, claro tenho uma casa razoável hoje alias eu tenho um palácio em vista do que era né, mas era uma casa muito, até certo ponto difícil de morar porque quando chovia pegava água pelas canelas, pelos joelhos tinha que levantar os beliches das crianças para não pegar água, em vez de fazer a minha casa aqui nesse espaço, em vez de fazer a minha casa eu fiz o meu Terreiro primeiro só para ti entender a

visão que a gente teve e tenho orgulho disso, se tivesse que fazer eu fazia tudo de novo porque hoje tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou primeiro eu agradeço a Olorum é a Deus, aos Orixás meus guias, ao mestre Jesus na Umbanda porque a Umbanda é cristã ao contrário do que muita gente pensa a Umbanda é cristã ai é um debate polêmico mais a pessoa pode se considerar cristã ou não na matriz africana, também tem essa possibilidade democrática e depois a minha família sanguínea, e depois os meus filho de santo então ham. Bem a gente então construiu o Terreiro aqui e começou a organização de poder trazer os assentamentos, os rituais, os congas tudo para cá. Primeiramente a gente trouxe a nação e foi um ritual muito bonito eu trouxe de a pé, os carros vinham acompanhando, mas eu trouxe a pé o Lode a gente trouxe de a pé né, então a gente foi parando nos cruzeiros e apresentando ele porque ele é o dono dos cruzeiros, das encruzilhadas o Bara Lode que é o dono do guardião da casa na frente inclusive tem histórias homéricas sobre esse Bara Lode e a gente construiu uma casa de madeira para ele uma casinha que fica na frente, uma casa vermelha e a gente trouxe os outros Orixás também a gente construiu o quarto do pai de santo é aquele do lado oposto, é daquele lado, não sei se tu lembra disso? E, bem aí foi feito os rituais, foi feito as oferendas, as comidas deles, foi feito os cortes para eles e obviamente foi tocado uma festa para eles. Em seguida nós trouxemos a Umbanda e ai o congal foi também trazida as imagens, as portinhas, os assentamentos de caboclo foi cruzado o congal aqui, o congal é o altar da Umbanda e, e se começou se deu continuidade, atendi muita gente aqui da comunidade ham, o que que eu poderia dizer mais em relação a vinda dos Orixás para cá, é um ritual muito bonito porque é como se mais ou menos como é que eu posso comprar para mim é muito mais que isso, mas para as pessoas que tipo a faculdade de medicina ela leva em torno de cinco, seis, sete anos é mais ou menos isso, é como se o consultório, é mais que isso para mim, mas assim dando um exemplo de um médico abrindo o seu consultório né, para mim é muito mais que isso porque na religião, na matriz africana, a tradição da matriz africana porque a nossa visão é que a tradição vai além da tradição é bom falara sobre isso também a religiosidade está dentro da tradição, mas a tradição vai além da religiosidade, tradição é visão de mundo é visão sociológica, antropológica é visão de igualdade, é visão de respeito a oralidade e a ancestralidade, hierarquia respeito não imposição, da igualdade da busca da reparação social e racial desse país, isso é tradição, tradição é o modo de vida influência da mãe África no Brasil, é a mão de obra do país e de parte do mundo, tradição é a vestimenta é a língua ainda a influência que tem. A língua, os dialetos e as línguas africanas dentro da língua portuguesa no Brasil, a culinária, a música, o samba, a capoeira que é o único esporte de dança e luta genuinamente brasileiro também, mas que tem, que vem da mãe África a influência toda, enfim toda a cultura a riqueza cultural da mãe África, então a religião está dentro da tradição talvez seja a mais importante, mas as outras todas são muito importantes também né, a relação simples de beijar a mão né, e pedir a benção do Orixá, do anjo de guarda da pessoa e a pessoa também te pedir essa benção isso para nós tem um valor comensurável. Então a nossa tradição o ritual foi muito bonito com flores, jogando flores no chão e por cima das vasilhas porque elementos principais da natureza que é o vegetal, o mineral e o animal aí se cria uma os Orixás são assentados em vasilhas dentro dessa vasilha vai um ocuta que é uma pedra sagrada que é colhida do rio, da mata e é consagrada pelos três, liga a gente chama de cola né, uma liga que liga o Orum ao Aiyê, ou seja, o céu e a terra. O Orixá não mora no nosso Peji, o assentamento do Orixá é para ele responder não mora ali, ele mora na natureza e no Orum por isso que a gente tem que bater o adjí a sineta, por isso que a gente tem que fazer o ritual para ele responder ali, entendeu tem uma diferença que as pessoas pensam que o lugar realmente é sagrado, mas ele não está ali todo o tempo tem que fazer os rituais para que ele responda ali e ele responde bastante, muitas vezes está muito tempo ali. Ham, ham mas a morada do Orixá a essência do Orixá é no Orum e na natureza. O Orum é um plano astral

voltado, parecido com a África né. Então o Orum ele seria uma África. O Orum é a África num plano espiritual mais, de maior nível né, é a natureza em sua exuberância, o Orum é a principal morada dos Orixás e o Orixá também é a própria natureza como o mar é Iemanjá, o rio é Oxum né, a pedra é Xangô a pedra o fogo, a árvore, a folha, a mata é Odé é Ossaim né, a caça a busca é Odé, a folha é Ossaim, a dor e a cura também é Xapanã. Bom, concomitante a construção do Ilê a vinda dos meus Orixás para o Ilê pra casa eu também ham, eu...apliquei a teologia da libertação na religião de matriz africana. Teologia da libertação é um conceito da religião católica, eu digo não pelo ponto de vista religioso, mas pelo ponto de vista ham, de conscientização de nossos irmãos que existe milagre sim na nossa religião, mas tu não pode esperar o milagre, não pode ser que nem o filme “a espera de um milagre” ham, te ajuda que eu te ajudarei e te organiza que eu te ajudarei e luta que eu te ajudarei. Então com isso eu me envolvi sempre nas questões, nas questões de luta aqui de melhoria de vida para a comunidade pelo ponto de vista da infraestrutura, da saúde, da educação, segurança, moradia principalmente e o Terreiro Ilê de Odé virou uma sede de associação comunitária também. O primeiro grande projeto que nós trouxemos para cá foi um programa de aquisição de alimentos do fome zero, aqui ainda é uma comunidade bastante carente, mas naquela época era muito mais. Então o PA ele visava entregar alimentos do pequeno agricultor, sem agrotóxicos, da agricultura familiar ham, em contrapartida as famílias tinham que participar de reunião de formação e trabalho e renda. Então nós criamos grupos de artesanato, nós criamos grupos de trabalho aqui neste espaço do Ilê de Odé, eu fui coordenador, em Canoas nós atendemos mais de 700 famílias e aqui na região de Niterói o nosso núcleo chegou a ter mais de 150 famílias num momento e foram, olha o núcleo é assim a pessoa se empregava, era para desempregados, ou para pessoas que trabalhavam na informalidade e com uma renda per capita nos critérios do bolsa família né, então nós éramos muito rigorosos nesses critérios, então quando a pessoa se empregava ou melhorava de vida ela dava lugar para outra, então havia um rodízio, então foram mais de mil famílias que foram contempladas e durante, de 2005 a 2008 mais ou menos, de 2005 a 2008, trabalhando três anos direto aqui, depois esse projeto foi institucionalizado via prefeitura. Então a partir desse projeto nós organizamos o povo aqui, criamos o movimento Uniaxés no qual eu sou o presidente de honra, que é um movimento social, e a partir dessas organizações e com as associações de moradores, nós implantamos melhores condições de vida aqui e também implantamos creches para as crianças que hoje nós temos uma creche dentro da comunidade a partir dessa luta né, enfim todas as melhorias que foi a partir do terreiro, então o Terreiro virou além do espaço religioso virou um espaço cultural, social porque aqui também teve aulas de capoeira. Hoje eu tenho uma sede própria que é um terreno que eu adquiri e fiz uma sede social que é o Centro Comunitário nossa Comunidade que fica aqui na rua Itamar Mattos de Maia. Então eu consegui, como cresceu muito o terreiro não comportou mais né, a gente tem duas sedes, a sede religiosa e a sede social e cultural ali nós temos capoeira, nós temos danças ham, tradicionalistas para os adultos e idosos, e temos dança de rua Hip Hop para os jovens e capoeira para a criançada são centenas de crianças atendidas e isso já a muitos anos desde que começou aqui igual o Natal da João de Barro que começou aqui na frente, a quinze anos atrás começou aqui com 150 e poucas crianças, hoje nós atendemos mais de 1500 crianças aqui nessa região do Loteamento Gravataí, da beira do dique aqui os ribeirinhos que moram ainda na beira do rio aqui, na região aqui da Indústria, da João de Barro, a parte mais carente do bairro Niterói. São quinze anos nós estamos completando este ano, quero te convidar para fazer parte da reunião, acho que eu te mandei um convite, não é? Faça questão que tu esteja com este trabalho social. Hoje nós atendemos mais de 1500 crianças só aqui nessa região e a gente consegue atender outras partes da cidade, o Guajuviras faz anos já também muitos anos que a gente atende com a doação de brinquedos, festa da criança a mãe Carina de Iemanjá, por exemplo, faz

anos que é minha parceira, na Mathias a mãe Rose também é parceira nossa e faz o natal dela e a gente um ajuda o outro, na Harmonia enfim. Quase todos os quadrantes da cidade nas áreas carentes a gente tem ajudado a partir do nosso natal, ou é parceiro de um ajudar o outro esse natal erradia toda a cidade e começa aqui na João de Barro com apresentações artísticas, com doação de brinquedos ham, refrigerantes, doces, cachorro quente ham, palco, estrutura toldo 10x10 enfim, carro de som, caminhão de bombeiros. É todo um, para muitos dizem se não é o maior é um dos maiores natais comunitários da cidade de Canoas. Sem dúvidas isso nos deixa muito honrados teve anos inclusive que nós trouxemos um helicóptero, não trouxemos mais porque adventos dos drones e do tempo nós ficamos muito preocupados para não acontecer nenhum acidente, só por isso que nós não trouxemos mais o helicóptero. Durante três anos nós trouxemos o helicóptero, mas daí nos últimos anos dava vento eu digo eu não vou pedir mais o helicóptero por que se não tu divulga e não acontece por questão do tempo o pessoal fica frustrado então a gente não tem colocado por uma questão de segurança, mas durante três anos tiveram helicóptero de um empresário muito parceiro nosso aqui. Mas enfim, então isso é um pouco da história do Ilê de Odé, o Ilê de Odé é um espaço de tradição de matriz africana, é um espaço de religiosidade, é um espaço de ham interação com a comunidade, de igualdade, de luta, de resistência. Ham missão, missão eu acho que missão para mim é muito simples que muitos acham, eu penso que o ser humano ele tem desafios né gigantes na vida dele, na minha opinião eu uso esses três dedos aqui, quando tu fizer a transcrição tu tem que fotografar os teus três dedos, ó esses três dedos tem o dedo médio, um menor e um maior na minha opinião, isso é uma avaliação minha particular da vida, é carma, é destino, é livre arbítrio? Não, é os três o menor em geral salvando exceções é o carma, são coisas que a gente tem que pagar dessa ou de outras vidas, o médio, o médio é a nossa missão, são coisas que a gente tem que cumprir, que a gente tem que fazer está escrito, alguém superior infinitamente a nós escreveu e o maior é o livre arbítrio, então o livre arbítrio se sobrepõe sobre os três, só que os três andam juntos. Então qual é a nossa missão? Entender que a gente veio para evoluir e ajudar na evolução dos outros. Parece tão simples né, bom isso é geral para todo mundo, na minha opinião, segundo entender que cada um tem uma forma de fazer isso, terceiro, aí vem o pior, descobrir qual é a tua forma de fazer isso pelo ponto de vista humano, social, religioso, cultural qual é a nossa forma então, quarto executar, aplicar essa missão. Então quando eu entendi que eu vim ao mundo para evoluir e para ajudar na evolução das outras pessoas, quando eu entendi que a minha forma de evoluir e ajudar na evolução dos outros seria através da religiosidade de matriz africana e umbanda eu descobri através dos sonhos que eu tive, das revelações de toda a minha história religiosa e quando eu descobri que eu tinha que aplicar isso com mais contundência, que a partir do momento que a gente é sacerdote a gente aplica com muito mais ênfase, eu apliquei e o quarto é entender que, quarto ou quinto já me perdi até aqui, o quarto entender que haverão muitas dificuldades porque tudo que para fazer o bem é mais difícil, haverão muitas adversidades e o quinto que a cada 100 pessoas que tu ajudar uma te valorizar vale pelas cem e se nem uma te valorizar tu tem a tua consciência que tu fez o máximo para ajudar as pessoas. Claro que ninguém é perfeito, eu não sou perfeito tenho defeitos, mas a gente procura fazer o melhor sempre. Então esse para mim é a missão, minha missão é Odé Tolobum Beociomi eu filho de Odé. Odé é vida, Odé é luta, Odé é força, Odé é busca, Odé é obstinação, é determinação, Odé é fartura de amor, fartura de axé, fartura de vida, fartura de união, fartura na mesa, fartura de vontade isso é Odé, Odé é o tudo, Odé é o passado, o presente e o futuro, ta bom essa é a minha missão. Valores, valores está dentro da minha missão, é tudo do que eu falei de Odé, Odé é família, união, é luta é vida. Eu tinha um ditado dentro da missão e dos valores né, agrega as duas questões que eu dizia assim que eu não vim no mundo a passeio na verdade eu também vim a passeio né, mas principalmente não foi a passeio,

eu passei um sentido figurado só pra me divertir, é claro que a gente tem que se divertir, mas o que eu quis dizer é que eu não vim no mundo só por um, eu acho que ninguém vem ao mundo só por uma questão. Quando a gente ama o que faz e faz o que ama o que é sacrificante vira até saboroso né, então valores para mim é tudo o que Odé a mãe África a ancestralidade me traz, é amor, é família, é respeito, é união, é luta, luta, luta, luta, luta, luta eu que não conheci meu pai né, eu dei uma entrevista para o Quizomba aqui, tu tem que ver essa entrevista, isso vai agregar que alguma coisa eu esqueci ali, procura no Quizomba eu vou te passar o link ali vai agregar nesse trabalho, eu dei a entrevista ao Quizomba aonde eu contei um pouco da minha história também né, e eu disse isso, o Olorum Deus, que é o nosso Deus que pra mim é o mesmo Deus cristão, Alá, Olorum, Olodumaré ele me tirou a oportunidade de conhecer meu pai sanguíneo, mas ele me deu a oportunidade de conhecer um pai, muitos pais muito maiores que meu pai sanguíneo, não desmerecendo meu pai sanguíneo não é isso. Então a nossa vida foi uma luta muito grande assim como milhões de brasileiros né, então eu acho que o meu valor maior é luta e a partir da luta o amor, o respeito, a família, a fé. Eu costumo dizer até que eu acho bonito crer e ter fé acho correto, mas na minha visão de mundo vai além de crer eu não cultuo o que não existe, eu não cultuo o abstrato pelo ponto de vista da matriz africana, eu não cultuo eu cultuo a terra, a terra que eu piso, a terra que é o meu chão, eu cultuo o ar que me refresca- Bom, como eu disse, como a gente cultua a natureza a gente cultua o que existe o mar, a terra, a água enfim isso é o próprio Orixá então quando a gente tem a visão de mundo disso a gente compreende a nossa missão botando a missão nos valores e como é que a gente passa isso também, como é que a gente passa, na parte da Umbanda é muito doutrinaria, toda a sessão de Umbanda que eu dou aqui ou eu dou na segunda, ou eu dou na quinta depende da questão de agenda minha que é bastante forte essa questão social, comunitária e política que eu tenho e sempre uma meia hora antes, uma hora, quarenta minutos antes das sessões a gente faz uma doutrina, conversa, então eu passo o conhecimento e dou fontes também porque a Umbanda ela tem uma parte que ela é muito litúrgica e literária, então nós embasamos principalmente em Moabi de Caldas o nosso grande papa da Umbanda, uma grande liderança que eu não vou falar agora se não vou me estender, não é essa linha que eu quero usar nesse momento e a gente fala daquilo que foi me passado também na oralidade e na liturgia pra que as pessoas saibam o que significa uma defumação, o que significa um ponto de pólvora, qual é a importância de uma espada de São Jorge tanto macerada quanto usada para outros fins, o que significa uma erva Guiné, pra que fim, pra que banho, pra que tipo de ritual é usada a arruda, tem determinados rituais que não pode ser usada a arruda e tem determinados que tem que ser usada a arruda, quebra tudo, as ervas de Exu, que o Exu é de uma linha ou sublinha da Umbanda não é uma religião a parte, a parte é da Quimbanda é a parte quanto a Exu, Exu e Pomba Gira que são espíritos mais materiais que estão ligados a esse mundo e se manifestam mas é uma linha da Umbanda ao contrário do que alguns pensam que é uma religião a parte, mas não é, vem da Umbanda. Então a Umbanda ela é muito doutrinaria a concentração, a incorporação, o desenvolvimento das entidades num corpo que é um corpo pecador, a entidade muitas vezes é muito evoluída, muito iluminada e pega um corpo sujo que a gente tem, então com o preparar esse corpo e aqui o pai Oxóssi o meu caboclo, maior parte da doutrina ele que dá, eu dou a primeira parte antes de começar a sessão e ele dá durante. Então ele explica, ele tem paciência, ele explica como preparar a cabeça, o cérebro porque o maior Ocutá que a gente ganhou não foi aquele da pedra que é muito sagrada é o Ori é o cérebro, a cabeça, então o poder está no cérebro, cérebro que liga os mundos, o cérebro que...então a partir da consciência, da mentalização, da concentração e da sabedoria o dom, a mediunidade tem que andar junto com a sabedoria não adianta ter uma pureza, um dom, uma fé muito grande né se não tiver um pouco de conhecimento pelo menos apesar que a pureza se sobrepõem ao

conhecimento, a fé, mas o conhecimento não se sobrepõem sobre a fé, mas o ideal é que as duas evoluções andem juntos. Então nós temos a doutrina espiritual e a doutrina que eu passo e aí a gente passa as oferendas, os rituais a forma da melhor incorporação, como se limpar antes é exigido aqui, o pai Oxóssi exige que se tome banho de descarga antes da sessão aqui, esse é radical, eu mesmo tomo banho de descarga, toda a sessão que tem eu tomo banho de descarga né. Então ham, as doutrinas são feitas durante as sessões antes e durante pra Umbanda. Pra nação nós fizemos reuniões né, quando nós temos rituais pra organizar as listas em fim e ali a gente já fala sobre o procedimento. No nosso Terreiro de matriz africana Cabinda Jeje noventa por cento se deu na oralidade, ou seja, passado dessas minhas raízes de Pai Neco, de Pai Luís, de Pai Jorge ham e ai na nação tem um advento que tu tem que aprender na prática, existe alguns livros como o Pai Paulo Tadeu Barbosa aqui no Rio Grande do Sul que fala mais da Cabinda e de outros, mas que o que realmente te embasa é a prática, é o dia a dia, é o serão, é o pé no chão, é cozinhar eu exijo aqui que pra cozinhar as pessoas hoje estejam de cabeça coberta em respeito ao Orixá, eu exijo que elas estejam até mesmo no celular ou num radiozinho escutando rezas enquanto estão fazendo, ham mesmo sendo de uma forma tecnológica não tão convencional mas que estejam escutando rezas enquanto estão fazendo ao axés, inclusive que não discutam, que não se envolvam em outras questões enquanto está torrando um milho, cozinhando uma canjica, fazendo uma comida de santo. E durante essas reuniões que a gente prepara pra fazer os nossos rituais aqui a gente explica que a pessoa tem que seguir salvando as exceções por motivo de doença especialmente outro, especialmente mais de doença somente a questão de saúde é que faz tu quebrar uma linha de rituais, eu tive que fazer um Bori de um ano para o outro por questões de saúde, mas primeiro é o mioce o mioró coberto ou não daí depende da decisão do búzio, mas geralmente é coberto depois é o aribibó, depois do aribibó é o bori de aves, depois do Bori de aves daí vem o Bori reforçado que a gente chama que para muitos é Bori meio quatro pé, mas eu não gosto de usar essa expressão, pra mim não existe meio cabrito, mas eu sei que é força de expressão é forma de falar né, que é o Bori de Angola, o Bori de pato, Bori de marreco. Ham depois disso vem o Bori de quatro pés que daí depende da decisão do Orixá muitos passam, outros passam outros não à decisão dos búzios do ifá ai depois vem o encostamento, depois o assentamento de santo, ai depois vem o assentamento de no mínimo 3, ou 5, ou 7 Orixás ou 8 ai depois de sete anos, tem que ter sete anos no mínimo, a minha casa é assim, sete anos de nação ai eu apresento os axés e se tiver sete anos sabendo fazer as comidas de santo de Bará Oxalá, sabendo cantar pelo menos as principais rezas de Bará a Oxalá, sabendo discernir o que é qualidade de santo, o que é nome de santo, o que é dina de santo que pode jogar um nome de santo pra um filho e saber dar, saber o que é qualidade digina e família de santo, sabendo fazer também ham o ritual e começar a fazer todas as comidas de santo, trata saber fazer o ossé, fazer cumprir as datas corretas. Se tiver sete anos e tiver aprendido bem isso e também ter disciplina comparecer, porque um filho de santo é pai de santo na casa dele, na casa do pai de santo ele é filho de santo assim como eu também fui na casa dos meus pais de santo. Então mediante isso e também quem sempre se sobrepõe é o búzio, o Orixá pode quebrar etapas por uma questão de saúde ou de extrema necessidade, mas o filho não pode quebrar etapas por vaidade, ou por querer se aprontar rapidamente aqui em casa não tem esse negócio quanto tem no bolso é o que vai se aprontar, não tem, não tem, se chegar um cara com 30 mil reais agora dizendo que vai se aprontar e ele não tiver habilitado ele não vai se aprontar, ele não vai se aprontar exceto claro se já veio pronto de outra casa e ter que fazer o reaprontamento, eu estou dizendo alguém verde que não está dentro desses critérios ai se ele quiser cumprir dentro dos anos que falta pra ele, ou dentro desses sete anos ele vai ter que aceitar. Bem, sucessão eu tive o privilégio de ter uma família, uma família sanguínea ham, do axé de forma extremamente, radicalmente

democrática. Quando um pai de santo um Babalorixá, um sacerdote pega uma criança recém-nascido ou muito jovem e coloca no chão ele coloca aquela criança num compromisso muito grande sem ela ter consciência, mas isso eu fiz com um filho meu e esse que eu fiz eu tive uma convicção tão grande que ele se colocou e assim como eu amo a religião, entende a sua missão de vida e ele é o meu principal sucessor que é o Tigre, Rogério Tigre, Rogério Ambieda, Tigre de Xangô, o meu filho mais velho aqui da casa e meu filho sanguíneo também e ele é o meu principal sucessor. Eu tenho minha esposa também que é o esteio dessa casa né, mas o principal sucessor é ele, até pela questão nossa de idade naturalmente é o principal sucessor, tive essa honra. Ele foi o único que com seis anos de idade, ele foi iniciado antes, mas com seis anos de idade eu fiz o Bori pra ele, as outras minhas filhas eu deixei elas decidir, conhecer outras religiões, ele também eu deixei mas ele não quis conhecer e eu tinha convicção no meu búzio que ele ia cumprir e cumpriu, a Paola e a Paulinha conheceram outras religiões mas não quiseram, quiseram cumprir a matriz africana. Então eu tenho eu tenho esse privilégio de todos os meus filhos daqui da casa, da minha família aqui é, e tem o Juan que é um filho adotivo, mas que não é diferente em nada dos outros, só estou falando isso por uma questão de esclarecimento, pra mim não, não, não, não tem diferença nenhuma um filho sanguíneo ou adotivo pra mim filho, família se dá pelo amor não por detalhes de sangue ou não de sangue. Então eu tenho o Juan também de Odé que é homossexual que é casado com o lago de Oxum que mora em Rio Grande hoje, mas que cumpre, vem uma vez por mês, esse final de semana ele estará aqui para um ritual que nós vamos fazer ele é meu filho e meu neto de santo porque ele é filho de santo do Tigre e o Tigre é Babalorixá também.

Nesse dia, já ao final da nossa entrevista, resolvemos quebrar o protocolo de uma narrativa livre, introduzindo algumas perguntas relevantes para a pesquisa.

Pergunta: E o Tigre é teu filho também?

Resposta: E o Tigre é meu filho de santo e meu filho carnal.

Pergunta: No lado de vocês é possível?

Resposta: Sim, sim do nosso lado é possível, aliás isso é um outro debate que eu não vou fazer aqui, mas é muito interessante fazer esse debate, é muito interessante e que bom que isso está evoluindo, isso é uma coisa que do passado para o presente evoluiu.

Pergunta: Porque alguns lados não permitiam?

Resposta: Não antigamente o que acontecia em relação a isso é porque muitos filhos não tinham respeito pelo seu pai, então era essa grande dificuldade. Nesse caso nós não temos problemas, não que não tenhamos divergências pontuais assim, mas na questão religiosa existe um respeito muito grande eles me respeitam muito e eu a eles e respeito essa questão da hierarquia da liderança né, enfim.

Pergunta: Então toda a família está aqui?

Resposta: Toda a família está aqui, toda a família, todo mundo está aqui. Então o principal sucessor é o Tigre e eu tenho uma concepção comigo de vida entre outros elementos que nos mantém a posterioridade e a eternidade o principal elemento é a semente, se tu tem semente, e agora eu não falo só questão de filho, filho seja talvez uma das principais sintetizes, sementes também está no que tu deixa de legado de trabalho, tu Marcelo com esse trabalho está deixando uma grande semente, essa semente é minha, mas ela é tua também porque deixa eu te contar uma coisa aqui que eu faço questão que tu grave isso pra ti ficar pra ti essa ai ham, essa minha história de vida

por ter sido o primeiro Babalorixá eleito e reeleito como vereador, essa é uma das maiores lideranças políticas religiosas do estado do Rio Grande do Sul, uma das maiores do país e isso não me deixa subir à cabeça de forma nenhuma, me deixa com mais responsabilidades eu to pra contar a minha história várias pessoas disseram pra mim eu vou fazer uma entrevista contigo, isso eu nunca te falei, mais de dez pessoas, a tua história tem que ir para o papel e eu nunca me senti encorajado, talvez um defeito que eu tenha de organizar isso, eu disse um dia vai acontecer naturalmente aquele filem que eu tenho e do nada pra nós Oxalá te trouxe aqui e de tu ser o grande transmissor, os teus olhos, Oxalá mostra os teus olhos o teu ori pra fazer essa história de vida, passar para os outros de forma mais organizada e quem sabe daí pode surgir um livro aonde pode pegar aquele Marcelinho lá da vila, aquele Paulinho lá da comunidade, principalmente as pessoas mais carentes a Mariazinha, a Joaquina que estão com dúvidas de realmente qual é a sua missão pode contribuir e tirar da vulnerabilidade, porque dentro de um Terreiro ou qualquer espaço religioso que tenha o intuito de fazer o bem é um trabalho de inclusão significativo que muitas vezes os governos e com certeza não consegue alcançar e os templos religiosos todas as denominações alcançam, então esse legado é teu também Marcelo que tu está colocando aqui, porque isso com certeza vai tanto na nossa encarnação aqui na Terra como pós, depois que nós desencarna ele vai continuar aqui e terão outros Marcelos de Oxalá e outros Paulinhos de Odé que vão levantar a bandeira da evolução humana espiritual tanto, principalmente da matriz africana e Umbanda, como também da inclusão social. Isso eu queria te dizer que foi Oxalá que te trouxe até aqui e eles planejam por nós entendeu. Acho que é isso.

E finalmente no quarto e último encontro, realizado em 31.08.20, a entrevista teve como tema a política e movimentos sociais na vida de Pai Paulinho.

Bem ham, a minha vida de militância de ativismo se despertou na necessidade, na dificuldade eu como milhões de brasileiros eu quase, em alguns momentos tive em situação de miséria. Então eu fui criado pela mãe e pela vó, não conheci meu pai também como milhões de brasileiros, de pessoas né. Então uma vida extremamente difícil a gente chegava a ter que dividir um quarto quilo de pão entre dez, doze pessoas quando a família se reunia né, em alguns momentos com primos e tal. E nós morávamos de aluguel e muitas vezes a gente tinha que decidir ou pagar o aluguel ou comprar comida também era uma realidade da década de 80 e 90 e eu comecei a similar questões sociais de políticas e percebi que a vida e a dificuldade e essas situações se davam pela política, decisões políticas, representações políticas, discussões políticas, proposições políticas comecei a perceber isso na TV e no rádio isso lá no alto dos meus 14, 15 anos, inclusive a questão do preconceito religioso e outros tipos de preconceitos racismo, homofobia, machismo, vi a minha mãe ser agredida quando criança e tudo isso foi me revoltando. Ham, em 1988 a gente morava de aluguel na rua Bahia e o meu padrasto, ai já tinha um padrasto trabalhava de metalúrgico na Massey Ferguson que hoje se não me falha a memória é Maxion, numa metalúrgica aqui de Canoas e ele fazia parte de um grupo que militava dentro do sindicato dos metalúrgicos e faziam reuniões para buscar direitos enfim, garantia de direitos e ampliação de direitos dos trabalhadores metalúrgicos e outros trabalhadores. E ele me convidou, eu já com 17 anos, me convidou para participar de algumas reuniões aonde eu conheci Joares Ferreira Alves, saudoso Joares, que já partiu não está entre nós fisicamente. Eu conheci outros autores políticos e sociais juntamente com o Joares e eu gostei daquela discussão porque a principal pauta naquele momento era a questão da moradia. Nós morávamos de aluguel, muita dificuldade para pagar o aluguel e milhares e milhares de pessoas estavam nessa situação e pior. E

aqui em Niterói tinha uma área enorme ociosa que já foi do IRGA, que já foi da COAB e por fim tinha uns dois ou três colonos plantando muito pouco em volta da sua casa mais de 97, 97 por cento da área ociosa. Então nós fizemos várias reuniões e organização, eu coordenei um grupo de jovens que eu tinha já 18 anos, levamos um ano fazendo reuniões e ocupamos aquela área ham, fomos agredidos pela polícia, fomos ham, perseguidos por alguns políticos da época que disseram que a gente só iria ver a luz quando tivesse sol e que iria ver a água quando tivesse chuva. Ham, barro, valos porque era uma granja de arroz e nós resistimos, apanhamos da polícia fomos voltamos enfim, a gente conseguiu garantir para milhares de pessoas além de mim moradia e resido nesse local até hoje né, desde 1989 dia 8 de abril de 1989 foi o dia da ocupação. Então, eu sou fundador da Vila João de Barro, vila essa que primeiro nós tínhamos que garantir os terrenos, a o local os terrenos, a moradia, depois garantir condições de vida mínima como água e luz. Foi uma luta muito grande e aí eu me refiro a Itamar de Mattos Maia que inclusive morreu lutando pela Vila João de Barro que era um grande lutador assim como seu Benedito, o próprio Joares Ferreira Alves e tantos outros fundadores seu careca, o Miguel Selva e tantos outros fundadores a dona Olivia e alguns colonos que já estavam aqui nos ajudaram também, e tantos outros moradores mas, esses marcaram mais assim a minha memória. Bom aí a luta para garantir a água, garantir luz levando anos, depois para garantir um pouco de aterro porque a gente tinha que colocar plástico nos pés para ir trabalhar era muito barro, muito lodo, muita umidade, quando chovia muito as casas ficavam tomadas de água, as vezes a água pela canela, água pelo joelho essa era nossa realidade por muitos anos. Então a minha luta, eu comecei a participar de tudo que envolvia política mais voltada para o grupo de esquerda né, e concomitante a isso a gente participava também em outras comunidades como no Guajuviras, na Santo Operário, no Elo Perdido, na Rio Branco de outras demandas, de outras questões, de outros anseios porque mais de 50% da cidade de Canoas era baseado de área de ocupação irregular. Então a gente começou a militar e a partir da questão da luta pela moradia ia avançando a gente conseguiu então, o falecido Ituriel, eu quero fazer um recorte o falecido Ituriel que mediu parte dos terrenos da João de Barro com o aparelho de medição e que sempre foi também um guerreiro, foi bom lembrar dele, falecido Ituriel que hoje eu sou autor do nome de uma praça inclusive com o nome dele aqui na entrada da João de Barro, ele e sua família muito guerreiros também pela nossa comunidade. Bom, aos poucos então ao longo desses 31 anos né, se não me falha aqui 89, 2020 31 anos a gente teve muitas lutas, muitas dificuldades e também muitas conquistas. Na medida em que as coisas foram acontecendo a gente teve sempre junto com a comunidade e esses líderes conseguimos abrir ruas, conseguimos fazer o ônibus passar perto, conseguimos ham várias vitórias, mas, ainda era muito pouco que a situação era muito vulnerável né. E aí a partir da eleição de 2008 ham, eu assumi um cargo de primeiro escalão que tratava da questão de parte dos direitos humanos, a coordenadoria de diversidade, e tratava da pauta das lutas contra todo o tipo de preconceito, discriminação e intolerância, mais específico da questão do racismo, da homofobia e intolerância religiosa e também da questão social dos vulneráveis fazendo política transversal com outras secretarias e aí a gente conseguiu através do orçamento participativo garantir 100% do asfalto da João de Barro, aos poucos é claro, mas 100% do asfalto mais de 1000 escrituras entregues, na cidade mais de 13.000 e também a creche a gente conseguiu garantir, câmeras de vídeo monitoramento, eu consegui fazer junto com a comunidade né, que o ônibus entrasse dentro das ruas que antes não entrava também, tanto o ônibus municipal quanto o metropolitano. Ham a gente fez mobilizações enormes, eu fui coordenador do fome zero durante quatro anos entre 2006, de 2005 e 2009 foram centenas de famílias que foram beneficiadas da nossa comunidade e que tinha por objetivo assistir as famílias mas em contra partida participar de reuniões e formações de trabalho e renda voltados mais para o artesanato, pro fuxico, pro tricô fizemos

exposições inclusive de vendas, feiras e também tive a honra de um projeto inovador, transformador da Ulbra que foi, mulheres em construção, de ter indicado mais de 100 mulheres aqui da região de João de Barro que hoje são azulejista, pintoras, construtoras civil a partir do nosso projeto mulheres que a maioria delas era agredida ou ficavam ociosas em casa. Então isso me deixa muito honrado e também ajudei a coordenar e a indicar um projeto de moradia para pessoas que tinham um terreno em área irregular e tinham a casa caindo, ou a casa em situação extremamente ruim, ruim de estrutura então foram 15 casas aqui na região que eu indiquei e ajudei a indicar mais de 100 casas aqui na cidade de Canoas no projeto de uma cooperativa que era fundo perdido do governo federal isso também meados de 2006, 2007 e 2008 entre cadastros e realizações. E continuei militando e em 2004 eu me candidatei a vereador mais focado na questão religiosa por causa da situação de intolerância gigante que tinha em Canoas, Canoas é uma cidade mais em questões de violência em função seja verbal ou física ou de humilhação em função da questão da matriz africana, religião de matriz africana e Umbanda. Eu fiz 570 votos sem estrutura nenhuma, só com uma bicicleta e pegando carona, apoio das pessoas, achei que tinha feito uma votação ruim, mas foi uma grande votação para quem não tinha nada chegava no fim da eleição dá o meu panfleto e dizia se não vai votar em mim devolve porque eu só tinha aquela quantidade de panfleto no fim. Então em 2008 eu não concorri a vereador optei por não concorrer eu tinha compromisso com outras questões e 2012 aí depois de ser coordenador da diversidade de fazer um grande trabalho voltado para as minorias, quanto para as pessoas carentes, pessoas vulneráveis né, vou encaminhando, vou fazendo projetos de visibilidade e fiscalizando e dando encaminhamento a várias questões aí em 2012 eu fui o primeiro vereador eleito com o nome do Orixá na história do Rio Grande do Sul e com essas pautas eu da questão do combate a todo o tipo de intolerância de discriminação preconceito, racismo, homofobia e também de inclusão e dando prioridade a quem mais precisa com essas pautas. Então eu fiz o primeiro mandato de vereador, continuei morando, nunca me mudei da João de Barro, pelo contrário eu adquiri um terreno na avenida da João de Barro, um terreno pequeno aonde eu construí um sobrado para que aquele espaço ali fosse para fazer trabalho social aonde nós fizemos tanto político social, quanto atividades em prol da comunidade e temos até hoje. Ao invés de eu fazer um prédio para mim alugar ou para fazer uma sala comercial não é cedido para comunidade e para fazer a política social. E em 2016 depois de fazer um mandato emblemático, histórico na cidade de Canoas com várias ações que são muitas, muitas, muitas e quero dizer aqui que nunca fiz nada sozinho, costume dizer que eu não sou corintiano mas eu sou louco e consigo achar um bando de loucos. Então é uma frase minha porque infelizmente eu quero fazer o bem e não pensar só no meu umbigo e lutar pelos outros hoje em dia infelizmente tem que ser louco, claro que eu estou dizendo isso no sentido figurado né, então a gente é um louco que acha um bando de loucos para lutar pelos nossos direitos e ampliação de direitos. Então a primeira motivação foi a minha necessidade por moradia e a partir dessa necessidade de milhares de pessoas eu vi outras necessidades de qualidade de saúde, educação, segurança, assistência e outras questões e a luta de combate à desigualdade e aos preconceitos. Queria mencionar mais alguns projetos, ações e iniciativas que ficaram marcados na nossa história além da luta por moradia que também a gente ajudou a, hoje tem 280 casas que foram pessoas que moravam em área de risco, que estão assentadas aqui ao lado da João de Barro mais de 280 apartamentos do minha casa minha vida eu sempre fui um defensor e ajudei a articular e participar da captação de recurso. Todos esses projetos de moradia que houveram na cidade mais de 13 mil escrituras, mais de 5 mil moradias eu estive participando ativamente da construção e da articulação desse projetos né, mas tem alguns voltados para a questão da liberdade religiosa como a criação do grupo do fórum, grupo fórum inter-religioso que nós fizemos mais de cinquenta atos na prefeitura de Canoas, chegamos a reunir 11 religiões diferentes num ato

oficial, esses atos aconteciam ante da abertura dos atos oficiais da prefeitura chegou inclusive a ter três nações evangélicas juntas, chegamos a ter mulçumanos e judeus juntos tudo tem registrado no site da prefeitura de Canoas de 2009 a 2015, 16 mais ou menos, mas principalmente entre 2009 e 2013. Ham está registrado os atos inter-religiosos, ato inter-religioso na abertura do carnaval pedindo paz enfim várias ações com padres, espíritas várias denominações religiosas, teve um caso da posse do prefeito que teve um bispo da igreja evangélico quadrangular que também participou de outros eventos conosco. Ham, para combater os preconceitos religiosos a gente tinha que dar visibilidade então enquanto presidente da Uniaxés eu fui proponente, não era vereador ainda, mas fui proponente ham do dia municipal de Oxossi Zé Fernandinho de Moraes em homenagem a Umbanda, enquanto vereador eu vou citar algumas leis de visibilidade como o dia municipal de combate a homofobia, voltado para a questão LGBT que foi uma grande polemica na câmara, como a defesa dos projetos de governo executivo do conselho municipal do povo de Terreiro e do conselho municipal LGBT, ham não fui proponente porem fui defensor do projeto de lei que veio do executivo, ham ai fui autor do dia municipal da igualdade racial que acontece dia 21 de março para dar mais visibilidade e não ter só o dia da consciência negra para a questão da reflexão da importância da reparação racial, para mim não existe reparação social sem a reparação racial né, e só existe um país avançando quando reconhece os seus erros do passado eu não tenho culpa do que os meus antepassados fizeram, mas eu tenho responsabilidade é diferente de culpa a gente tem que reparar o dia municipal de Iemanjá, Nossa Senhora dos Navegantes porque aqui na praia do Paquetá é tradicional a muitos e muitos anos o ritual de Nossa Senhora dos Navegantes e a partir da nossa intercessão do grupo do movimento Uniaxés ao qual eu faço parte, sou o presidente de honra a gente incluiu e começou a fazer um diálogo inter-religioso principalmente com a igreja católica e hoje nós realizamos vários atos, várias realizações, vários rituais dos maiores do estado na praia do Paquetá. Ham dia municipal de Ogum e São Jorge se não a maior, uma das maiores procissões de Umbanda ham na cidade de Canoas, no centro da cidade, nunca ninguém tinha feito esse ato são milhares de pessoas participando. Ham nós realizamos a 19 anos 17 edições do encontro das almas iluminadas que tem por objetivo também unir, agregar, mobilizar, discutir as nossas pautas, as nossas demandas e desmistificar as entidades de Exu e Pomba Gira que são mensageiros, que trazem o bem, que combatem o mal, que nos traz proteção nas horas difíceis e desmistificar tira essa visão demonológica que tem o Exu e essa visão distorcida e é o maior evento de exu do estado do Rio Grande do Sul em local fechado que começou a muito anos no sindicato dos metalúrgicos e que hoje acontece no clube Tradição que é uma das maiores casas de eventos da região metropolitana e é a maior de Canoas cabem 3.500 pessoas teve uma edição a décima sexta que a gente super lotou, teve que parar ali quando chegou a, o contingente máximo, teve que parar de entrar pessoas porque a gente lotou o tradição de 70%, 50% de Canoas, outros 20% da região metropolitana e 30% do interior do estado e alguns até fora do estado e de fora do Brasil, homenageando líderes de matriz africana Umbanda e Quimbanda que realizam um trabalho relevante e social e religioso sem custo nenhum e a gente consegue apoiadores para fazer esses eventos. E esse ano em função da pandemia nós criamos juntamente com o Rogério Tigre uma forma diferente de fazer esses eventos, entregamos as homenagens em casa tendo em vista que o ano é de Xapanã, Omulu Orixá da saúde, a gente levou um troféu simbolizando Omulu Xapanã pra dar mais fé para as pessoas, mais força com todos os cuidados higienizando o troféu com máscara, com distanciamento visitamos pessoas que quiseram ser visitadas, entregamos mais de 250 homenagens tendo em vista que a gente tem mais de 500 terreiros cadastrados e face a conta que entre os cadastrados e os anônimos chega em torno de perto de 1000 terreiros na cidade de Canoas que a gente imagina que tenha, que a gente calcula que tenha. E entregando as

homenagens em casa que teve muita emoção, isso nunca aconteceu na história do Rio Grande do Sul, aliás que nos deu essa ideia foi o pioneiro o pai Ricardo de Oxum que já estava entregando também, porque o maior evento de Exu de lugar fechado é a alma iluminada, depois o pai Ricardo se inspirando na alma iluminada reconhecida por ele em live ele criou encontros quimbandeiros em lugar aberto na rótula do Porto Seco e hoje a alma iluminada é o maior em local fechado e o encontro quimbandeiros em lugar aberto, evento inspirado nas almas iluminadas. Ele deu a ideia de entregarmos os troféus em casa, conseguimos os apoios de um, de um artesão, gesseiro e conseguimos fazer isso. E o Tigre de Xangô, meu filho carnal e Babalorixá teve a grande ideia de fazer uma live, uma mega live onde todas as mídias da religião pudessem fazer apresentações de cantos, tambores, homenagens especiais, homenagens póstumas meu Babalorixá que já partiu pai Jorge de Ogum, que para mim foi o maior tamboreiro de todos, sem dúvida se não foi o maior, foi um dos maiores e também para Jorge Belerum que também foi um dos maiores esse está encarnado, está vivo conosco, duas homenagens especiais. Sorteios de brindes até o dia presente de hoje nesse dia que eu estou dando essa entrevista, hoje é dia 31 de agosto estamos chegando ali passando das 48 mil visualizações ham, chegando a quase dois mil comentários, ham e a acho que mais de 3000 compartilhamentos hoje, daqui uns dias a gente vai estar revelando os dados ai com base, com subsídios. Então pode ter sido a maior live religiosa de Quimbanda do Rio Grande do Sul e conseqüentemente do Brasil porque é no Rio Grande do Sul que se cultua mais esse tipo de ritual e provavelmente do mundo porque é o Brasil que cultua mais matriz africana inclusive mais que a África, infelizmente, mas enfim. Felizmente para um lado e infelizmente para outro. Nós realizamos um trabalho social, quando a gente abriu o Terreiro, isso já faz trinta anos, trinta e um anos na medida que eu tinha Terreiro junto com a minha mãe quando a gente ocupou a João de Barro a gente sempre fez trabalho social. O fundamento da nossa religião é dar o alimento, a gente dá o alimento e recebe o axé, energia boa em troca, isso é fundamento, todos os Orixás nossos são da fartura, mas eu venho a ser filho o dono do meu ori, o dono da minha cabeça o meu regente é o Orixá Odé o Oxossi que é o maior dona da fartura. Então eu sempre tive, a minha vida começou da miséria que eu passei e da vontade de acabar com a miséria, meu sofrimento o meu Orixá me mostrou que eu tinha que combater por isso que eu acabei naturalmente sendo coordenador do fome zero e também a partir do meu Terreiro a gente além das festas, porque todo o Terreiro é obrigado a dar comida pouco ou muito é obrigado a dar, nós ampliamos nós começamos a falar de política social de vulnerabilidade, segurança alimentar dentro do Terreiro que isso ninguém fazia porque as pessoas misturam política partidária, política de eleição, eleitoral com política em sua essência, partidos políticos e extrema política são parte da política não são essência da política. Política é poli ética é fazer o bem pro coletivo e é isso que eu comecei a trabalhar tipo teologia da libertação como tem a religião católica o Orixá nos deu a vida o Olorum Deus nos deu a vida o Orixá nos dá força, nos dá caminho, nos dá proteção mas quem tem que lutar pelos nossos direitos, quem tem que lutar para crescer materialmente social e politicamente somos nós, não é entidade nenhuma que vai trabalhar pra gente, não é entidade nenhuma que vai fazer aquilo que a gente tem que fazer, mas Olorum que é Deus nos deu a vida não nos cobrou nada, então a gente tem que cumprir, entender a nossa missão e cumprir nossa missão. E ai ham, então nós já fizemos trabalhos sociais de questão de segurança alimentar a mais de 30 anos desde que abrimos o Terreiro e organizadamente a mais de vinte anos enquanto projeto social e a gente então atende, outro trabalho que a gente tem ali no espaço tanto no Ilê de Odé, quanto no espaço que eu tenho para fazer projetos é a reforma de cadeiras de rodas, ham camas hospitalares e bengalas enfim muletas então nós já devíamos ter entregadas mais de 200, 300 cadeiras de rodas eu nunca fiz as contas mas, com certeza mês de 200 e também mais de 100 camas hospitalares, muletas eu perdi a conta ham e nunca postei

entregando nenhum, nenhum alimento, nunca postei na minha rede social entregando cadeira de rodas, já aconteceu das pessoas receberem e postarem no seu face e me marcarem por que queriam fazer mas, eu sempre achei muito errado as pessoas, independente de questões políticas partidárias eleitorais ou não usarem da vulnerabilidade da pessoa para divulgar. Então nós postamos as entregas, nós postamos a arrecadação, postamos a confecção, a realização de toda a estrutura para fazer os alimentos pra cozinhar, que é a minha esposa que coordena inclusive Berenice de lemanjá, a Bere de lemanjá junto com outras pessoas do nosso coletivo e nós em função da pandemia esse ano tivemos que aumentar o nosso projeto, além de centenas de cestas básicas que nós pedimos arrecadação e grande parte também dos nossos recursos próprios, mais também de pessoas que ajudaram fizemos um movimento de arrecadação e tivemos que acelerar porque a vulnerabilidade ficou maior em função da pandemia, muitas pessoas perderam os seus empregos, outras que eram recicladores, carroceiros também diminuíram porque enfim tudo parou ou diminuiu. Então a vulnerabilidade aumentou de uma forma assim gigante, então as pessoas batendo nas nossas portas, então nós entregamos entre 200 e 250 marmitas por semana, por semana as vezes a gente chegou a entregar numa semana ham duas, três vezes quinhentas, mais de quinhentas marmitas, mais de quinhentas refeições, marmitas feitas de qualidade a mesma comida que a gente janta na nossa casa. Os sopões com muitos legumes ham, carne, galinha, frango de qualidade, sopões super elogiados inclusive porque passamos um inverno rigoroso então o sopão vem a calhar pra alimentar e também para aquecer. Já chegamos nesse momento, não tiramos fotos de pessoas recebendo alimentos sim da estrutura da organização da arrecadação, inclusive está postado no meu face todas as entregas, todas as construção das entregas, não a entrega para as pessoas né, ham toda a organização nós já chegamos a mais de 5400 refeições né, tomara que tenha outros fazendo e mais que isso, mas a gente não vê falar ninguém que manteve desde o começo da pandemia um projeto como esse e também nem dessa qualidade. Nós não julgamos se o pai está preso, se a mãe é drogada nós não julgamos, nosso critério é prioritário a pessoa estar vulnerável e ter criança né. São pessoas de extrema vulnerabilidade mais de 50%, 50% é focado aqui na região ham de vulneral da Niterói e também já entregamos na Rio Branco, na Mathias e estamos também começando semana que vem a entregar numa parte do Guajuviras. Como é que nós realizamos, ao longo desses vinte anos nós sempre trabalhamos com as questões vulneráveis, então nós criamos cadastros, nós criamos cadastros de pessoas que participaram do nosso, de todos os nossos projetos então nós temos hoje em torno de, só aqui na região de Niterói mais de 1000 cadastros de pessoas vulneráveis que a gente sabe, só que com a pandemia aumentou o desemprego, então na medida que a gente foi atendendo os que estavam cadastrados fomos cadastrando outros mas sempre nesse critério de extrema vulnerabilidade e sem julgar, tratamos prioritariamente de pessoas que tem crianças ou idosos primeiro critério é esse. O segundo critério é realmente estar desempregado ou no momento de pandemia pessoas que trabalhavam de forma informal ficaram sem renda ou com muita pouca renda. Então é dessa forma que nós identificamos uma parte nós já tínhamos cadastro dos outros projetos a outra fomos ampliando devido a pandemia aumentou a vulnerabilidade. Nós começamos no mês de abril se não me falha a memória tá e já chegamos a mais de 5400 pessoas, só que daí outras regiões do município estão nos chamando, já fizemos na Rio Branco, já fizemos na Harmonia, Mathias e agora vamos realizar uma no Guajuviras, ou seja, nós estamos contemplando os quatro quadrantes da cidade né. Se não o maior, um dos maiores projetos emblemáticos da nossa história tanto dos afro-umbandistas, quanto de pessoas não afro umbandistas infelizmente todas as religiões, todos os partidos políticos, em todas as classes trabalhadoras, em todos os espaços da sociedade têm gente boa, tem gente ruim, de boa fé e de má fé, na nossa religião não é diferente, penso

que a maioria é de boa-fé mas, em todos os lugares tem pessoas de boa índole e de má índole. Mas a maioria que são gente boa gostariam de ter um local para fazer seus rituais de forma respeitando a natureza e também de forma segura e com liberdade isso foi uma grande demanda histórica dentro da cidade de Canoas e os políticos nunca atenderam e os Terreiros, tendo em vista que chega perto de 1000 Terreiros são contribuintes e que tem uma economia própria e que gera tributo, que gera recursos para a cidade, mas nunca teve de forma correta retorno desses, dessa contribuição tributária. Então sempre foi uma demanda, então nós assumimos essa demanda esse compromisso de ter um espaço para rituais na cidade de Canoas, então nós a partir de uma pesquisa, que eu estive em Salvador e reuni com o escultor Tati Moreno, que é o maior escultor de símbolos, de imagens africanas isso foi em meados de 2010 que eu estive em Salvador, na gestão que eu estava né. Ham nós, na gestão do prefeito Jairo Jorge, nós fizemos umas pesquisas e o prefeito autorizou que a gente pudesse então fazer algum projeto nesse sentido. Então nós queríamos fazer um projeto muito maior tentamos daí não se consolidou naquele momento, mas conseguimos fazer um projeto na possibilidade de ter um símbolo de matriz africana em Canoas ai em 2012 e o Tigre, o prefeito convocou, convidou o Tigre, Rogério Tigre, Tigre de Xangô para ser o secretário da coordenadoria de diversidade e comunidades tradicionais e virou um secretário espacial mudou um pouco a nomenclatura mas, a atribuição ampliou inclusive. E ai a gente conseguiu eu vereador e ele secretário fazer o projeto de trazer a primeira escultura de Salvador que nós batizamos de laomi mãe das águas, uma sereia negra de 3 metros de altura por três e meio de largura que tanto pode ser cultuada como Oxum ou como lemanjá na beira do Paquetá e ali foi instalado e inaugurado né, se não me falha a memória depois pedir para ver nos registros mas, foi inaugurada se não me falha a memória em 2014, 2014 ou 2015 eu peço que confirme depois porque é tanta informação que alguma coisa a gente se embaralha. Ham, então a partir daquela escultura na praia do Paquetá depois outras entidades organizadas da cidade que tem um trabalho reconhecido também instalaram outras imagens e hoje tem o maior espaço santuário afro umbandista do sul do país público a onde são feitos rituais com câmara de vídeo monitoramento. Isso é um trabalho que nós começamos depois a entidade organizada continuou o trabalho e isso nos honra muito. E toda a revitalização nós também propomos, pedimos, solicitamos, houve pedido de providência pra que revitaliza-se o Paquetá ali é uma área que não pode ser asfaltada por uma questão ambiental, é uma área que merece mais investimento mas, tem que respeitar a questão da natureza ali enfim, e é uma área de pescadores também, é uma área de vulnerável que nós atendemos também o pai Julio de Oxalá que faz parte do nosso coletivo da Uniaxés ele é coordenador do Forma, ele está sempre fazendo atividades lá de segurança alimentar e cultural social com apresentação inclusive com o boneco Bastião que é ele que faz. Então isso é tudo, projetos que são ligados a nós né. Outro projeto que nos honra muito que o Tigre coordenou eu articulei na política foi a caravana da diversidade que atendeu mais de dez mil jovens em toda a rede municipal e parte da rede estadual e ainda algumas escolas privadas. A caravana da diversidade tinha o objetivo de fazer palestras, oficinas de combate ao bullying, cyberbullying, tipo físico, racismo, homofobia, xenofobia, machismo e todo o tipo de preconceito e com isso nós conseguimos diminuir a violência na escola de forma considerável, reconhecida inclusive com uma indicação a um prêmio que é o PGQP que é um prêmio de inovação e é dado para projetos municipais, foi indicado a ganhar o prêmio, não ganhou a prefeitura na rua tirou o primeiro lugar se não me engano nós foi o segundo ou o terceiro mas, um projeto que virou um modelo para muitos projetos e é um projeto permanente que foi de 2013 a 2016.

Os capítulos a seguir são textos produzidos durante o Mestrado, tive a oportunidade de produzi-los para eventos e periódicos, alguns desses já estão publicados e outros possivelmente serão submetidos a revistas especializadas. Todos os textos, foram escritos conforme avancei nas disciplinas, o que favoreceu o conhecimento teórico para dialogar com a proposta da pesquisa e obviamente sempre sob a supervisão dos meus orientadores Prof. Dr. Artur Cesar Isaia e Prof^a. Dr^a. Zilá Bernd.

5 ILÊ DE ODÉ COMO ESPAÇO DE CULTURA E MEMÓRIA DA RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA

Resumo: O artigo apresenta a importância do Terreiro como um espaço que serve tanto de instrumento de manutenção para a cultura afro-brasileira como de memória. Para o presente texto, elegemos o Ilê de Pai Paulinho de Odé como objeto empírico de estudo. O Terreiro está localizado na Vila Joao de Barro, na cidade de Canoas – RS. O problema de pesquisa diz respeito à forma com que um Terreiro serve para manter a cultura e a memória da religião de matriz africana. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como suporte teórico a percepção de diversos autores que dialogam com trechos de narrativas memoriais do dirigente espiritual, fruto de entrevistas realizadas no ano de 2019, que seguiram o protocolo metodológico utilizado em pesquisas relacionadas à história oral. O estudo apresenta breve histórico sobre como a religião afro-brasileira e suas modalidades de culto se desenvolvem no estado do Rio Grande do Sul. Dedicamos também parte do texto ao bairro onde está localizada a Vila João de Barro e como ocorreu sua ocupação liderada por movimentos sociais. O artigo vem a esclarecer peculiaridades sobre o Ilê: qual foi seu ano de construção, quem reside no local, quais objetos estão ali depositados e, também, como ocorre a relação de Pai Paulinho com seu Orixá Odé. Com a pesquisa, concluímos que o Ilê vai além de ser apenas um espaço de culto, onde durante as práticas ritualísticas da religião seus frequentadores se conectam com o Deuses, pois também é um importante instrumento de manutenção da memória que, através da transmissão oral do conhecimento passado por gerações, contribui para preservar a cultura africana em solo brasileiro.

Palavras chave: Espaço de cultura. Memória. Ilê. Pai Paulinho de Odé.

Resumen: El artículo presenta la importancia del Terrero como un espacio que sirve tanto como herramienta de mantenimiento de la cultura afrobrasileña como de memoria. Para el presente texto, elegimos el Ilê del Padre Paulinho de Odé como objeto de estudio empírico. El Terrero está ubicado en Vila João de Barro, en la ciudad de Canoas - RS. El problema de investigación se refiere a la forma en que un terrero sirve para mantener la cultura y la memoria de la religión africana. Para el desarrollo de la investigación, se utilizó como soporte teórico la percepción de varios autores,

dialogando con extractos de narrativas conmemorativas del líder espiritual, resultado de entrevistas realizadas en 2019. Esas entrevistas siguieron el protocolo metodológico utilizado en investigaciones relacionadas con la historia oral. El estudio presenta una breve historia de cómo se desarrolla la religión afrobrasileña y sus formas de culto en el estado de Rio Grande del Sur. También dedicamos parte del texto al barrio donde se ubica Vila João de Barro y cómo ocurrió su ocupación liderada por movimientos sociales. El artículo aclara peculiaridades sobre el Ilê: cuándo lo construyeron, quién vive allí, cuáles son los objetos que allí se depositan y, también, cómo se da la relación entre Padre Paulinho y su Orixá Odé. Con la investigación, concluimos que el Ilê va más allá de ser solamente un lugar de culto, donde durante las prácticas ritualistas de la religión sus asistentes se conectan con los Dioses, pues también es un importante instrumento para el mantenimiento de la memoria que, a través de la transmisión oral de conocimientos transmitidos por generaciones, contribuye a preservar la cultura africana en territorio brasileño.

Palabras clave: Espacio cultural. Memoria. Ilê. Padre Paulinho de Odé.

Introdução

O presente estudo propõe uma reflexão acerca da importância dos espaços de culto de religião Afro-brasileira, visando à manutenção da cultura africana, já que se apoia numa memória transmitida através da oralidade. Para uma melhor compreensão, utilizaremos o Ilê de como referência e, para justificar a relevância de um Terreiro como espaço de cultura e memória, o estudo será apoiado nas teorias de diversos autores como Assmann (2011), Bastide (2001), Candau (2011), Cossard (2008), Lody (2006), Oro (1999), Prandi (2001), dentre outras fontes confiáveis.

Na primeira sessão do trabalho, abriremos com um breve histórico sobre a religião de matriz africana presente no estado do Rio Grande do Sul. Em seguida, situaremos o leitor acerca da localização do espaço de culto religioso de Pai Paulinho de Odé dentro da cidade de Canoas-RS e, por fim, destacar-se-á a importância desse local para perpetuação de uma memória vinda da África que atravessou não só oceano atlântico, mas se mantém viva por séculos desde o processo escravagista do Brasil colonial.

Sendo assim, para compor os capítulos desse estudo, serão incluídos trechos de narrativas memoriais, que foram transcritos seguindo o protocolo metodológico proposto por Alberti (2005), fruto das entrevistas feitas com Pai Paulinho, entre os meses de setembro e outubro do ano de 2019. Assmann (2011, p. 189) cita em sua obra Lutz Niethammer, que afirma que a entrevista memorativa,

está codeterminada muito mais pelo fato de que a memória seleciona e condensa, de que elementos da recordação se compõem e são processados linguisticamente com base em padrões de interpretação adquiridos no intervalo de tempo ou na conformação adequada a comunicação, e pelo fato de que tais elementos são influenciados por mudança nos valores socialmente aceitos e pela interação sociocultural.

Olhar a cultura africana na formação da cultura brasileira é de suma importância, porém devemos atentar ao fato de como ela foi diluída durante os anos, pelo apagamento étnico imposto pelos colonizadores europeus, que fez todos os elementos culturais sobreviventes a esse processo serem vistos apenas como África de forma genérica, sem muitas conseguir saber sua origem exata. Até mesmo os próprios afrodescendentes, muitas vezes, têm dificuldade em identificar sua própria origem, assim como os aspectos culturais, de maneira que a impressão que se tem é a cultura brasileira ter apagado suas fontes (PRANDI, 2005).

Como colaboração sobre tal ideia Prandi (2005, p. 168) nos diz que,

a reconstituição da cultura religiosa africana no Brasil foi orientada, não sem a ocorrência de mudanças, acréscimos e perdas, por um processo que vislumbra dar sentido a memória e a identidade do negro na diáspora, num jogo que o povo de santo imagina apenas como pleno de mistérios perdidos e segredos guardados.

E, repensando sobre essa transmissão cultural, Candau (2011, p. 120), em sua obra, cita Bastide sobre como determinadas religiões africanas sobreviveram no Novo Mundo, porque “seus iniciados vindos da África trouxeram, sob formas de matrizes físicas alojadas na intimidade de seus músculos, os deuses e os ancestrais étnicos”, uma transmissão protomemorial e memorial que se interagem, uma “tradição religiosa, um sistema organizado de pensamentos e gestos” (p.121), e, sendo assim, o local onde atualmente ocorre o culto dessas práticas fortalecem essas memórias.

No Brasil, é muito comum as lembranças africanas sofrerem modificações, visto que as mudanças na sociedade globalizada fomentam uma alienação cultural dos

negros e, numa evidente luta de classes sociais dominantes, um esforço de um apagamento e embranquecimento da cultura africana.

A religião afro-brasileira no Rio Grande do Sul

Iniciaremos o estudo com o olhar voltado para o Rio Grande do Sul, uma vez que inúmeros autores já trataram sobre como a religião de matriz africana desembarcou tanto no estado da Bahia quanto no Rio de Janeiro e como ocorreu a disseminação desses terreiros no final do século XIX início de XX. Como o Ilê de Pai Paulinho de Odé está localizado na cidade de Canoas, é mais conveniente uma abordagem sobre esse processo no estado gaúcho.

Em grandes cidades brasileiras do século XIX, surgem grupos que, através dos cultos africanos preocupados em recriar aspectos cultura da África, floresceram na Bahia, Alagoas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, dentre outros estados. Tais coletividades seriam formadas por escravos especialmente de etnias Nagôs e Iorubás. Na Bahia, a religião que florescia era chamada de Candomblé; enquanto no Rio Grande do Sul, o Batuque era organizado em grupos de nações, como Oyó e Ijexá (PRANDI, 2005).

Nessa transnacionalização das religiões Afro-brasileiras, o Rio Grande do Sul é visto como a porta de entrada brasileira do Mercosul², servindo a partir daí como uma espécie de exportador dessa cultura para os países platinos, como Argentina e Uruguai. Mesmo atualmente, podemos comumente ver Babalorixás gaúchos expandirem suas famílias religiosas para fora do Brasil. Apenas para deixar claro acerca do conceito do termo transnacionalização, o qual, segundo Badie e Smouths (1992), seria como “toda relação que [...] se constrói no espaço mundial além do quadro estatal nacional e que se realiza escapando ao menos parcialmente do controle ou da ação mediadora dos estados” (apud ORO, 1999, p. 17).

Historicamente, alguns autores como Oro (1999), acreditam que o Batuque aparece no século passado, muito provável nas cidades de Pelotas e Rio Grande, espalhando-se posteriormente pelo estado até chegar a Porto Alegre, às cidades litorâneas e centrais, expandindo-se pela fronteira com Uruguai e Argentina de forma que, nas décadas de 50 e 60, chegou às capitais platinas. Pode-se, através desses

² Tratado de constituição do Mercosul assinado em março de 1991 em Assunção, com a presença dos presidentes dos quatro países-membros: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

dados, perceber que o Batuque no estado gaúcho tem, pelo menos, um século de existência, sendo que, em muitos Terreiros espalhados pelo Rio Grande do Sul, são cultuados ao mesmo tempo a Umbanda e a Quimbanda, formando assim uma modalidade de culto cruzado muito característico das práticas ritualísticas, como exemplo do Ilê de Odé, que é nosso objeto de estudo.

Para contextualizar, apesar de a religião ser de matriz africana, percebe-se uma espécie de relação inter-racial presentes nos terreiros espalhados pelo Brasil, em especial aqui no Rio Grande do Sul. Em sua maioria, os Terreiros são liderados por negros, que são portadores do capital simbólico dado pela transmissão da tradição afro. Porém, a presença de brancos se fez necessária segundo a percepção de alguns teóricos, já que, para a manutenção financeira do espaço religioso, os brancos seriam detentores de maior capital econômico e essa relação seria atenuada através da expressão usada por ambos os envolvidos que repetem afirmando que o axé não tem cor (ORO, 1999).

Oro (1999, p. 46) ressalta ainda acerca do Terreiro multiétnico frequentado pela classe média e alta, que este teria como característica visível,

a ser liderados e frequentados predominantemente por brancos e neles vê-se reproduzida a mesma discriminação de classe que vigora contra o negro na sociedade brasileira em geral”, sendo uma espécie de tentativa de embranquecimento também dos cultos africanos dentro desses espaços de práticas religiosas.

Pai Paulinho é um cidadão branco, que tem seu Orixá Odé assentado desde seus 18 anos de idade, portanto há trinta anos. Atualmente, tem seu espaço de culto aberto, segundo ele, desde 1998, estando sob sua responsabilidade cerca de 70 filhos de santo, imbuído de um compromisso visível com os fundamentos religiosos que lhe foram transmitidos oralmente pelos seus antecessores e com a comunidade na qual ele está inserido. Sendo assim, o próximo capítulo será dedicado ao bairro onde está localizado seu Terreiro.

Bairro Niterói e a Vila Joao de Barro

A cidade de Canoas se constitui como uma das maiores cidades urbanas do estado do Rio Grande do Sul. Seu expressivo crescimento nas últimas décadas faz com que voltemos a atenção à diversidade cultural presente no cotidiano dos que aqui

vivem. É nesse viés que o estudo das religiões africanas se faz necessário, já que a presença dos Terreiros na cidade é expressiva. Ademais, tal esforço visa à abertura do baú das memórias do município, resgatando a cidadania e estimulando assim a reflexão do leitor sobre um passado que necessita ser preservado para alcançar as gerações futuras.

Para esse resgate de memórias culturais como dito anteriormente, utilizarei como referência o Ilê de Odé, dirigido por Pai Paulinho há mais de vinte e cinco anos, localizado na cidade de Canoas. O espaço religioso está inserido na grande área do bairro Niterói, mais precisamente na rua Chico Mendes, nº: 351, na Vila João de Barro. Para situar quem lê, vou dedicar alguns parágrafos abaixo a um sucinto histórico do referido bairro, retirado do livro “Canoas – Para lembrar quem somos – Niterói”, obra esta que privilegiou fontes orais, pois são poucas as publicações historiográficas disponíveis para consulta.

A palavra Niterói significa, para os índios, lugar ou fonte de água oculta, sendo escrita inicialmente Nictheroy. Tal denominação dada ao local referia-se à localização próxima ao rio Gravataí, fato esse que proporcionou a cultura agrícola desenvolvida na região, como exemplo das granjas de arroz. A pessoa de Arthur Oscar Jochims é considerada como um dos homens que criou o bairro, com a finalidade de ser uma vila operária (PENNA, CORBELINNI, GAYESKI, 2004).

Tais terras um dia pertenceram aos irmãos Alberto e Frederico Bins, que cultivavam arroz, sendo então compradas por Jochims, o qual iniciou um loteamento. Em outubro de 1931, um grupo de empresários funda a Empresa Territorial Nictheroy Ltda., tendo como diretor financeiro Arthur O. Jochims; iniciou-se então a venda dos lotes em prestações que, naquela época, eram acessíveis aos interessados (PENNA, CORBELINNI, GAYESKI, 2004).

A dissertação escrita por Viegas (2011, p. 46) diz que,

entre os espaços próximos à capital, encontrava-se Canoas e, mais precisamente, o limite sul do povoado, que o separava da cidade de Porto Alegre. É nesse ponto que está localizada a Vila Nictheroy, território que foi eleito nesta pesquisa como o cenário mais representativo de Canoas como um projeto de cidade-dormitório nos anos trinta, o que não exclui a referência às outras áreas. A referida Vila foi, afinal, o primeiro loteamento a ser implantado em Canoas com a finalidade de atender à demanda de interessados que procuravam a região em busca de ofertas de moradia mais acessíveis do que as disponibilizadas na Capital.

Em novembro do seguinte ano, abre-se então a primeira rua, Av. Nictheroy, que atualmente é denominada 1º de Maio. Sempre bom lembrar que, até 1940, a área de terras pertencia ao município de Gravataí, sendo então a partir desse ano ser de responsabilidade da cidade de Canoas (PENNA, CORBELINNI, GAYESKI, 2004).

Durante muitas décadas, o bairro teve que conviver com a falta de esgoto, iluminação, calçamento e locais pensados para o lazer de seus moradores, tendo uma modificação sensível na gestão do então prefeito Hugo Lagranha nos anos de 1970, que proveu calçamento e água potável aos moradores de Niterói (PENNA, CORBELINNI, GAYESKI, 2004).

Nos limites desse bairro, estaria uma grande área de terras, chamada de Granja que pertencia ao IRGA, que, em 1989, foi ocupada por pessoas que participavam de movimentos sociais e, somente vinte e três anos após, foi regularizada, sendo entregue os lotes a seus moradores através da Lei Municipal n.º 5695, de 28 de junho de 2012, que “autoriza o poder executivo municipal a receber do governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de doação, lotes localizados no Loteamento João de Barro”, na gestão do então prefeito Jairo Jorge.

Concordando com os dados históricos levantados e tendo como referência as narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé, afirma que,

em 87 eu já tinha 16 anos ai eu conheci um grupo através do meu padrasto, um grupo de discussão de política, naquela época estava se construindo grupos, núcleos partidários, muito de discussão, e entre as discussões estava a moradia na cidade de Canoas, a cidade Canoas naquela época não tinha nem um projeto de moradia (AMBIEDA, 2019).

Diante dessa situação em que Pai Paulinho e sua família viviam no final dos anos 80, mobilizado com outros companheiros decidem tomar uma atitude, “nós começamos a nos reunir para ocupar essa área, aí já em 1988 começou as reuniões final de 1988 lá em outubro, novembro de 88 começamos as reuniões para ocupar” (AMBIEDA, 2019). Como nesse tipo de situações o poder público não está ao lado das classes menos favorecidas, ele rememora dizendo, “e aí teve confronto com a polícia, o governo Lagranha naquela época dizia que quem ocupava a terra só ia ver a água se chovesse ou o sol, e ter luz se tivesse” (AMBIEDA, 2019), área que futuramente veio originar a Vila João de Barro, onde está localizado o Terreiro objeto desse estudo.

Ilê de Pai Paulinho de Odé como espaço de cultura e memória

Pai Paulinho de Odé, Babalorixá ou Babá, ergueu o Ilê em homenagem ao seu Orixá protetor Odé no ano de 1998, na rua Chico Mendes e, até hoje, é ali que exerce suas funções como sacerdote religioso. Sobre a denominação da palavra Babá Lody (2006, p. 94) contribui explicando que esta é,

de emprego múltiplo, determinando funções, cargos hierárquicos e papéis sociais que evidenciarão uma plural leitura do próprio termo [...] independente de sexo ou determinação espaço regional, é aquele que controla, designa e atua; interfere nos procedimentos e atitudes individuais no grupo social.

Nesse local, além do Terreiro, Pai Paulinho reside junto com sua família em uma casa nos fundos do terreno. Alguns teóricos versam sobre esse fato ser muito comum, já que é importante que este local seja vigiado e cuidado, por conta de nele conter vários “objetos nos quais as divindades foram fixadas: pedras, pedaços de ferro, tambores” (BASTIDE, 2001, p. 80). Assim, tais materiais têm um valor inestimável para os que ali depositam sua fé e devem ser cuidadosamente mantidos por todos.

O Ilê então é visto como um local onde a memória cumpre um papel especial, transmitida pelas narrativas através de gerações, fazendo que o espaço seja um local de gerações. Nesses locais, “os membros de uma mesma família nasceram e morreram, em uma corrente inquebrantável de gerações” (ASSMANN, 2011, p. 320).

Muito presente no Terreiro, a memória geracional é fundamental no processo de transmissão dos ensinamentos religiosos, como ali naquele local a família de Pai Paulinho participa do cotidiano, todos estão envolvidos nas dinâmicas sociais ali presentes. Assim, Candau (2011, p. 140) propõe que,

a reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímica e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que membros da parentela queiram considerar-se como uma família.

O Babalorixá serve como uma espécie de detentor do poder religioso, responsável pela transmissão oral do conhecimento aos seus iniciados e uma figura

paternal dentro do terreiro que deve ser respeitado pelos frequentadores do espaço. Pensando de forma mais ampla sobre sua existência, tal figura pode ser uma injunção do poder divino sobre o social. Sobre oralidade e memória, Trindade (2017, p. 224), afirma que “memória oral é a verbalização da nossa memória”, na qual [...] grupos e indivíduos articulam suas experiências passadas formulando uma narrativa histórica acerca de suas trajetórias”. Ainda, a reminiscência oral é tida para a autora como uma das formas mais antigas de humanidade de transmissão e consolidação das narrativas.

Para exercer liderança num Ilê, além do cargo que o Babalorixá ocupa, é necessário carisma, que, para Weber (1971), “é definido como uma qualidade extraordinária de um personagem dotado de forças ou de poderes sobrenaturais ou sobre-humanos, inacessível ao comum dos mortais” (*apud* ORO, 1999, p. 83), sendo determinante em diferenciar pais e mãe de santo no que tange sua representação em determinada sociedade.

Cossard (2008, p. 67) em sua obra, sustenta que,

o chefe de um terreiro não age sozinho, pois conta com a ajuda de muitas pessoas sob suas ordens [...] a cabeça desse verdadeiro organismo, e os que o cercam são seus braços e pernas. Esse entrosamento vai exigir uma disciplina severa, muita abnegação e sacrifício. É uma escolha para o resto da vida.

Para dentro do Terreiro, tal reconhecimento social depende do reconhecimento por parte de seus adeptos de virtudes, como: a segurança que preside os rituais, a eficiência do jogo de búzios, a quantidade de clientes externos à casa e seu progresso material adquirido com o passar dos anos, tanto para si quanto na vida particular dos seus filhos. Podemos dar o exemplo do jogo de búzios, que é uma atribuição importante ao Babalorixá, já que revela o Orixá no momento da iniciação, segundo Lody (2006, p. 84). O mesmo autor informa que a cabeça é como “o espaço principal para a feitura e inclusão ritual do santo, do Orixá”, sendo considerada o polo fundador e irradiador de iniciação, uma vez que a cabeça é a morada do santo.

Nas práticas do Batuque muito comum no estado do Rio Grande do Sul, entende-se que “a cabeça é o Orixá e todas as práticas renovadoras do axé são centralizadas na cabeça” (LODY, 2006, p. 84), de forma que o corpo e o espiritual estão intimamente ligados se tornando assim inseparáveis, assim o iniciado entrega sua cabeça ao Babalorixá e assume suas responsabilidades na religião.

Quanto às responsabilidades e à posição hierárquica do iniciado, nas religiões africanas, entende-se que estas geralmente estão marcadas pela obrigação, pois quanto mais esse indivíduo se eleva, mais se vê obrigado a submeter-se às normas obrigatórias presentes no terreiro e ainda mais à relação do comportamento social. Bastide (2001, p. 229) contribui que “os títulos são antes de mais nada encargos, no sentido etimológico do termo, algo pesado de carregar, algo que oprime”. Essa obrigação acaba afastando as novas gerações, já que numa sociedade marcada pela importância do valor do tempo, isso pode tornar um empecilho na hora de optar pela iniciação.

Para fora do Terreiros, são utilizados como fonte de legitimação a sua visibilidade nas redes sociais e o interesse que esses dirigentes espirituais despertam nos pesquisadores e na sociedade como um todo, como foi o caso de Pai Paulinho de Odé para a minha pesquisa de mestrado.

O Ilê seria um local onde estão guardados os segredos e os símbolos da religião africana e deve ser visto como locais de memória. Assmann (2011, p. 317), em sua obra, cita Cícero, ao dizer que “grande é a força da memória que reside no interior dos locais”, mesmo um local não tendo em si uma memória imanente, a autora contribui mencionando que estes,

fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, [...] mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve dos indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos (ASSMANN, 2011, p. 318).

Sobre o significado do espaço físico denominado como Ilê, segundo Lody (2006, p. 13),

são conferidas aos terreiros a guarda, proteção e manutenção de conjuntos expressivos das culturas africanas, que coordenadas pelos princípios religiosos, conseguiram preservar idiomas, tecnologias, música, dança, gastronomia, teatro, liturgias e sistemas de mando e poder intramuros referências complexas a sociedade total.

Sendo o Ilê considerado como um local de adoração e, por conseguinte, um espaço de rememoração, Barros (2014, p. 13) nos diz que este “lugar de memória, das origens e das tradições, onde, além de se preservar um conhecimento naturalístico e uma língua ancestral, na qual são entoados cantos e louvações”, serve para consolidar suas práticas e guardar tanto seus segredos como símbolos.

Tais locais a partir da perspectiva de Barros (2014, p. 13), são vistos também como,

uma associação liturgicamente organizada, em cujo espaço se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos de uma determinada tradição religiosa [...] com regras específicas baseadas no parentesco mítico, no princípio da senioridade e na iniciação religiosa.

Ali no interior do Terreiro, podemos encontrar os elementos que dão significado a uma religião baseada na mitologia iorubana, que, no Brasil, foi preservada na cultura religiosa presente nas narrativas, a qual afirmava que os homens e deuses viviam num mesmo mundo. Prandi (2005, p. 178) cita esse mito, “no começo não havia separação entre o Orum, o Céu dos Orixás, e o Aiyê, a terra dos humanos. Homens e divindades iam e vinham coabitando e dividindo vidas e aventuras”.

Pai Paulinho fala também em suas narrativas, sobre esse lugar idealizado pelos seguidores da religião africana,

O Orum é a África num plano espiritual mais, de maior nível né, é a natureza em sua exuberância, o Orum é a principal morada dos Orixás e o Orixá também é a própria natureza como o mar é Iemanjá, o rio é Oxum né, a pedra é Xangô a pedra o fogo, a árvore, a folha, a mata é Odé é Ossaim né, a caça a busca é Odé, a folha é Ossaim, a dor e a cura também é Xapanã (AMBIEDA, 2019).

Sendo assim, devemos refletir como os lugares e o seu conteúdo estão intimamente ligados. Essas figuras representadas pelos Orixás e suas histórias servem para fixar a memória do conteúdo de saber e os lugares responsáveis por essa ordenação (ASSMANN, 2011). O Terreiro e seus artefatos contribuem para a valorização e perpetuação de uma cultura ancestral vinda do além-mar.

Acerca do significado dos símbolos, Assmann (2011, p. 318) cita a comunicação por carta entre Goethe e Schiller em agosto de 1777, no qual o primeiro “inventa” o símbolo como uma categoria não literária e os chama de “objetos felizes”, que, ao serem observados, geram determinadas sensibilidades, um efeito muitas vezes de totalidade e unidade. Para quem observa tais objetos, estes emanam uma força que independe do seu significado histórico: nessa corrente de pensamento, a imagem do Orixá tem para o iniciado, assim como para quem frequenta o local, uma identidade carregada de força presente na memória do indivíduo.

No Terreiro, os Orixás podem ser representados por imagens muitas vezes esculpidas em gesso e até mesmo por fotografias, servindo para fundamentar e

preservar a religião. Sobre a importância das imagens, no interior do Terreiro de Pai Paulinho, há inúmeros artefatos fotográficos em suas paredes reafirmando e mantendo a memória da religiosidade. Assmann (2001, p. 238) sugere que,

a fotografia, no entanto, funciona não apenas como analogia da recordação, ela também se torna o médium mais importante da recordação, pois é considerada o indício mais seguro de um passado que não existe mais, como estampa remanescente de um momento passado. A fotografia preserva desse momento do passado um vestígio real com que o presente está ligado por contiguidade, por contato: a fotografia é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vem atingir-me, a mim, que estou aqui.

Além desses símbolos que representam os deuses africanos, os mais importantes estão presentes no Peji: uma espécie de quarto de santo onde repousam as vasilhas, possíveis assentos dos Orixás. Paulinho de Odé explica sobre essa feitura,

os Orixás são assentados em vasilhas dentro dessa vasilha vai um Ocutá que é uma pedra sagrada que é colhida do rio, da mata e é consagrada pelos três e liga (a gente chama de cola né), uma liga que liga o Orum ao Aiyê, ou seja, o céu e a terra. O Orixá não mora no nosso Peji, o assentamento do Orixá é para ele responder, não mora ali ele mora na natureza e no Orum.

Para esse ritual de assentamento do Orixá em sua vasilha, é necessário que animais sejam sacralizados e assim seu sangue ofertado. Para entender a função que o sangue ocupa, Bastide (2001, p. 77) menciona A. B. Ellis: expõe que, “o sangue é o axé de tudo quanto respira. Eis porque, como vimos, é por meio do banho de sangue que se estabelecem, no mundo africano da Bahia, todas as relações entre os objetos, os seres humanos e os Orixás”.

O espaço de cultura e memória que observamos para a produção desse estudo é dedicado a Odé, um local que representa “de fato uma tessitura incomum de espaço e tempo, que entretence presença e ausência, o presente sensorial e o passado histórico” (ASSMANN, 2011, p. 360). Por meio da narrativa de Pai Paulinho, que tem Odé como Orixá dono de sua cabeça e entrega a ele sua devoção, define a divindade da seguinte maneira, “Odé é vida, Odé é luta, Odé é força, Odé é busca, Odé é obstinação, é determinação, Odé é fartura de amor, fartura de axé, fartura de vida, fartura de união, fartura na mesa, fartura de vontade isso é Odé, Odé é o tudo, Odé é o passado, o presente e o futuro” (AMBIEDA, 2019).

Percebe-se através desse depoimento a imagem e a força que o Orixá tem para seu devoto e também como a construção da identidade de Pai Paulinho está afirmada. Prandi (2001, p.112) em sua obra fala acerca da relação dos Orixás, “Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente”, característica essa em cuidar dos seus pode ser percebida quando lemos o que nos diz Pai Paulinho em sua narrativa,

eu era muito brigão na escola porque eu não gostava de injustiça brigão, brigão, brigão se eu vejo um menino maior brigando com um menor eu me metia, se eu via uma discriminação, racismo essas coisas era natural, homofobia já era natural de mim sem muito a compreender isso até, acho que cada um tinha que ser do jeito que era desde que respeitasse o outro pra mim sempre foi assim mesmo sendo uma coisa, talvez o meu Orixá, o meu Orixá é o Odé, Oxóssi (AMBIEDA, 2019).

Considerações finais

Um Terreiro também é visto como um lugar sagrado, onde fiéis se conectam aos seus Deuses. Ali se vivenciam tais presenças através dos símbolos ou arquétipos, que nada mais seriam imagens previamente cunhadas de maneira transubjetiva, que integram o aparato herdado pelo ser humano e crê que, sem eles, não haveria explicação para o poder de eficácia de determinadas imagens e noções. Tais imagens presentes aproximam seus frequentadores dos deuses nelas representados. Assmann (2011, p. 245) propõe que estas “imagens e textos adaptam-se de modos diferentes à paisagem do inconsciente, há uma fronteira líquida entre imagem e sonho; a imagem é elevada à visão e provida de vida própria [...] a força que anima as imagens no sonho”.

Quando se adentra nesse espaço, é muito comum a todos tirar os sapatos, já que aquele local é visto por todos como sagrado. Podemos citar um trecho retirado da Bíblia, em que Deus diz a Moisés: “Tire a sandália dos pés, porque o lugar em que você está pisando é solo sagrado” (BÍBLIA, Êxodo, 3:5). Não muito diferente da fé cristã, nas religiões politeístas, o respeito pelo local de adoração é comum para todos que ali frequentam, pois esse local serve como ponto de conexão com os deuses que ali simbolicamente habitam.

Odé, por exemplo, é um Orixá caçador e provedor de alimentos, ao olharmos sua personificação, percebemos pela maneira em que ele segura seu arco e flecha nos transmite força como observador, independentemente de ter que ouvir sua

história. Sendo então, que naquele local onde o Orixá está assentado, mesmo ele estando representado pelos elementos imagéticos, os indivíduos ali percebem sua presença espiritual.

Nos espaços de recordação, assim como o Terreiro se torna para seus frequentadores, como nos diz Assmann (2011, p. 323), uma espécie de “texto sagrado, que não é lido e comentado, mas memorado e recitado”, o pai de santo se torna responsável em transmitir aos iniciados os ensinamentos que recebeu de seus antecessores, conservando assim a memória de uma religião de características ancestrais.

Através dessas narrativas, encontramos um passado que tenciona vitalizar para assim conferir-lhe continuidade, o Terreiro então serve para conservar essas lembranças. Esse local congrega também uma memória religiosa, a qual possui suas recordações e conotações normativas, as quais servem de fixação de sentido pessoal e coletivo.

REFERÊNCIAS

AMBIEDA, Paulo R.. **Percorso e religião**. [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.

_____. **Religião e movimentos sociais**. [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2011.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARROS, José. F. P. de. **A floresta sagrada de Ossaim**: o segredo das folhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

BÍBLIA, A. T. Êxodo. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, p. 40-72, 1999.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

COSSARD, Gisèle O. **Awô**: o mistério dos orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Conheça o Irga**. Disponível em: <http://irga.gov.br/quem-somos>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LODY, Raul. **O povo do santo**: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ORO, Ari P. **Axé Mercosul**: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PENNA, Rejane. CORBELLINI, Darnis. GAYESKI, Miguel. **Canoas para lembrar quem somos**: Niterói. Prefeitura Municipal de Canoas. Canoas: La Salle, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Famílias da João de Barro e Sete de Outubro recebem escrituras de casas**. Canoas: 2014. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/118192>. Acesso em: 30 nov. 2019.

TRINDADE, Ana L. de O. Oralidade e memória. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017. 282-284p.

VIEGAS, Danielle H. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2376/1/430524.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

6 ILÊ DE ODÉ TOLOBUM BEOCIOMI: LOCAL SAGRADO E LOCAL DE GERAÇÃO. A PERSISTÊNCIA DA ANCESTRALIDADE NEGRA NA CIDADE DE CANOAS – RS³

Resumo: O presente artigo vem a colaborar com os interessados em estudos nas ciências sociais, em especial aqueles voltados à memória, cultura e religiosidade afro-brasileira. Como objeto empírico de estudo, apresentamos o Terreiro de Pai Paulinho de Odé, localizado na cidade de Canoas – RS. Nesse espaço onde ocorrem as práticas religiosas e que também serve de porta de comunicação com as entidades e divindades que ali são cultuadas, Pai Paulinho de Odé exerce suas atividades como Babalorixá há mais de vinte anos. No Ilê escolhido como objeto de estudo desta pesquisa, são cultuados os Orixás africanos, uma modalidade peculiar chamada de Batuque, que é praticada no Rio Grande do Sul. O problema de pesquisa diz respeito ao fato de o Ilê de Pai Paulinho estar ao mesmo enquadrado como local sagrado e local de geração. Temos como objetivo principal nos ater às narrativas de memória do dirigente espiritual ligadas ao Terreiro. A pesquisa tem viés qualitativo, pois é mais adequada para se trabalhar com crenças, aspirações e com o domínio do simbólico. Quantos às entrevistas realizadas com o Babalorixá, seguimos o protocolo metodológico relacionado a pesquisas de História Oral. No Ilê de Pai Paulinho, percebemos a memória individual como parte das representações coletivas que, por sua vez, moldam a identidade dos que ali frequentam. No caso específico desse local, nos deparamos com a presença da família carnal do dirigente envolvida nas práticas religiosas, indo ao encontro da teoria sobre a transmissão do conhecimento através de uma memória genealógica. O Ilê, por sua vez, é visto como sagrado pelos adeptos da religião de matriz africana, posto que nesse local é possível aproximar-se das divindades. A partir da pesquisa, concluímos que o Terreiro de Pai Paulinho de Odé contribui para que a ancestralidade negra persista no mundo moderno - em especial na cidade de Canoas – onde a transmissão oral do conhecimento pela memória que atravessa gerações é parte fundamental nesse processo de preservação cultural.

Palavras chave: Narrativas de memória. Local sagrado. Local de geração. Ilê. Pai Paulinho de Odé.

³Resumo apresentado no SEFIC em 22/10/2020, na Universidade La Salle. Disponível em: <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2020/issue/view/11/showToc>.

Resumen: Este artículo colabora con interesados en estudios de ciencias sociales, especialmente los que se centran en la memoria, cultura y religión afrobrasileña. Como objeto empírico de estudio, presentamos el Terrero de Padre Paulinho de Odé, ubicado en la ciudad de Canoas - RS. En ese espacio donde se desarrollan las prácticas religiosas, y que además sirve como puerta de comunicación con las entidades y divinidades que allí se adoran, hace más de veinte años el Padre Paulinho de Odé ha desarrollado sus actividades como Babalorixá. En el Ilê escogido como objeto de estudio para esta investigación, se veneran a los Orixás africanos, modalidad peculiar llamada Batuque, que se practica en Rio Grande do Sul. El problema de investigación se refiere al hecho de que la Ilê de Padre Paulinho corresponda al mismo tiempo como un lugar sagrado y un lugar de generación. Nuestro principal objetivo es atendernos a las narrativas de la memoria del líder espiritual relacionadas al Terrero. La investigación es cualitativa, ya que es más adecuada para trabajar con creencias, aspiraciones y el dominio de lo simbólico. En cuanto a las entrevistas realizadas con Babalorixá, seguimos el protocolo metodológico relacionado con la investigación en Historia Oral. En el Ilê de Padre Paulinho, se nota la memoria individual como parte de representaciones colectivas que, a su vez, configuran la identidad de quienes frecuentan ese lugar. En el caso específico de esa localidad, nos encontramos ante la presencia de la familia carnal del líder involucrada en prácticas religiosas, encontrándose con la teoría sobre la transmisión del conocimiento a través de una memoria genealógica. La Ilê, a su vez, es vista como sagrada por los seguidores de la religión de base africana, ya que en ese lugar es posible acercarse a las deidades. Con esta investigación, concluimos que el Terrero del Padre Paulinho de Odé contribuye a la persistencia de la ascendencia negra en el mundo moderno - especialmente en la ciudad de Canoas - donde la transmisión oral del conocimiento a través de la memoria que atraviesa generaciones es parte fundamental de ese proceso de preservación cultural.

Palabras clave: narrativas de memoria. Lugar sagrado. Ubicación de generación. Ilê. Padre Paulinho de Odé.

Introdução

As pesquisas que envolvem memória e cultura colaboram com as articulações em diversas abordagens e problematizam estudos na área das Ciências Humanas. Tais estudos repercutem para além da pesquisa, por auxiliarem na compreensão da forma como os diferentes grupos se organizam em sociedade. Os Terreiros de matriz africana vêm despertando o interesse de pesquisadores, e a produção de tais estudos se faz importante para desmistificar as práticas religiosas e, por consequência, romper o preconceito e a intolerância religiosa que ainda persiste no Brasil. Tais locais, além de preservarem a cultura negra através da transmissão oral dos saberes, servem como uma porta de comunicação atemporal entre o Brasil e o continente africano.

No Rio Grande do Sul, Dillmann (2016) afirma que o estado se destaca no cenário nacional quando o assunto é relacionado à devoção aos cultos afro-brasileiros, já que possui características peculiares que se diferem dos demais praticados no restante do país. O Batuque é uma das religiões Afro-brasileiras que se apresenta como um exemplo de modalidade que cultua os Orixás africanos e que se pratica em especial no território gaúcho. O objeto de estudo para esse trabalho será sobre o Ilê de Odé Tolobum Beociomi, onde Pai Paulinho de Odé é dirigente espiritual, localizado na Cidade de Canoas – RS.

O problema de pesquisa diz respeito ao Terreiro de Pai Paulinho de Odé: se este estaria, ao mesmo tempo, enquadrado como um local de geração quanto um local sagrado, segundo a percepção de Assmann (2011). Seu objetivo principal é estudar as narrativas de memória peculiares ao Terreiro de Pai Paulinho. A metodologia da pesquisa terá viés qualitativo, uma vez que nosso objeto empírico aponta para o domínio do simbólico, das crenças, da vivência de valores transmitidos através de narrativas de memória. Para Minayo (2016), a pesquisa qualitativa é mais adequada para se trabalhar com crenças, aspirações e com o domínio do simbólico. O trabalho partirá de entrevistas realizadas com o sacerdote dirigente, Pai Paulinho de Odé, no ano de 2019. Essas entrevistas estarão focadas nos valores e nas crenças presentes nas narrativas. Autores como Bertaux (2005) reafirmam a importância do relato oral, já que estes apresentam uma realidade distante do tempo, espaço e que, ao ser registrado, assume valor documental para pesquisa. Seguiremos assim o protocolo metodológico proposto por Alberti (2005) em relação à pesquisa com

História Oral. As entrevistas serão transcritas literalmente, enviadas aos entrevistados para conferência e posterior assinatura do Termo de Concordância.

Quanto ao local de geração e local sagrado, vamo-nos ater ao estudo de Assmann (2011), no qual a autora mostra a força narrativa dos locais que resistem à mudança temporal, ao sentido de progresso da modernidade ocidental. Vamos encarar a memória como dotada de um enquadramento social (HALBWACHS, 2006) e, ao mesmo tempo, de uma característica eminentemente narrativa (RICOEUR, 2007). Quanto à apreensão do Terreiro de Pai Paulinho como um local de geração, recorreremos aos estudos de Prandi (2005), no qual aparece a força com que a tradição da ancestralidade comanda o cotidiano dos terreiros. Por outro lado, a importância de estudar-se uma casa específica de religião afro-brasileira vem da inexistência de um tipo *standard* de terreiros, fenômeno existente tanto no Candomblé, como no Batuque ou na Umbanda (PRANDI, 2005; ISAIA, 1999).

O culto afro-brasileiro no Rio Grande do Sul

Os cultos aos deuses africanos, assim como suas práticas, trazidos na memória dos povos traficados para o Brasil durante o período colonial, carecem de dados históricos a seu respeito, visto que a historiografia oficial não se interessa em registrar temas acerca de populações que não fazem parte da sociedade dominante. A diáspora africana para o Brasil recebeu, em seus portos, diversos povos que não foram historicamente classificados pelo seu local de origem e sim identificados pelos portos nos quais foram embarcados em navios negreiros (MATTOS, 2009). Voltaremos nosso foco ao Rio Grande do Sul pela localização do objeto de estudo e também pelo fato de vários autores já trataram sobre a forma pela qual a religião de matriz africana desembarcou, tanto no estado da Bahia quanto no Rio de Janeiro e como ocorreu a disseminação desses terreiros no final do século XIX e início de XX.

Em grandes cidades brasileiras do século XIX, vários grupos de etnia africana se organizaram com o intuito de reafirmar seus aspectos culturais através da religião. Tais grupos seriam povos originários de diversas regiões iorubanas da África, como Queto, Angola, Jêge, Nagô. Na Bahia, a religião que florescia era chamada de Candomblé, enquanto no Rio Grande do Sul era o Batuque, modalidade organizada em grupos de nações, como Oyó e Ijexá (PRANDI, 2005).

Historicamente, alguns autores como Oro (1999), acreditam que o Batuque aparece no século passado, muito provável nas cidades de Pelotas e Rio Grande, espalhando-se posteriormente pelo estado até chegar a Porto Alegre, às cidades litorâneas e centrais, expandindo-se pela fronteira com Uruguai e Argentina, de maneira que, nas décadas de 50 e 60, chegou às capitais platinas.

Sobre o mito fundador do Batuque, existem duas teorias, a que esta modalidade de culto teria sido trazida ao estado por uma escrava vinda de Pernambuco e outra que não associa a um personagem em específico, mas ao fato de diversas etnias de origem africanas desenvolverem uma forma de resistência cultural no período da escravidão. Uma teoria que é vista de forma mais provável por pesquisadores seria que o Batuque teria se originado por volta de 1833 e 1860, quando escravizados de origem banto e sudanês, vindos de Pernambuco, estabeleceram-se nas cidades de Pelotas e Rio Grande (MELLO, 1995; ORO, 2002), reforçando o mito fundador do Batuque, ao relacionar a escrava à gênese do culto.

Então, o ano de 1860, segundo historiadores, seria considerado de fundação dos primeiros Terreiros de Batuque na cidade de Porto Alegre. Por consequência da diversidade étnica e das trocas culturais que ocorreram entre os diversos grupos de origem banto e sudanês que aqui viviam, marcou-se o Jeje-Nagô como a organização que originou o modelo religioso inicial do Batuque, cuja característica era uma sólida estrutura e articulação litúrgica e a forma disciplinada como formavam seus sacerdotes (FRANCO, 1991; TADVALD, 2016).

Pode-se através desses dados perceber que o Batuque no estado gaúcho tem, pelo menos, um século de existência, e divide-se de forma diferente por meio de uma modalidade de culto, lados ou nações, de acordo com a adesão do adepto a um determinado Terreiro. Os registros etnográficos disponíveis não levam a uma concordância absoluta sobre os lados do Batuque, mas sabe-se da existência de ao menos seis: Cabinda, Oyó, Ijexá, Nagô, Jeje e Jeje-Ijexá (TADVALD, 2016).

Tais lados se diferenciam a partir de alguns aspectos, como: o ritmo do tambor no toque dos axés, o uso ou não de alguns cantos para determinados Orixás, assim como o número de divindades que são cultuadas (ACOSTA, 1996). Dessa forma, faz-se muito comum uma mescla dessas características, quando uma casa se funde a outra pela troca de um pai de santo nessa árvore genealógica que se forma na tradição do Batuque, em virtude de que um sacerdote necessite estar na mão de outro como manda o fundamento religioso.

Cabe então, um breve histórico acerca das nações Jeje, Ijexá e Jeje-Ijexá, por atualmente Pai Paulinho de Odé fazer parte desses lados. O Jeje, há tempos, foi visto como uma nação extinta em Porto Alegre, e tem como figura mais exponencial o Príncipe Custódio, que teria imigrado ao Brasil em meados de 1896, chegando a Porto Alegre em 1901 e falecido em 1935, com 104 anos. Residiu em um casarão no bairro Cidade Baixa, onde montou uma casa de religião, a qual, segundo registros, ele mesmo não teria iniciado ninguém, mas teria trazido consigo pela ocasião de seu exílio sacerdotes que foram responsáveis pelo início de sua linhagem. Entre os mais notáveis, estão Dona Chiquinha e Joãozinho do Bará (ORO, 2002; TADVALD, 2016).

O Ijexá surgiu a partir de um Babalorixá chamado Cudjobá, que, durante sua trajetória no Batuque, teria iniciado diversos pais e mães de santo. Teria vivido em uma casa na rua Taquari, na Bacia (bairro atualmente conhecido como Montserrat), até seu falecimento em 1902 (TADVALD, 2016). Uma característica marcante do Ijexá é o toque mais lento dos tambores e a ordem de invocação dos Orixás que se difere das outras nações (CARVALHO, 1987; ACOSTA, 1996).

E, por fim, o cruzamento das nações Jeje-Ijexá, do qual Pai Paulinho de Odé faz parte desde o ano de 2020. De um dos lados, há registros de congregar pais de santos responsáveis pela fundação de Terreiros desde a década de 1920-1930 em Porto Alegre e também de possuir uma expressiva quantidade de adeptos, aproximadamente 25% do total recenseado. O lado Jeje-Ijexá tem características semelhantes ao Ijexá, com algumas peculiaridades do Jeje, como o exemplo do ritual da balança ao ordenar os Orixás pelo dia da semana (TADVALD, 2016).

O Ilê de Odé Tolobum Beociomi

O Terreiro de Paulo Rogério Ambieda está localizado na Cidade de Canoas-RS, mais precisamente na Vila João de Barro, que se situa dentro da grande Niterói. Segundo narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé, o loteamento está assentado na parte de uma grande área de terras chamada de “Granja”, a qual pertencia ao IRGA. Sobre como ele se mobilizou nos anos 80, com outras lideranças políticas que problematizavam a questão da habitação no município de Canoas, em depoimento nos conta que,

em 87 eu já tinha 16 anos aí eu conheci um grupo através do meu padrasto, um grupo de discussão de política, naquela época estava se construindo grupos, núcleos partidários, muito de discussão, e entre as discussões estava a moradia na cidade de Canoas, a cidade Canoas naquela época não tinha nem um projeto de moradia (AMBIEDA, 2019).

Sendo assim, Pai Paulinho de Odé, em 1989, junto com os movimentos sociais dos quais fazia parte, ocupou a referida área de terras. Somente vinte e três anos depois, após anos de muita reivindicação junto aos órgãos competentes, a área ocupada foi regularizada, através de uma Lei Municipal nº. 5695, de 28 de junho de 2012, que “autoriza o poder executivo municipal a receber do governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de doação, lotes localizados no Loteamento João de Barro”.

Segundo Pai Paulinho, seu Orixá Odé está assentado desde seus 18 anos de idade, portanto há trinta anos. Atualmente, seu terreiro está aberto desde 1998, estando sob sua responsabilidade cerca de 70 filhos de santo, sem contar seus netos, que seriam frutos de outras famílias espirituais já formadas. Essa formação de uma árvore genealógica espiritual é comum no Batuque, pois reafirma o compromisso do líder religioso com a manutenção dos fundamentos religiosos transmitidos de forma oral por seus antecessores. Tais ensinamentos, por conseguinte, serão transmitidos aos seus sucessores no terreiro.

A construção sobre o terreno abriga não somente o Terreiro de Pai Paulinho, mas também sua residência. Alguns autores afirmam sobre tal fato ser muito comum, já que é de suma importância que este local sagrado seja vigiado e cuidado, por conta de ele conter vários “objetos nos quais as divindades foram fixadas: pedras, pedaços de ferro, tambores etc.” (BASTIDE, 2001, p. 80). Dessa forma, todos os elementos que ali se encontram, além do valor inestimável para os que ali depositam sua fé, servem também na perpetuação da cultura ancestral africana.

O Terreiro e sua representação como local sagrado e de geração

Iniciaremos a discussão do presente trabalho a partir da percepção de Halbwachs (2006), que afirma ser a memória individual parte das representações coletivas de um determinado grupo e estar intimamente relacionada aos quadros sociais, de forma que se entende que todos os que fazem parte do Terreiro possuem uma identidade moldada a partir dessas interações sociais entre todos os

frequentadores. Tais influências concordam com a ideia de Ricoeur (2007) sobre a característica narrativa da memória, fazendo que, dentro do Terreiro, desenvolva-se um sistema cultural próprio, fruto das narrativas orais que transmitem os fundamentos religiosos necessários para a execução não somente das práticas, mas também para aproximar os homens dos deuses ali presentes.

A partir dessa perspectiva, no Terreiro, a memória coletiva é construída a partir da memória individual da família carnal (esposa e filhos) de Pai Paulinho de Odé, assim como de todos os adeptos que lá interagem socialmente, sempre considerando de suma importância nesse processo de formação identitária a figura do dirigente espiritual, já que ele é o responsável pela transmissão do conhecimento. Bernd e Soares (2017, p. 197) afirmam que “a reapropriação identitária passa pela aproximação do indivíduo com a memória genealógica, tendo a transmissão um papel vital nesse processo”, marcando a importante presença no terreiro de sua família carnal, bem como dessa memória genealógica que apreende e transmite o conhecimento que atravessa gerações,

No caso de Pai Paulinho de Odé, sua história de vida está intimamente relacionada com a religião de matriz africana desde seu nascimento e perdura até os dias atuais. Através de suas narrativas memoriais, ele conta como se deu essa proximidade graças à sua mãe já ser uma iniciada na Umbanda e ao fato de o Terreiro o qual ela frequentava ser próximo de sua casa,

a minha mãe já era Umbandista a mais de vinte anos e a Terreira de Umbanda era na mesma rua, umas cinco ou seis casas de onde eu nasci [...] eu me criei na Terreira ali da falecida mãe Maria Tereza do Cacique Arranca Toco [...] minha mãe era uma das filhas mais antigas, a Telma Ambieda da Cabocla Jurema, entidade da Umbanda (AMBIEDA, 2019).

Essa noção de continuidade em determinados locais de geração e a presença de uma memória familiar estabelecem essa força de duração em virtude das histórias transmitidas pelos antecessores (ASSMANN, 2011). O Terreiro é, logo, um local onde os membros de uma mesma família espiritual e carnal nascem e certamente morrerão. Pai Paulinho reforça essa relação entre vida, morte e continuidade, quando relembra seus pais de santo que já partiram e, assim, reafirma sua missão como líder espiritual e sua eminente vontade de ainda se fazer presente por muitos anos nesse mundo,

eu gostaria de ter tido um só, mas infelizmente dois partiram para o Orum já, três na verdade a parte da umbanda da dona Tereza já partiu né, então, mas,

isso é a continuidade da vida um dia também vai chegar meu momento, espero que seja bem distante que eu consiga fazer tudo o que eu tenho que fazer aqui ou quase tudo, mas enfim (AMBIEDA, 2019).

Durante a vida espiritual de um iniciado, é muito comum a troca de pai de santo, por diversos motivos, seja de ordem pessoal ou até mesmo por falecimento. Na trajetória de Pai Paulinho de Odé, o fato morte ocorreu por duas vezes consecutivas, fazendo que ele tivesse de escolher outro pai de santo, promovendo uma mudança da árvore genealógica da sua família espiritual, assim como a troca da nação da qual faz parte,

então foi essa a minha formação religiosa primeiramente Pai Neco de Oxum da nação Jeje, depois pai Luis Amaro de Oxalá, nação Cabinda [...] o Pai Luis também faleceu foi para o Orum também, nessa transição antes um pouco eu fui para as mãos do Pai Jorge de Ogum que também é Cabinda e Jeje e que neste ano faleceu também né, os pais de santos eram muito antigos [...] então eu deverei ir para o Pai Jorge de Iemanjá que é meu padrinho, deverei ir não, eu vou, já está confirmado que é Jeje-Ijexá né (AMBIEDA, 2019).

Esse processo que envolve a troca de uma nação para outra, como foi o caso de Pai Paulinho em 2020 (em função da morte de seu Pai de Santo Jorge de Ogum), mostra a capacidade dos envolvidos em adaptar-se a um lado de uma origem étnica diferente que certamente influenciará a forma de praticar o culto no terreiro a partir de então. Prandi (2005, p. 15), apesar de afirmar o peso da tradição em seus estudos, explica que “não há hoje dois Terreiros com ritos exatamente iguais, nem quando se trata de Terreiros irmãos nascidos de uma origem comum próxima. Um Terreiro-filho já é inaugurado com alguma coisa que o diferencia do Terreiro-mãe, legitimando a importância da figura do líder religioso que impõe seu discurso e formas de conduta a todos os integrantes do grupo.

Um Terreiro serve para fixar os elementos da natureza que representam os Orixás, onde ali abre uma porta de comunicação entre o profano e o sagrado. Assmann (2011, p. 321) preconiza que “os espíritos dos antepassados não são móveis. A modernização, ao contrário, demanda uma consciência móvel, livre de poderes e forças ligadas a locais fixos”. Sugere que tais divindades espirituais se diferem do homem moderno móvel. Porém, um Terreiro serve como um local fixo de geração, estabelecendo uma forma de resistência da tradição que orientam suas práticas. Apesar de toda evolução que impõe o mundo moderno, neste local sagrado, procura-se manter a continuidade de seus fundamentos ancestrais.

O sagrado então se impõe no interior do Terreiro, pois ali é possível sentir a presença dos deuses, visto que o local é uma zona de contato entre os Orixás e o homem. Assmann (2011, p. 322) afirma que “antes que Deus se revelasse nos livros, os deuses se revelaram no mundo. A morada dele não era apenas o céu, mas também a montanha, a gruta, o bosque, a fonte e onde mais se erigissem seus locais de culto”.

Para tanto, na religião de matriz africana sendo politeísta, na qual diversas divindades são adoradas, é necessário que seja erguido um local fixo, para dar morada aos Orixás na terra dos homens. Lody (1987, p. 18) preconiza que “o santuário é o espaço destinado a guarda, à fixação, à atribuição e à perpetuação do axé, estando situado num conjunto de elementos materiais e mágicos”, que seriam responsáveis para a manutenção da fé entre os envolvidos.

Pai Paulinho de Odé, a partir de suas narrativas, estabelece uma ordem cronológica ao contar-nos sobre como se deu a construção do Terreiro no ano de 1998,

em 98 eu vim para cá consegui adquirir esse terreno [...] a gente veio para cá e esse terreno era um valo [...] a gente colocou centenas de aterro aqui para poder anivelar e ficar viável e aqui tem muitas histórias, mas entre elas acho que a mais emblemática é que o meu pai de santo que faleceu que construiu, que construiu essas paredes aqui são todas revestidas de madeira, mas são de alvenaria, são de tijolos e ele era construtor né, é construtor como um bom filho de Ogum, e ele construiu essa terreira [...] assim foi construído o Terreiro do Pai Odé e o meu filho Tigre que é o meu principal sucessor, também muito jovem ainda adolescente ao menos até gostava de fazer as coisas botava a mão, nós botávamos a mão e fazíamos (AMBIEDA, 2019).

Considerando o Terreiro para nossa argumentação como local sagrado, vamos ao encontro do que afirma Assmann (2011, p. 323) sobre a maneira como “o espaço se torna para esses moradores um texto sagrado, que não é lido e comentado, mas rememorado e recitado”. Reforça, então, a importância do local sagrado que Pai Paulinho de Odé construiu para assentar seus Orixás em detrimento de sua própria moradia, mostrando um sentimento de orgulho e gratidão aos deuses,

em vez de fazer a minha casa aqui nesse espaço, em vez de fazer a minha casa eu fiz o meu terreiro primeiro só para ti entender a visão que a gente teve e tenho orgulho disso, se tivesse que fazer eu fazia tudo de novo porque hoje tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou primeiro eu agradeço a Olorum é a Deus, aos Orixás (AMBIEDA, 2019).

E, ao finalizar a obra, como manda a tradição, são necessários vários rituais específicos para receber os deuses em sua nova morada, como afirma Pai Paulinho,

bem a gente então construiu o Terreiro aqui e começou a organização de poder trazer os assentamentos, os rituais, os congas tudo para cá [...] aí foram feitos os rituais, foi feito as oferendas, as comidas deles, foram feitos os cortes para eles e obviamente foi tocado uma festa para eles (AMBIEDA, 2019).

Em suas narrativas memoriais, explica o significado que a tradição e a religiosidade têm para ele, dizendo que,

para mim é muito mais que isso porque na religião, na matriz africana, a tradição da matriz africana porque a nossa visão é que a tradição vai além da tradição é bom falar sobre isso também a religiosidade está dentro da tradição, mas a tradição vai além da religiosidade, tradição é visão de mundo é visão sociológica, antropológica é visão de igualdade, é visão de respeito a oralidade e a ancestralidade, hierarquia respeito não imposição, da igualdade da busca da reparação social e racial desse país, isso é tradição, tradição é o modo de vida influência da mãe África no Brasil (AMBIEDA, 2019).

Toda a trajetória de vida de Pai Paulinho de Odé, desde seu nascimento, e a forma como a religião se apresentou a ele deixam evidente o quão árduo é o caminho para se tornar um líder espiritual. Um iniciado que tem a pretensão de tornar-se Babalorixá deve passar por diversos estágios durante esse percurso. Nesse estudo, apresentamos um dos mais importantes, que seria a construção do Terreiro, ofertando uma morada aos Orixás e consolidando o local tanto como sagrado quanto de geração.

Considerações finais

Os povos traficados têm uma importante influência na construção da identidade cultural brasileira, em especial na culinária, música e língua e muito mais nos aspectos religiosos que se difundiram desde o período colonial. Essas centenas de povos que foram trazidos ao Brasil trouxeram em suas memórias apenas sua herança cultural, que, ao chegar aqui, foi sincretizada com outras formas religiosas como o catolicismo, a espiritualidade indígena, assim como o espiritismo kardecista. Esse sincretismo deu origem às novas manifestações religiosas Afro-brasileiras genuinamente nacionais, a exemplo da Umbanda e do Batuque no estado do Rio Grande do Sul.

No Terreiro de Pai Paulinho de Odé, que nesse estudo serviu como objeto de pesquisa, percebemos a ressignificação da memória ancestral que foi transmitida através de gerações tanto carnais quanto espirituais durante sua trajetória religiosa. Todo o sistema que envolve as práticas dentro do local é construído a partir de uma narrativa que marca a força da tradição de uma religião de matriz africana.

No que se refere ao Terreiro como local sagrado, todo o exposto por meio das narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé evidencia a importância do local para reforçar a presença dos deuses que ali foram fixados. Quanto à percepção do espaço como local de geração, o fato de sua família carnal estar inserida no contexto da religião e em especial residir no mesmo local denota a característica eminente da continuidade.

Ter a oportunidade de pesquisar um Terreiro nos dias atuais, localizado em uma cidade como Canoas-RS, que carece de estudos sobre a cultura negra, amplia o conhecimento sobre a temática proposta nesse trabalho. O Terreiro de Pai Paulinho mostra-se como um local que serve de instrumento de persistência da ancestralidade negra, através da manutenção da tradição fortemente marcada por meio dos seus ritos, crenças e fundamentos que norteiam as práticas religiosas presentes no interior desse local sagrado.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Milton. **Contribucion al estudio del Batuque**. Una religión natural: ni locos, ni raros. Mimeo, Copyright Milton Acosta, Uruguai, 1996.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMBIEDA, Paulo R. **Narrativas Memoriais**. Entrevistador: Marcelo L. H. Silveira. Canoas, 2019;2020.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2011.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BERND, Zilá; SOARES, Tanira R. Memória Genealógica. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V.; (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociológica. Barcelona: Belaterra, 2005.

CARVALHO, José J. de. A força da nostalgia. A concepção do tempo histórico dos cultos afro-brasileiros tradicionais, *In: Religião e sociedade*, n. 14, p. 236-261, 1987.

DILLMANN, Mauro. (org). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul**: matriz afro-brasileira. São Paulo: ANPUH, 2016.

FRANCO, Sérgio da C. **História ilustrada de Porto Alegre**. CEEE/RBS, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

ISAIA, Artur C. Ordenar Progredindo. A obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do século XX. **Anos Noventa**, n.11, p. 97-120, 1999.

LODY, Raul. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

MATTOS, Regiane A. de. **De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné**: grupos étnicos e formação de identidades africanas da cidade de São Paulo (1800-1850). São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento em História Social. 2009.

MELLO, Marco A. L. de. **Reviras, Batuques e Carnavais**: cultura de resistência dos escravos em Pelotas. Pelotas: UFPel, Editora Universitária, 1995.

MINAYO, Maria C. de S. (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORO, Ari P. **Axé Mercosul**: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *In: Estudos Afro-asiáticos*, Ano 24, n.2, p. 345-384, 2002.

_____. O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras: análise de uma polêmica recente no Rio Grande do Sul. *In: Religião e Sociedade*, v. 25, n.2. Rio de Janeiro, ISER, p.11-31, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

TADVALD, Marcelo. O Batuque gaúcho: notas sobre a história das religiões afro-brasileiras no extremo sul do Brasil. *In: DILLMANN, Mauro. (org.). Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul*: matriz afro-brasileira. São Paulo: ANPUH, 2016.

7 MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DOS BENS CULTURAIS NO TERREIRO DE PAI PAULINHO DE ODÉ⁴

Resumo: Este artigo procura esclarecer peculiaridades acerca dos bens culturais presentes em um Terreiro de matriz africana. Tal estudo colabora para a propagação da cultura afro-brasileira no campo das ciências sociais e, também, para a valorização da cultura e da memória da cidade de Canoas – RS. Como objeto empírico de estudo, utilizamos o Terreiro de Pai Paulinho de Odé, que está localizado na referida cidade. O interesse no Terreiro impõe-se pela importância do dirigente espiritual frente à comunidade local, tanto como líder religioso quanto como cidadão ligado às questões sociais. Partindo do exposto, o problema de pesquisa diz respeito a como os bens materiais e imateriais serviriam como forma de resistência à cultura africana em solo brasileiro. Nosso objetivo segue na mesma direção, já que procura relacionar como tais bens dialogam entre si de forma a contribuir para a reafirmação da memória e da identidade do povo de santo. A pesquisa tem viés qualitativo, pois é mais adequada para se trabalhar com crenças, aspirações e com o domínio do simbólico. Quanto ao trecho da entrevista apresentada no estudo, realizada com o sacerdote religioso, seguimos o protocolo metodológico utilizado nas pesquisas de História Oral. No interior do Terreiro, encontramos uma infinidade de bens materiais, que servem para materializar todo o universo místico ali presente, uma forma de dar sentido às práticas que são realizadas pelos seus adeptos. Concluímos que é dessa forma que o imaterial se concretiza pelo material. Pela interdependência entre um e outro acabam, portanto, servindo como forma de resistência cultural da memória africana presente nos Terreiros.

Palavras chave: Bens culturais. Memória. Terreiro. Pai Paulinho de Odé.

Resumen: Este artículo busca aclarar las peculiaridades sobre el patrimonio cultural actual y un terrero con matriz africana. Este estudio contribuye a la propagación de la cultura afrobrasileña en el campo de las ciencias sociales y también a la valoración de la cultura y la memoria de la ciudad de Canoas - RS. Como objeto de estudio empírico, utilizamos el Terrero del Padre Paulinho de Odé, que se encuentra en esa ciudad. El

⁴Resumo do Texto submetido para apresentação no SEFIC 2021, na Universidade La Salle, aguardando aprovação.

interés por el Terrero ocurre por la importancia del líder espiritual en la comunidad local, tanto como líder religioso como ciudadano vinculado a cuestiones sociales. Con base en lo anterior, el problema de investigación se refiere a cómo los bienes materiales e inmateriales servirían como forma de resistencia a la cultura africana en territorio brasileño. Nuestro objetivo va en la misma dirección, ya que busca relacionar cómo esos bienes dialogan entre sí para contribuir a la reafirmación de la memoria y de la identidad del pueblo santo. La investigación es cualitativa, ya que es más adecuada para trabajar con creencias, aspiraciones y el dominio de lo simbólico. En cuanto al extracto de la entrevista que se presenta en el estudio, realizada con el religioso sacerdote, se siguió el protocolo metodológico utilizado en la investigación sobre Historia Oral. En el interior del Terrero, encontramos una infinidad de bienes materiales, que sirven para materializar todo el universo místico allí presente, una forma de dar sentido a las prácticas que realizan sus seguidores. De esta manera, concluimos que lo inmaterial se materializa a través de lo material. A través de la interdependencia entre uno y otro, terminan así sirviendo como forma de resistencia cultural de la memoria africana presente en los Terreros.

Palabras clave: Bienes culturales. Memoria. Terreiro. Padre Paulinho de Odé.

Introdução

Os Terreiros presentes em todo o Brasil, além de preservarem a cultura africana através da transmissão oral dos saberes, servem como uma porta de comunicação atemporal entre o Brasil e a África. No Rio Grande do Sul e mais precisamente em Canoas, não é diferente. Usarei como objeto de estudo para esse trabalho o Ilê de Odé Tolobum Beociomi, localizado na referida cidade. O problema de pesquisa diz respeito sobre como os bens imateriais e materiais servem como forma de resistência da cultura africana através do tempo em solo brasileiro. Como objetivo principal, proponho relacionar como ambos os bens dialogam entre si e contribuem para reafirmar a memória e identidade do povo de santo.

O método de pesquisa terá viés qualitativo, visto que o objeto de estudo se trata de um Terreiro de matriz africana. Para Minayo (2016), a pesquisa qualitativa é mais adequada quando o estudo volta o olhar a crenças, aspirações com domínio simbólico, como a exemplo de um Terreiro. Nesse local, além de estar impregnado

pela transmissão oral da vivência de valores da cultura africana, também se encontram elementos materiais que complementam esse imaginário místico.

Para complementar o estudo, utilizo trechos das narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé, fruto de entrevistas realizadas em 2019. Isso vai ao encontro do protocolo metodológico proposto por Alberti (2005), relacionado à pesquisa com História Oral, na qual as entrevistas são transcritas literalmente, enviadas aos entrevistados para conferência e posterior assinatura do Termo de Concordância.

Autores como Bertaux (2005) reafirmam a importância do relato oral, já que estes apresentam uma realidade distante do tempo, espaço e que, ao ser registrado, assume valor documental para pesquisa.

O presente estudo emerge da necessidade de valorizar a memória e a cultura da Cidade de Canoas, e a escolha do Ilê de Pai Paulinho de Odé justifica-se pelo fato de esse tipo de local muitas vezes praticar mais de um tipo de culto (Umbanda, Quimbanda e Batuque), reafirmando a percepção da inexistência de uma uniformização dos Terreiros de matriz africana, de forma que cada um deve ser estudado caso a caso (ISAIA, 1999; PRANDI, 2005).

A religião Afro-brasileira no Rio Grande do Sul

Analisando a diáspora africana, o Brasil, durante o período colonial, recebeu diversos povos traficados, que não foram historicamente classificados pelo seu local de origem e sim identificados pelos portos nos quais embarcavam nos navios negreiros (MATTOS, 2009). Diversos autores já trataram sobre a forma como a religião de matriz africana desembarcou tanto no estado da Bahia quanto no Rio de Janeiro e como ocorreu a disseminação desses terreiros no final do século XIX e início do XX. A posteriori, voltarei então nesse estudo o olhar ao Rio Grande do Sul.

Em grandes cidades brasileiras do século XIX, vários grupos de etnia africana se organizaram com o intuito de reafirmar seus aspectos culturais através da religião. Tais grupos seriam povos originários de diversas regiões iorubanas da África, como Queto, Angola, Jêge e Nagô.

Na Bahia, a religião que florescia era chamada de Candomblé, enquanto, no Rio Grande do Sul, era o Batuque, organizado em grupos de Nações, como Oyó e Ijexá (PRANDI, 2005). Como o Terreiro de Pai Paulinho de Odé está localizado na

cidade de Canoas, é mais conveniente uma abordagem sobre esse processo no estado gaúcho.

Historicamente, alguns autores como ORO (1999), acredita que o Batuque aparece no século passado, muito provável nas cidades de Pelotas e Rio Grande, espalhando-se posteriormente pelo estado até chegar a Porto Alegre, às cidades litorâneas e centrais, expandindo-se também pela fronteira com Uruguai e Argentina, de forma que, nas décadas de 50 e 60, chegou às capitais platinas. Pode-se, através desses dados, perceber que o Batuque no estado gaúcho tem, pelo menos, um século de existência, sendo que, em muitos Terreiros espalhados pelo Rio Grande do Sul, cultuam ao mesmo tempo a Umbanda e a Quimbanda, formando assim uma modalidade de culto cruzado muito característico nas práticas ritualísticas.

O Terreiro de Odé

O Terreiro de Paulo Rogério Ambieda está localizado na Cidade de Canoas-RS, mais precisamente na Vila João de Barro, que se situa dentro da grande Niterói. Segundo narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé, o loteamento está assentado dentro de parte de uma grande área de terras chamada de “Granja”, a qual pertencia ao IRGA, ele nos conta que,

em 87 eu já tinha 16 anos ai eu conheci um grupo através do meu padrasto, um grupo de discussão de política, naquela época estava se construindo grupos, núcleos partidários, muito de discussão, e entre as discussões estava a moradia na cidade de Canoas, a cidade Canoas naquela época não tinha nem um projeto de moradia (AMBIEDA, 2019).

Sendo assim, em 1989, organizado por movimentos sociais, no qual Pai Paulinho de Odé fazia parte, ocupou-se a referida área de terras. E, após anos de reivindicação junto aos órgãos competentes, somente vinte e três anos depois, foi regularizado, através de uma Lei Municipal nº. 5695, de 28 de junho de 2012, que “autoriza o poder executivo municipal a receber do governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de doação, lotes localizados no Loteamento João de Barro”.

Pai Paulinho tem seu Orixá Odé assentado desde seus 18 anos de idade, portanto há trinta anos. Atualmente, tem seu espaço de culto aberto desde 1998, estando sob sua responsabilidade cerca de 70 filhos de santo, tendo um compromisso

tanto com a manutenção dos fundamentos religiosos transmitidos oralmente pelos seus antecessores quanto com a comunidade na qual este local está localizado.

Todas essas informações acima servem para explicar o sentimento de pertencimento que Pai Paulinho de Odé nutre em relação à comunidade onde ele vive há mais de trinta anos. Mesmo tendo condições financeiras de ter-se mudado, ele e sua família vivem ali até os dias atuais.

Quanto à construção sobre o terreno que abriga o Terreiro de Pai Paulinho, assim como sua residência, alguns autores comentam sobre tal fato ser muito comum, já que é importante que este local seja vigiado e cuidado, por conta de nele conter vários “objetos nos quais as divindades foram fixadas: pedras, pedaços de ferro, tambores e etc.” (BASTIDE, 2001, p. 80). Dessa forma, tais bens materiais têm um valor inestimável para os que ali depositam sua fé e devem ser cuidadosamente mantidos por todos.

Memória e resistência dos bens culturais no Terreiro

Sabe-se que o patrimônio cultural de uma determinada comunidade tem um valor que vai além de histórico e simbólico, possui concomitante a capacidade de reconstruir o passado e de afirmar a identidade de um grupo e dos bens materiais assim como dos imateriais. Esse conjunto tende a evocar a memória do povo de sua origem. Bernd (2018) aponta em seus estudos que a reapropriação identitária ocorre no indivíduo pela aproximação com a memória genealógica, a transmissão apresenta uma função vital nesse processo, e, no caso das religiões de matriz africana, essa forma de resistência da identidade cultural ocorre através das narrativas que são transmitidas oralmente a partir dessa memória a atravessar gerações.

A partir da percepção de Halbwachs (2006), que afirma a memória individual ser parte das representações coletivas de um determinado grupo e estar relacionada aos quadros sociais, entende-se que todos os que fazem parte do Terreiro possuem uma identidade moldada conforme essas interações. Tais influências concordam com a ideia de Ricoeur (2007) sobre a característica narrativa da memória, fazendo que, dentro do Terreiro, desenvolva-se um sistema cultural próprio, fruto das narrativas orais que transmitem os fundamentos religiosos de natureza ancestral. Dentro do Terreiro, também se constrói uma memória coletiva a partir da memória individual de todos os adeptos que ali frequentam.

Cabe nesse estudo, antes de iniciar a discussão teórica tanto dos bens materiais quanto imateriais, citar o documento de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial emitido pela UNESCO⁵ em Paris, datado de 17 de outubro de 2003, art. 2º que define

entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados - que as comunidades ou grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, de sua interação com a natureza de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Nesse ínterim, ratifica o entendimento do Iphan⁶ (2012, p. 12) de que o patrimônio cultural “de um povo é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remete a história, à memória e a identidade desse povo”.

Por bens culturais materiais, encontramos no interior do Terreiro de Pai Paulinho de Odé, diversas imagens sincréticas, esculturas e elementos da natureza. A materialidade desses bens que compõem o universo mágico dos Terreiros, servem para reproduzir e fixar a mito de todas as divindades ali cultuadas. Assunção (2003), considera que os bens culturais compõem a produção cultural dos indivíduos nas distintas partes do mundo, e a religião de matriz africana vem ao encontro dessa afirmação, por ser fruto da cultura do seu povo de origem.

Os bens culturais imateriais são parte importante na construção identitária de um Terreiro, porque as práticas do culto fazem parte de um saber-fazer das tradições de raízes africanas. Colombo (2017, p. 30) diz que os bens culturais imateriais “são os valores transmitidos através da experiência. Não requer contato físico, ou meio material para seu desenvolvimento, bastando a comunicação visual ou oral”. Tal afirmação sugere a forma de que o saber-fazer é transmitido através das gerações, de maneira que, através do passado, constrói-se o presente e, por conseguinte, torna-se importante para preservação cultural.

Aqui proponho refletir a estreita ligação entre os bens imateriais e os materiais no Terreiro, com inúmeros exemplos como: as práticas ritualísticas, as rezas, danças,

⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

o preparo das comidas servidas aos Orixás, o vestuário usado pelos adeptos, assim como todos os elementos materiais que ali se encontram.

O Iphan, desde 1984, já reconhece os Terreiros como Patrimônio Cultural Brasileiro; como exemplo, cito o tombamento do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador – Bahia. O Terreiro está situado em uma área de 6.800 metros quadrados e considerado como parte de um todo, incluindo, além da edificação, a vegetação ritual (mato) e suas inúmeras árvores sagradas (BRASIL; IPHAN, 2014). Dessa forma, entende-se que nesse caso o órgão, além materialidade, também levou em conta a imaterialidade, fazendo referência às árvores como sagradas e como parte inseparável nesse processo de tombamento.

Partindo das seguintes teorias de Prandi (2001), as quais falam acerca da origem da divindade Oxóssi e suas qualidades, assim como de Bastide (2001) sobre como os iniciados se apropriam das características identitárias do seu Orixá e como isso tende a influenciar sua personalidade e sua conduta social, torna-se possível evidenciar a relação entre os deuses e o homem. Pai Paulinho, sendo filho de Oxóssi, divindade esta que, segundo a mitologia, seria um índio caçador que reside nas matas, ao erguer seu próprio Terreiro utilizou elementos construtivos e decorativos que identificam a identidade do seu Orixá.

Todos os elementos materiais que ali encontramos nos remetem ao significado das representações simbólicas da identidade étnica africana e sua cultura, fortalecendo a forma como o imaterial se apresenta. Oliven (2003, p. 82) admite que “os bens imateriais não só são de difícil definição, mas também só têm sentido se significarem prática regular”. Entende-se que a característica da transmissão oral do conhecimento da religião Afro-brasileira e todo o universo místico que faz parte dessa realidade tem por objetivo valorizar esse “saber-fazer”, contribuindo para a memória e a identidade do local.

Através dos bens culturais que compõem os Terreiros, estes servem como uma referência cultural do território africano em terras brasileiras. Integram tanto o material quanto o imaterial, promovendo uma resistência da cultura africana, preservada através da memória transmitida de forma oral e dos bens culturais.

Considerações Finais

Baseado em todo o exposto no presente estudo, percebe-se a relevância de olhar os Terreiros para além de um local onde se exercem rituais de matriz africana, mas também como referência cultural. Nesse contexto, não podemos deixar de ratificar a contribuição do povo africano que mesmo que arrancados de sua terra natal e trazidos para o Brasil, trouxeram em sua memória uma cultura que teve um papel fundamental na construção da identidade do nosso povo.

Os bens culturais que fazem parte desse universo místico não podem ser vistos separadamente, visto na religião de matriz africana o imaterial se materializa através dos objetos que fazem parte do Terreiro.

A valorização da tradição Afro-brasileira e suas práticas rituais dentro dos Terreiros é uma forma de resistência da cultura africana que por séculos o sistema de classe dominante tentou apagar. Porém, mesmo depois de tanta opressão os Terreiros cumprem um papel importante na transmissão da cultura africana através do tempo, ressignificando suas memórias ancestrais por gerações até os dias atuais.

Abre-se aqui também, a possibilidade de perceber os Terreiros também como patrimônio misto, já que estes locais possuem tanto bens materiais quanto imateriais, que são interdependentes e servem como referência cultural.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociologica. Barcelona: Belaterra, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura (MinC). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natalia Guerra Brayner**. – 3. ed. – Brasília, DF: Iphan, 2012,

COLOMBO, Nilza C. T. de J. Bens Culturais Imateriais. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

IPHAN. **Terreiro Casa Branca do Engenho Velho - Salvador (BA)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ISAIA, Artur C. Ordenar Progredindo. A obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do século XX. **Anos Noventa**, n.11, p. 97-120, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MATTOS, Regiane A. de. **De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné**: grupos étnicos e formação de identidades africanas da cidade de São Paulo (1800-1850). São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento em História Social. 2009.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEN, Ruben G. **Patrimônio Intangível: considerações** iniciais. In: Abreu, Regina; Chagas, Mario. **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. DP&A. Rio de Janeiro: RJ, 2003.

ORO, Ari P. **Axé Mercosul**: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RICOEUR, Pierre. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

[S.I.A]. **Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio**. Brasília: IPHAN, 2006.

8 PAI PAULINHO DE ODÉ: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO LÍDER RELIGIOSO E HOMEM PÚBLICO ATRAVÉS DE NARRATIVAS MEMORIAIS⁷

Resumo: O presente estudo volta o olhar aos adeptos da religião de matriz africana, pois privilegiar os estudos no campo da Memória Social auxilia pesquisadores a compreender como determinados grupos constroem suas identidades. Para a pesquisa, escolhemos como objeto empírico de estudo trabalhar com as narrativas de memória do dirigente espiritual Pai Paulinho de Odé, figura que se impõe não somente como líder religioso, mas, também, como homem público na cidade de Canoas-RS. O problema de pesquisa diz respeito à possibilidade de haver um esforço mnemônico de Pai Paulinho em identificar-se com seu Orixá Odé. Para responder o seguinte questionamento, serão utilizados os depoimentos coletados a partir de entrevistas com Pai Paulinho, que dialogarão com a percepção de diversos autores que trazem luz sobre a temática à qual nosso estudo se dedica. A pesquisa tem viés qualitativo, pois é mais adequada para tratar assuntos relacionados ao domínio do simbólico. Quanto ao tratamento dos dados das entrevistas, utilizaremos o protocolo metodológico relacionado a pesquisas com História Oral. O objetivo deste trabalho é identificar como o Pai Paulinho se apresenta socialmente, tanto na esfera religiosa quanto na pública, levando a compreender como ele construiu sua identidade ao longo do tempo. A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento e irá compor o Relatório Final de Pesquisa, que será apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, na cidade de Canoas. Como resultado preliminar, observamos pelas entrevistas já realizadas com Pai Paulinho de Odé, que sua construção identitária vem forjada a partir de sua memória individual, fruto das experiências coletivas dentro do grupo religioso no qual está inserido desde que nasceu. Tal estudo, ao ser concluído, contribuirá para futuras pesquisas relacionadas à religião Afro-brasileira, em especial as que se inscrevem na realidade histórico-social do município de Canoas.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Religiões Afro-brasileira. Pai Paulinho de Odé.

⁷ Resumo apresentado no SEFIC, em 20/10/2019 na Universidade La Salle. Disponível em: <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2019/issue/view/10>. Publicado no E-book: História, Cultura e Religiosidades Afro-Brasileiras. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/books/issue/download/289/15>.

Resumen: Este estudio se centra en los seguidores de la religión de origen africano, ya que privilegia los estudios en el campo de la memoria social para ayudar a los investigadores a comprender cómo ciertos grupos construyen sus identidades. Para la investigación elegimos como objeto empírico de estudio, trabajar con las narrativas de la memoria del líder espiritual Pai Paulinho de Odé, una figura que se impone no solo como líder religioso sino también como figura pública en la ciudad de Canoas-RS. El problema de la investigación se refiere a la posibilidad de un esfuerzo mnemónico de Pai Paulinho por identificarse con su Orixá Odé. Para responder a la siguiente pregunta se utilizarán testimonios recogidos de entrevistas a Pai Paulinho, que dialogarán con la percepción de varios autores que arrojan luz sobre el tema al que está dedicado nuestro estudio. La investigación tiene un sesgo cualitativo, ya que es más adecuada para tratar temas relacionados con el dominio de lo simbólico. En cuanto al tratamiento dado a las entrevistas, utilizaremos el protocolo metodológico relacionado con la investigación con Historia Oral. El objetivo de este trabajo es identificar cómo Pai Paulinho se presenta socialmente, tanto en el ámbito religioso como en el público, para comprender cómo construyó su identidad a lo largo del tiempo. La investigación se encuentra en fase de desarrollo y compondrá el Informe Final de Investigación, que será presentado al Programa de Postgrado de Maestría Profesional en Memoria Social y Bienes Culturales de la Universidad La Salle, en la ciudad de Canoas. Como resultado preliminar, observamos en las entrevistas ya realizadas con Pai Paulinho de Odé, que la construcción de su identidad parte de su memoria individual, fruto de experiencias colectivas dentro del grupo religioso en el que se ha insertado desde que nació. Este estudio, cuando esté terminado, contribuirá a futuras investigaciones relacionadas con la religión afrobrasileña, especialmente aquellas que están inscritas en la realidad histórico-social de la ciudad de Canoas.

Palabras-clave: Memoria. Identidad. Religiones afrobrasileñas. Padre Paulinho de Odé.

Introdução

Como o programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais tem características interdisciplinares, inicia-se a presente pesquisa com a ideia em desenvolver como Produto Final a produção de um foto livro

no modelo E-book. Este foto livro abordará a construção identitária de Pai Paulinho de Odé, na dimensão religiosa e política, através das suas narrativas memoriais, focando em sua figura e em seu entorno no referido produto. Propomos, portanto, um produto de fácil comunicação e interação com um público maior e não necessariamente somente com o acadêmico, já que o sujeito da pesquisa possui visibilidade em redes sociais, como o Facebook. Obviamente, na construção do foto livro, além dos aspectos técnico-editoriais, este será orientado pelas discussões teóricas sinalizadas neste projeto.

Para fundamentar a presente pesquisa, o tema será desenvolvido a partir dos conceitos presentes nas obras de diversos autores reconhecidos, como Alberti (2005) Candau (2012), Gondar (2005), Halbwachs (2006), Prandi (2005), Ricoeur (2007), Cossard (2008), entre outros. Os estudos em Memória Social, Identidade e Religiões Africanas são de extrema importância no contexto atual, promove tolerância a cultos religiosos e a suas práticas e ajuda a conquistar maior representatividade na sociedade brasileira.

Desenvolvimento

Os estudos em Memória Social despertam interesse de diversas áreas do conhecimento, sendo o entrecruzamento de conceitos vindos dos diversos campos do saber (filosofia, neurociência, psicologia, sociologia e outros), os quais emergem da necessidade de responder novos questionamentos. Assim, Gondar (2005, p. 15) afirma que “o conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas”, significando, para a autora, uma ideia de transdisciplinaridade, que não tem apenas o intuito de reunir conteúdos que levem a um consenso entre as disciplinas, mas sim de promover novas ideias através de estudos transversais.

Já os estudos sobre religiões africanas e sobre a herança cultural trazidas pelos negros vítimas do processo de escravidão são importantes para compreender a identidade do povo brasileiro. No culto africano, todo o ritual é dirigido por um Babalorixá, que, segundo o vocabulário Afro-brasileiro de Castro (2001), significa pai de santo, podendo este líder espiritual ser do sexo masculino ou feminino, visto como autoridade máxima pelos seus seguidores e iniciados.

Bastide (2001, p. 319) sugere que não somente durante a possessão que ocorre uma apropriação das características da identidade do Orixá, mas também na vida cotidiana do filho de santo. Cita, então, o texto de René Ribeiro, que diz: “pertencer a uma dessas divindades individualizadas tem significado particular para o indivíduo, como indício de boa sorte ou de poder mágico [...], pressupostos que por certo influenciarão sua conduta”.

O problema de pesquisa nos remete diretamente a esta constatação de Bastide (2001), já que procura compreender se existe uma identificação de Pai Paulinho de Odé com as características de seu Orixá Odé e a influência do Orixá na sua construção identitária. Concordando com essa ideia, o adepto da religião africana pode sofrer influência do Orixá em sua personalidade, como aparece em Cossard (2008, p. 172),

ao observarmos as iniciadas de um mesmo tipo de Orixá, podemos notar que elas possuem, com muita frequência, traços comuns, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Os corpos parecem ser conduzidos por forças semelhantes que os animam.

Mesmo levantando a hipótese dessa influência do Orixá na personalidade do iniciado, Gisèle Cossard sugere que, para constituir uma tipologia mais séria, esta deveria ser norteadada por estudos mais sistemáticos e supervisionados por psicólogos; porém, a autora em sua obra esboça algumas tendências, como por exemplo do Orixá Odé, que, segundo ela, “é maleável, nervoso, refinado, e interessa-se por tudo; é pouco perseverante, instável em suas afeições e desconfiado” (COSSARD, 2008, p. 172).

O líder religioso na religião africana está inserido em um discurso fundamentado a partir de narrativas orais ouvidas de outras gerações. Para Silva e Silva (2005), os discursos são “historicamente determinados”, ou seja, o discurso é uma “prática de linguagem, isto é, uma narrativa construída a partir de condições históricas e sociais específicas” (SILVA; SILVA, 2005, p. 101). Para os autores, o sujeito “não é responsável pelos significados que existem em seu discurso, uma vez que nenhum discurso é de autoria exclusiva de seu autor, já que todos os indivíduos fazem parte da mesma memória coletiva” (SILVA; SILVA, 2005, p. 101). Como a própria memória tem uma dimensão narrativa (RICOEUR, 2007) e claramente social (HALBWACHS 2006), compreendem-se as articulações conceituais acima

discriminadas e que nos conduzem para a análise da construção memorial e identitária de Pai Paulinho de Odé.

Sobre memória individual, Halbwachs sugere que esta se relaciona com a memória coletiva, já que a recordação só é possível “quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo” (2006, p. 36). Considerando as discussões sobre memória, Graeff (2017) sustenta que a memória coletiva é combinada de “quadros sociais e representações coletivas, atividade mnemônica individual” formar-se-ia em uma integração de condicionamento com a memória coletiva. Já que o culto da religião africana é praticado por diversas pessoas (coletivo) e fundamentado a partir de uma cultura baseada em narrativas orais, não se podem deixar de lado tais reflexões baseadas em conceitos de memórias coletivas para um melhor entendimento sobre seus costumes e tradições.

Sabe-se que antes da escrita a oralidade seria a forma de transmissão dos saberes e servia para a consolidação das tradições de determinado grupo social. A religião africana caracteriza-se como uma modalidade de cultura mítica, apoiada nas narrativas de memória, segundo Prandi (2005, p. 32),

a religião é a ritualização dessa memória, desse tempo cíclico, ou seja, a representação no presente, através de símbolos e encenações ritualizadas, desse passado que garante a identidade do grupo – quem somos, de onde viemos, para onde vamos?

História e práticas sociais estão intrinsecamente vinculadas ao uso da memória e oralidade para as ciências humanas. Le Goff (2003, p. 477) afirma que “memória onde cresce na história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Interagindo com narrativas orais, o uso da fotografia assume uma função evocativa da memória na atividade de rememoração. Fontcuberta (1997, p. 58) contribui afirmando que “sempre fotografamos para recordar aquilo que nós fotografamos, para proteger a experiência duradoura da confiabilidade da memória”. Um registro fotográfico então congela determinado momento ajudando através da imagem captada consolidar a identidade e a sensação de pertencimento a determinado grupo social.

Para compreender a importância de uma imagem tem para a memória, Assmann diz que “a fotografia, no entanto, funciona não apenas como analogia da recordação, ela também se torna o médium mais importante da recordação, pois é considerada o indício mais seguro de um passado que não existe mais” (2011, p.238). Sendo assim, é possível que memória e fotografia possam de certa forma se completar, quando utilizado um texto narrativo que seria capaz de emoldurar a imagem para quem a observa, técnica muito utilizada na construção de um foto livro.

Pensando no caráter indexador da fotografia como suporte da memória, que comprova o passado através da imagem, deixa evidente os benefícios que tais registros podem trazer para o indivíduo em suas relações coletivas, a reflexão de Candau (2012, p. 132) traduz essa ideia quando diz que “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente do momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitiva assim como sua identidade desaparece”.

O Terreiro (ou Ilê), onde ocorrem os rituais religiosos, pode ser visto como uma escola do conhecimento responsável por outorgar os títulos a seus iniciados, Lody (1987, p. 9) diz que “na relação memória milenar e grandes transformações, os modelos africanos encontram sustentação na história oral, forte e predominantemente, em que as regras e papéis de homens e mulheres são geralmente determinados pelos cargos e funções”.

Para os seguidores que fazem parte da religião africana, o local onde ocorre o culto é digno de respeito como qualquer outro e deve ser erguido como reconhecimento ao Orixá. Nesse ínterim, Pai Paulinho segue esse ideal, visto que construiu o Ilê para o seu Orixá Odé. Para Lody (1987, p. 18), “o santuário é o espaço destinado à guarda, à fixação, à atribuição e à perpetuação do axé, estando situado num conjunto de elementos materiais e mágicos” que seriam responsáveis para a manutenção da fé entre os envolvidos.

Toda a contextualização apresentada no desenvolvimento tem como objetivo trazer conceitos de autores que venham a contribuir para a reflexão, a fundamentação teórica e, assim, responder ao problema que a presente pesquisa propõe.

Considerações finais

A presente pesquisa está utilizando os aspectos metodológicos proposto por Alberti (2005). Atualmente, já foi realizada a primeira entrevista e sua devida

transcrição. Como os depoimentos de Pai Paulinho que não estão partindo de um roteiro com questões fechadas, fazem-se necessários alguns cortes temáticos para não tornar as narrativas de memória muito extensas.

Nesse primeiro encontro, abordaram-se assuntos como família e sobre a forma e o momento inicial de sua vida em que a religião se fez presente. Através dessas narrativas memoriais, já foi capaz de identificar alguns pontos importantes para a construção desse estudo, porém novas entrevistas já agendadas servirão para consolidar tais ideias que estão sendo propostas. Tão logo todos os depoimentos sejam transcritos, estes serão enviados a Pai Paulinho para devida leitura e, então, ser assinado o termo de consentimento para uso de imagem e voz para posterior publicação da pesquisa.

Todos os conceitos dos diversos autores apresentados no desenvolvimento servirão de aporte teórico no momento da análise das narrativas e ajudando a confirmar, ou não, se Pai Paulinho também se apropriou dos traços característicos do Orixá Odé durante a construção de sua identidade, respondendo ao problema da presente pesquisa.

Como já foi mencionado, o E-book que contará a trajetória identitária de Pai Paulinho de Odé (se autorizado pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais), poderá ser apresentado durante a semana do dia 20 de novembro do próximo ano (2020) no Espaço Multicultural da Universidade La Salle aberto à comunidade e posteriormente publicado e divulgado através das redes sociais de que o sujeito participa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. Tradução de Le candomblé de Bahia, de 1958. São Paulo: São Paulo Editora S.A., 1961.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Yeda P. de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011.

COSSARD, Gisèle O. **Awô: o mistério dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

FONTCUBERTA, Joan. **El beso de Judas: fotografia y verdad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera L. D. L. de M. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GRAEFF, Lucas. Memória Coletiva. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p. 156-157, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas.: UNICAMP, 2003.

LODY, Raul. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 328p.

RICOEUR, Pierre. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. 535p.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H.. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

9 UM EXU PARA CHAMAR DE MEU: NARRATIVAS DO PERCURSO RELIGIOSO DE PAI PAULINHO DE ODÉ

Resumo: O presente artigo está inserido no campo de estudos sobre memória e religiosidade afro-brasileira. O objeto empírico de pesquisa trata do percurso religioso de Pai Paulinho de Odé na Umbanda, visto que ele é dirigente espiritual do Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, na cidade de Canoas – RS. O problema da pesquisa diz respeito ao início da relação do Exu na vida de Pai Paulinho de Odé. A partir das entrevistas realizadas com Pai Paulinho de Odé, os objetivos deste estudo são analisar suas vivências relacionadas à religião e dialogar com a bibliografia, que serve como suporte teórico-metodológico. A pesquisa tem viés qualitativo e as entrevistas seguiram o protocolo metodológico utilizado em estudos relacionados à História Oral. No texto, abordamos a história de vida de Pai Paulinho de Ode: seu nascimento, sua infância convivendo no Terreiro, a primeira vez que recebeu uma entidade espiritual, o sonho que fez com que decidisse sobre sua permanência na religião, etc. Após acessar o baú das memórias do dirigente espiritual, percebemos seu esforço em criar uma coerência e significado para sua existência. O Exu, que através do sonho se manifestou ao jovem Paulo, veio a responder seus questionamentos. O cenário descrito pelas narrativas mostram a existência de uma relação entre o estado de inconsciência e o meio social em que vivia o entrevistado. Sendo assim, através das narrativas de memória de Pai Paulinho, que descrevem o sonho onde o Exu se revela para Pai Paulinho, podemos encontrar a características da personalidade do dirigente com a entidade, que marcam a forma com que ele se apresenta tanto na religião quanto em sua vida em sociedade.

Palavras-chave: Narrativas de memória. Pai Paulinho de Odé. Exu. Sonho. Identidade.

Resumen: Este artículo se inserta en el campo de estudios sobre la memoria y religiosidad afrobrasileña. El objeto empírico de investigación trata sobre la trayectoria religiosa del Padre Paulinho de Odé en Umbanda, como director espiritual del Terrero “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, en la ciudad de Canoas - RS. El problema de investigación se refiere al comienzo de la relación de Exu en la vida del Padre Paulinho de Odé. A partir de las entrevistas realizadas a Padre Paulinho de Odé, los objetivos

de este estudio son analizar sus experiencias relacionadas con la religión y dialogar con la bibliografía que sirva de soporte teórico-metodológico. La investigación es cualitativa y las entrevistas siguieron el protocolo metodológico utilizado en los estudios relacionados con la Historia Oral. En el texto, abordamos la historia de vida del Padre Paulinho de Ode: su nacimiento, su infancia viviendo en el Terrero, la primera vez que recibió una entidad espiritual, el sueño que lo hizo decidir por su permanencia en la religión, etc. Después de acceder al cofre de la memoria del líder espiritual, nos dimos cuenta de su esfuerzo por crear coherencia y significado para su existencia. El Exu, que a través del sueño se manifestó al joven Paulo, vino a responder a sus preguntas. El escenario descrito por las narrativas muestra la existencia de una relación entre el estado de inconsciencia y el entorno social en el que vivía el entrevistado. Así, a través de las narrativas de memoria del Padre Paulinho, que describen el sueño en el cual el Exu se revela al Padre Paulinho, podemos encontrar las características de la personalidad del líder con la entidad, que marcan la forma en que se presenta tanto en religión como en su vida en sociedad.

Palabras-clave: Narrativas de memoria. Padre Paulinho de Odé. Exu. Sueño. Identidad.

Introdução

O presente estudo está inserido no campo das pesquisas sobre memória e religiosidade Afro-brasileira. Tais pesquisas colaboram para compreender como os indivíduos se relacionam com as práticas dentro dos terreiros e com as divindades que ali são cultuadas. A memória cumpre um papel importante na transmissão oral do conhecimento que fundamenta a tradição da religião de matriz africana no Brasil. O objeto empírico de pesquisa trata do percurso religioso de Pai Paulinho de Odé na Umbanda, visto que ele é dirigente espiritual do Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, na cidade de Canoas – RS.

O problema da pesquisa diz respeito ao início da relação do Exu na vida de Pai Paulinho de Odé. O objetivo desse estudo será na primeira seção do texto, no que concerne a analisar as narrativas memoriais desenvolvidas por Pai Paulinho de Odé a respeito de sua vivência na religião. Na segunda parte, essas experiências serão

analisadas dialogando com a bibliografia, que servirá como suporte teórico-metodológico.

Sobre a metodologia da pesquisa, haverá viés qualitativo, uma vez que nosso objeto empírico aponta para a religiosidade Afro-brasileira, na qual a memória serve para manter a transmissão dos fundamentos através da oralidade. Autores como Minayo (2016) sugerem a importância da pesquisa qualitativa para a produção de estudos voltados a crenças, a aspirações e a áreas de domínio do simbólico. O trabalho partirá de entrevistas realizadas com Pai Paulinho de Odé, no ano de 2019. Essas entrevistas estarão focadas no percurso religioso e no Exu presentes nas narrativas. Autores como Bertaux (2005) reafirmam a importância do relato oral, já que estes apresentam uma realidade distante do tempo, espaço e que, ao ser registrada, assume valor documental para pesquisa. Seguiremos assim o protocolo metodológico proposto por Alberti (2005) em relação à pesquisa com História Oral. As entrevistas serão transcritas literalmente, enviadas ao entrevistado para conferência e posterior assinatura do Termo de Concordância.

Como suporte teórico, iremos ao encontro da percepção sobre memória de Bernd (2017, 2018), Candau (2012) e Halbwachs (2006); sobre a característica narrativa da memória e sua relação com tempo de Ricoeur (1994, 2007); a ilusão biográfica de Bourdieu (1996); autobiografia de Lejeune (2008); a função social do sonho de Bastide (2016) e, por fim, assuntos relacionados à Umbanda, presentes no trabalho de Ortiz (1999) e Isaia (1999, 2012, 2019a).

Exu na vida de Pai Paulinho

Em 03 de Outubro de 1971, na cidade Canoas – RS, nasce Paulo Rogério Ambieda, filho da jovem Telma Ambieda e pai desconhecido. Anos mais tarde, Paulo seria reconhecido por toda a comunidade Canoense como Pai Paulinho de Odé, um líder religioso e comunitário.

Sobre seu nascimento, Pai Paulinho conta o que sempre ouviu de sua mãe sobre o que aconteceu no dia do seu parto,

segundo a minha mãe, eu tive um parto muito difícil e aí tive, fiquei vermelho, dizem que eu acabei bebendo um pouquinho da água do parto né [...] eu fui levado momentos depois ao Congal de Umbanda aonde eu cuspi a água e fui entregue a Umbanda e melhorei (AMBIEDA, 2019).

Tal ritual de entrega de um recém-nascido é comum entre os iniciados na religião de matriz africana, pois, para os fiéis, a partir daquele momento, assegurará à criança proteção em sua vida, fruto das bênçãos conferidas pelas entidades espirituais que transitam no Terreiro.

A proximidade de Pai Paulinho com a Umbanda, teria vindo através de sua mãe, a qual, na época de seu nascimento, já era iniciada na religião há mais de vinte e cinco anos. Ela era médium no Terreiro dirigido por Mãe Tereza do Cacique Arranca Toco, o qual ficava na mesma rua, a apenas cinco casas de onde moravam. No Terreiro, o jovem Paulo admite ter aprendido o sentido de alguns valores, que os levou para sua existência,

então a minha vida foi em volta daquele Terreiro e é naquele Terreiro eu aprendi junto com a minha família o entendimento de união [...] de darmos as mãos de resolver de forma cooperativo, cooperação as coisas, a importância de passar um certo sacrifício, trabalhando, ajudando no terreiro limpando dia e noite (AMBIEDA, 2019).

Sobre sua primeira experiência como médium, Pai Paulinho relata que, durante sua infância e adolescência, esteve sempre envolvido com as práticas religiosas no Terreiro. Mesmo jovem, durante uma sessão de Umbanda, teria sentido pela primeira vez as vibrações mediúnicas da entidade que, logo em seguida, iria se manifestar em seu corpo,

então com quatorze anos de idade eu não consegui me controlar me senti como se tivesse caído em um buraco negro, a primeira entidade que eu recebi foi o seu Sete Covas que veio em uma sessão de Umbanda [...] naquela época tu receber um Exu primeiro era algo inaceitável, difícil, raro mas aconteceu comigo (AMBIEDA,2019).

Na década de 1980, Pai Paulinho explica que o Exu era visto pela sociedade como uma figura demoníaca e, por isso, fazia com que tivesse muitas dúvidas em relação à chegada desse tipo de entidade nos médiuns. Segundo ele, sua avó teria sido uma pessoa muito espiritualizada, já que transitava em vários tipos de religiões,

a minha vó ela ia domingo na missa, ela pegava um copinho de água e rezava com o pastor Marino Moreira, ela acreditava nos evangélicos [...] ela ia na missa dos católicos e segunda feira era a sessão de Umbanda tomar passe com a Jurema da minha mãe e com a Pomba Gira da minha mãe as Sete Encruzilhadas. Então ela entendia que as religiões [...] que quando feitas

para o bem levam para o mesmo lugar que para a evolução (AMBIEDA, 2019).

Para poder entender um pouco mais sobre o que era a Umbanda e sua trajetória, resolveu recorrer a livros que pudessem esclarecer mais sobre todo aquele universo místico em que ele e sua família estavam inseridos. Neste sentido, a narrativa do entrevistado ganha mais inteligibilidade ao articularmos a mesma com os estudos de Isaia (1999, 2019a), que discutem o papel do livro na trajetória Umbanda e na sua formação identitária. Segundo Pai Paulinho,

naquele momento eu estava lendo alguns livros de Allan Kardec de espiritismo, que tem uma grande identidade com a Umbanda, que inclusive o Kardecismo é uma raiz, é a principal raiz da Umbanda [...] a Umbanda é a religião genuinamente brasileira formada aqui no Brasil por Zélio Fernandino de Moraes, que era um médium espírita [...] em 1908 no Rio de Janeiro no dia 15 de novembro primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas (AMBIEDA, 2019).

Apesar de ter recorrido aos livros, o jovem ainda tinha muitas dúvidas sobre seu destino dentro da religião. Foi então que resolveu recorrer aos conselhos de sua avó para tentar obter as respostas necessárias que poderiam ser determinantes naquele momento tão cheio de questionamentos em sua cabeça. Pai Paulinho narra o conselho que teve de sua avó,

hoje tu vai dormir mais cedo, não janta, ou então come só uma frutinha [...] reza como tu nunca rezou na tua vida do teu jeito [...] primeiro tu agradece a Deus, depois tu pede perdão porque a gente erra e depois tu faz teus pedidos [...] mas faz isso com pensamento e pede para que Deus te de um sinal, te de uma luz, que ele vai te dar (AMBIEDA, 2019).

Naquela noite, Pai Paulinho relata ter caído em um sono profundo e ter tido um sonho carregado de respostas para seus questionamentos,

eu acordei num portão gigante de ferro, depois eu percebi que era um cemitério, que parceria muito com essa da Barreto aqui em Canoas [...] era parecido mas não era o mesmo cemitério [...] alguém me chamava [...] e fui caminhando em direção aquele portão [...] um maior [...] tinha uma imagem de São Jorge gigante na frente do portão, com a cruz no peito [...] era o Ogum Megê. E ao mesmo tempo que eu tinha medo, ao mesmo tempo eu tinha que ter coragem porque eu sabia que aquilo ali era um esclarecimento para mim e alguém me chamou, me chamaram psiu, ei, ei venha cá, venha cá, com sotaque nordestino [...] eu saldei São Jorge, vi que tinha um homem vestido todo de branco, chapéu branco, sapato preto e branco, uma gravata preta e o chapéu enfiado no nariz e com a cabeça baixa [...] me chamava com as mão para trás, ele não mostrava as mãos e nem o rosto, ele dizia tu pode

confiar em mim eu sou teu amigo, eu estou aqui a pedido dos Orixás, eu sou mensageiro dos Orixás (AMBIEDA, 2019).

Pai Paulinho interrompe a narrativa de seu sonho para explicar a função que esse espírito, o Exu, revelado através do sonho, tem dentro do universo místico da religião Afro-brasileira. Conforme Pai Paulinho, o Exu serve como mensageiro de entidades mais evoluídas como Caboclos, Pretos Velhos, Orixás e, através desse trabalho que lhe é conferido, tem a oportunidade de evoluir espiritualmente. E ainda revela que,

eles tem o livre arbítrio e que grande parte deles são antepassados nossos [...] porque nós temos um resgate com eles, porque nós fizemos mal a essa pessoa ou essa pessoa fez mal a nós e hoje eles vem na gente, não digo que todos mas uma boa parte deles ele me disse que são antepassados nossos bisavó, tataravó, tataravô são ligados a nós por isso que nós recebemos eles com nome de Exu (AMBIEDA, 2019).

Seguindo a narrativa sobre o sonho, Pai Paulinho conta que o Exu também relatou história de vida desse último enquanto estava encarnado,

o estado era Bahia a capital Salvador, onde era essa fazenda, isso em meados de 1800 [...] quando vivo na terra chamava-se João Paulo da Silva, o nome dele, ele morreu com dezessete anos de idade [...] ele era filho de branco com negro, o dono da fazenda estuprou a mãe dele uma negra muito bonita, isso era muito comum na época, então o pai dele era dono, era um francês, um homem claro, de olho claro e uma mulher negra então ele saiu um negro de olho claro e ele era muito grande, muito bonito. [...] segundo o relato dele, muito alto, então com sete, oito anos de idade parecia que ele tinha quinze anos de idade [...] então com 17 anos de idade parecia um homem com 30 até por causa do sacrifício né, do trabalho [...] se não me falha a memória, ele era festeiro, farrista, fugia da senzala para ir para as festas com as mulheres, apesar de muito novo ele era muito grande, então as pessoas pensavam que ele tinha mais idade [...] e quem criou ele foi uma preta velha [...] vovó Rita [...] depois que o, que o dono da fazenda o pai dele, esse francês, percebeu que ele era realmente filho dele, tirou ele das plantações, do trabalho mais forte e colocou ele [...] a cuidar do cemitério da fazenda, então ele era uma espécie de coveiro e zelador do cemitério [...] então ele tinha uma raiva muito grande do pai por ter matado a mãe dele, ter estuprado ela [...] então ele era tipo um rebelde político também da fazenda, um mini Zumbi dos Palmares [...] ali o jovem, por toda a rebeldia, de bater de frente com o pai dele, defender os escravos, acabou brigando com um capataz do pai dele e matando essa pessoa na briga, para salvar a sua vida e de outros negros [...] e ele foi morto cozinhado vivo em banha quente, banha de animal [...] fizeram isso publicamente para dar de exemplo (AMBIEDA, 2019).

Pai Paulinho esclarece que o espírito que se apresentou em seu sonho era o Exu Caveirinha. O Exu Caveirinha não teria sido a primeira entidade que Paulo teria recebido enquanto médium, conforme sua narrativa, ao informar que,

o Exu que eu recebi o primeiro Sete Covas era muito velho e muito forte [...] o transe dele é muito forte, tinha que trazer uma outra entidade que tivesse mais condições de incorporar em mim sem me prejudicar, ser mais público, então nessa transição depois desse sonho eu comecei a receber o Caveirinha [...] o Sete Covas não se acostumou com certas modernidades da religião e o Caveirinha se adaptou até por esse lado festeiro dele, esse lado alegre (AMBIEDA, 2019).

Em sua narrativa memorial, Pai Paulinho afirma que aquele jovem, cheio de dúvidas quanto ao seu futuro dentro da religião, após um sonho revelador, já tinha respostas para seus anseios,

então os Orixás, meu caboclo Oxóssi, seu Sete Covas, enviaram o seu Caveirinha, o seu João Paulo da Silva, para ele me explicar aquilo que eu não sabia com 14 anos de idade [...] então eu to até hoje convicto que essa é a minha missão, eu fui entregue para a religião [...] se eu não fosse entregue, eu me entregaria, porque religião não se faz por obrigação, religião se faz por dor, religião se faz por amor né, eu acho que todos nós temos a mesma missão conceitual no mundo, evoluir e ajudar na evolução do próximo, dos outros (AMBIEDA, 2019).

Exu: sentidos possíveis nas narrativas de Pai Paulinho

Para iniciar a análise das narrativas de Pai Paulinho, sobre como sua vida desde muito cedo esteve ligada ao culto de matriz africana, faz-se necessário compreender como a formação identitária do sujeito estaria relacionada com a memória individual, coletiva, genealógica e cultural.

Pai Paulinho nasce no seio de um grupo religioso que cultua a tradição Afro-brasileira pela Umbanda e cresce vivenciando as práticas dentro do Terreiro. Candau (2012, p. 60) diz que “cada ser humano, de fato, constrói sua identidade no decorrer do tempo”; tal percepção do autor justifica como Pai Paulinho, durante os anos que transitou no Terreiro e relacionou-se com o grupo religioso, formou sua personalidade a partir tanto das experiências ali vividas quanto das narrativas de memória transmitidas.

Halbwachs (2006, p. 36) afirma que a memória individual estaria diretamente relacionada com a memória coletiva, visto que o ato de rememorar o passado só é possível “quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”. Portanto, tais alterações ocorrem quando o sujeito consciente da sua memória individual ressignifica

sua existência a partir dessas interações com o grupo a que pertence, moldando-se a partir das memórias coletivas.

Ao analisar como foram transmitidos os conhecimentos da tradição africana dentro do Terreiro que Pai Paulinho frequentou, vamos ao encontro da memória genealógica, que Candau (2012) afirma ser importante, uma vez que aproxima o indivíduo de seus ancestrais, reafirmando sua identidade social. Pelos trechos das narrativas do sujeito, percebemos a importância dos ensinamentos transmitidos tanto de sua mãe quanto de avó, personagem esta que teve um papel fundamental em sua decisão de seguir a religião de matriz africana.

Figura 6 – Na foto tirada nos anos 2000, Pai Paulinho e sua mãe Telma, estão frente as imagens dos Exus antes do início de uma sessão



Fonte: foto do arquivo pessoal de Pai Paulinho.

Bernd (2017, 2018) percebe que fazem parte da memória cultural os elementos pertencentes à esfera do sensível e do simbólico, assim como os ícones, rituais, além dos templos. Como o Terreiro está impregnado com os elementos e práticas que compõem esse universo místico, a memória cumpre a função de preservar a cultura através do tempo.

Como esse estudo apoia-se nos depoimentos de Pai Paulinho, devemos discutir sobre a característica narrativa da memória e sua conexão com o tempo. Ricoeur afirma que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 85). Ao narrar sua trajetória de vida, o sujeito procura então renovar e compreender o tempo passado, não importando a veracidade dos fatos ocorridos, mas sim tudo aquilo que acha relevante e que, em sua concepção, mereça não se perder da memória.

Com o intuito de compreender como Pai Paulinho constrói sua identidade, conseguimos perceber, através de suas narrativas memoriais, seu esforço em criar uma coerência e significado para sua trajetória de vida. Cria, nesse ínterim, uma ilusão biográfica, como propõe Bourdieu (1996) em seus estudos, entendendo que, naquele momento, o sujeito, ao evocar sua memória, procura reorganizar os acontecimentos vividos e dar maior ênfase em ressignificar sua existência, numa espécie de projeto original que valoriza as motivações como significativas em sua vida.

Pai Paulinho, ao contar o que ouviu de sua mãe sobre seu parto, procura mostrar que não é uma pessoa comum, visto que, desde sua chegada ao mundo, luta para sobreviver. Dessa forma, sua trajetória de vida passa a ser vista como única e heroica. No momento em que o sujeito abre o baú de suas memórias, ele procura dar sentido ao relato de si mesmo, reafirmando sua conduta, a partir da forma como se apresenta para a sociedade. Autores como Lejeune (2008, p. 16) definem esse tipo de autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.

Pai Paulinho, em sua adolescência, começa a se questionar sobre como seria sua vida pessoal no futuro, caso se entregasse por completo à religião. Tais dúvidas ocorreram após ter sua primeira experiência mediúnica dentro do Terreiro, com a manifestação espiritual de um Exu em seu corpo. Para os umbandistas daquela época, seu universo religioso estava dividido em dois polos: de um lado a Umbanda, que domina o bem, e de outro a Quimbanda, que domina o mal (ORTIZ, 1999). Portanto, naquela época, o Exu era protagonista na Quimbanda, modalidade oposta à Umbanda e considerada como magia negra por conta de suas práticas mágicas aéticas, carregadas de vibrações negativas (ISAIA, 2012). Essa manifestação do Exu no corpo de um rapaz tão jovem teria sido quase que inaceitável dentro do Terreiro.

Após ter se aconselhado com a sua avó, o jovem Paulo descreve a revelação por um sonho, quando se encontrou com um Exu dentro de um cemitério. Todo o cenário e o personagem que faziam parte do sonho descrito por Pai Paulinho em sua narrativa parecem remeter ao meio social em que ele estava inserido. Bastide (2016), incorporando teses psicanalíticas, já afirmava, em suas pesquisas, que a sociedade também influencia aquilo que se apresenta nesse momento mais íntimo da subjetividade e da memória individual: o sonho.

Sendo assim, podemos dizer que o sonho exerce uma função social: muitas vezes, durante o estado de inconsciência, o homem pode ter a solução de um problema ou até mesmo dar um passo importante em sua vida. Para um iniciado na religião africana, um sonho pode significar um chamamento dos deuses,

a primeira etapa que levará ao aprendizado do transe, seja porque as imagens oníricas, os gestos mímicos das pessoas possuídas por suas divindades, os conteúdos dos delírios se relacionam com o mesmo mundo místico ou sobrenatural que irrompe no mundo profano pelos caminhos da noite, das cerimônias religiosas ou da ruptura entre o corpo e a alma (BASTIDE, 2016, p. 25).

Nesse sonho, o Exu se revela para explicar a Pai Paulinho a sua função como entidade no mundo espiritual. O Exu, então, chama Pai Paulinho para dentro do cemitério, afirmando ao jovem que não é do mal, mas que estava ali como mensageiro dos Orixás. A partir dos conhecimentos transmitidos dentro dos Terreiros, tais entidades menos evoluídas seriam subordinadas a espíritos de luz, como, por exemplo, de Ogum o Orixá, que, segundo os umbandistas, exerce uma força dominadora sobre os Exus (ORTIZ, 1999).

Na narrativa do sonho, Paulinho, antes de entrar no cemitério, saúda a imagem de Ogum Megê no portão do cemitério. Ogum Megê não estaria ali por acaso. Ortiz (1999, p. 140) diz que “a vigilância desses santos reforça a ordem religiosa: deixar os Exus livres significaria perder o controle da situação”, já que a entidade, mesmo tendo licença para se comunicar, ainda estaria em fase de evolução.

A partir da narrativa de Pai Paulinho, sobre a história de vida da entidade encarnada como João Paulo da Silva, que foi morto por um capataz da fazenda, cozido em banha quente frente aos outros escravos para assim justificar o que ocorre com um negro que tem má conduta. Portanto, vamos ao encontro dos estudos que relacionam a figura do Exu ao negro marginal. Na primeira metade do século XX, por

conta da visibilidade que a Umbanda adquire no país, “revelava uma religião em torno da qual persistia uma série de significações capazes de remetê-la ao submundo, à marginalidade e à sobrevivência de valores atávicos denunciadoras do atraso e ignorância” (ISAIA, 1999, p. 97).

Figura 7 – Exu Caveirinha manifestado em Pai Paulinho, segurando uma garrafa de bebida, de chapéu cobrindo seu rosto



Fonte: foto do arquivo pessoal de Pai Paulinho.

Esse tipo de visão marginal da religião africana e seus dirigentes espirituais perdurou por quase todo o século XX, sendo, no estado do Rio Grande do Sul, fomentado pelos jornais locais. Em Porto Alegre, por exemplo, a imprensa, através de um discurso categorizador e crivado de preconceitos, vulgarizava os chamados feiticeiros e charlatões, associando os negros a tais práticas com o objetivo de

criminalizá-los, já que iam na contramão dos ideais da elite dominante (PESAVENTO, 2006).

De um lado a Umbanda no Brasil, representada pelos intelectuais na primeira metade do sec. XX, que tentavam afirmá-la como uma religião puramente nacional e sincrética, afastando-se do *éthos* africano e aproximando-se das regras simbólicas socialmente dominantes pela elite da época (ISAIA, 1999). De outro lado, a Quimbanda, que se aproximaria com a identidade africana, que, através da figura do Exu, “incorporaria um outro estereótipo, o negro contestador, capaz de assumir a lutas por seus direitos contra o opressor” (ISAIA, 1999, p. 113).

Considerações finais

Antes de finalizar o presente texto, dedico esse parágrafo para deixar registrada a importância das pesquisas a partir dos relatos de vida, dentro das Ciências Sociais. Aproximamo-nos da ideia de que, se nossa identidade é formada a partir de nossas interações sociais, podemos dizer que, durante nossa trajetória de vida, isso possivelmente possa sofrer alterações. Dessa forma, o sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, além de tentar expor cronológica e objetivamente os acontecimentos armazenados em sua memória, também traz, em seu discurso, de forma subjetiva toda a sua ideologia de vida (BERTAUX, 2005).

No caso de Pai Paulinho de Odé, que gentilmente nos concedeu essas entrevistas no ano de 2019, que serviram de subsídio para a presente pesquisa, não poderia ser diferente, pois, desde o seu nascimento, estaria imerso no mundo da religião de matriz africana. Num tempo em que as famílias não tinham acesso à informação como nos dias atuais, as identidades eram formadas a partir dessas interações entre os membros do grupo social ao qual pertenciam.

A memória cumpre um papel importante nessa formação identitária do sujeito, pois todo o conhecimento, seja ele relacionado tanto aos hábitos cotidianos quanto ligados à tradição religiosa, eram transmitidos oralmente através de gerações.

Então, esse convívio dentro e fora do Terreiro construiu a identidade de Pai Paulinho de Odé, nas feições religiosa e social.

Por meio das narrativas memoriais, utilizadas nesse estudo, percebemos que existe uma identificação entre Pai Paulinho e o Exu, a qual, através do sonho, revelou-se. Essa entidade, segundo relato presente no texto, poderia ter alguma relação de

parentesco com nosso entrevistado, o que justificaria essa familiaridade com o Exu Caveirinha.

Quem conhece pessoalmente Pai Paulinho de Odé e o Exu Caveirinha, pode afirmar que ambos carregam características muito semelhantes: tanto um quanto outro são extremamente populares em toda a comunidade e dotados de um magnetismo sem precedentes. Esse vínculo, que o médium e a entidade estabelecem durante a vida, fazem com que ambos evoluam espiritualmente graças às práticas realizadas em prol das pessoas que procuram suas habilidades mágicas.

Figura 8 – Exu Caveirinha uma entidade festeira, alegre, que se adaptou às modernidades na religião



Fonte: foto do arquivo pessoal de Pai Paulinho.

A entidade acompanha o dirigente espiritual há mais de trinta anos, desde sua chegada ainda adolescente até os dias atuais. Ela promove conforto e abertura de caminhos a todos que o rodeiam. Além do ganho espiritual, o Exu, enquanto entidade, traz consigo uma luta contra a opressão que sofreu de seus algozes, na época que

era João Paulo da Silva. Tal representatividade social que um Exu tem em sua comunidade colabora com a manutenção das práticas religiosas para além dos limites do terreiro e fomenta uma contenda contra a discriminação que o culto de matriz africana sofre da sociedade dominante por séculos.

Aos interessados em pesquisas sobre questões sociais e identitárias, em especial no município de Canoas-RS, esse estudo não esgota sua problematização, mas sim procura evidenciar como suas características identitárias como dirigente espiritual e sua conduta social frente ao grupo de pertencimento são inseparáveis das entidades que ele serve como interlocutor no mundo profano. A entidade Exu Caveirinha é parte de Pai Paulinho de Odé e juntos se complementam nessa caminhada em direção à evolução espiritual.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.**
- AMBIEDA, Paulo R.. **Percurso e religião.** [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.
- BATISDE, Roger. **O sonho, o transe e loucura.** São Paulo: Três Estrelas, 2019.
- BERND, Zilá. **A persistência da memória: romances de anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional.** Porto Alegre: Besouro Box, 2018.
- _____. Memória Cultural. *In:* BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura.** Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p. 158-159, 2017.
- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida.** Perspectiva etnosociologica. Barcelona: Belaterra, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In:* AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- ISAIA, Artur C.. Ordenar Progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**, n. 11, p. 97-120, 1999.
- ISAIA, Artur, C.. Umbanda: a exegese da magia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 14, p.71-81, 2012.

ISAIA, Artur C.. Direitos Humanos e diálogo com o século XXI na Carta Magna da Umbanda. **Revista História: Debates e Tendências**, v.19, n.1, p. 124-134, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MINAYO, Maria C. de S. (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PESAVENTO, Sandra. J.. Negros Feitiços. *In*: Artur César Isaia. (Org.). **Orixás e espíritos**. O debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

10 EM TEMPOS DE PANDEMIA: O COMPROMISSO DO TERREIRO DE PAI PAULINHO DE ODÉ COM O IDEAL DA CARIDADE, PRESENTE NAS NARRATIVAS DA UMBANDA⁸

Resumo: O presente artigo foi produzido para a revista *Memoria e Linguagens Culturais*, das disciplinas de *Oficinas de Linguagens Culturais e suas Formas de Expressão e Mobilidades Culturais*, ministradas pelas Professoras Doutoras Zilá Bernd e Lúcia Regina Lucas da Rosa. Ambas as disciplinas fazem parte do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, da cidade de Canoas-RS. O objeto de estudo escolhido foi Terreiro de Pai Paulinho de Odé, assim como suas narrativas de memória, fruto de entrevistas realizadas com o dirigente espiritual nos anos de 2019 e 2020. A escolha do sacerdote religioso impõe-se devido a sua representatividade como líder religioso e social junto à comunidade da Vila João de Barro, na cidade de Canoas. A pesquisa teve viés qualitativo, mais adequado a assuntos relacionados ao domínio do simbólico. As entrevistas receberam o tratamento a partir do protocolo metodológico utilizado nas pesquisas voltadas à História Oral. Como suporte teórico, utilizamos a percepção de autores que contribuem para estudos relacionados à memória e religiões afro-brasileiras. Nesse texto, discutimos sobre como Pai Paulinho de Odé mobiliza seu coletivo no Terreiro, para prestar a caridade aos que mais a necessitam. No inverno rigoroso do ano de 2020, em plena pandemia da COVID-19, Pai Paulinho de Odé, como bom filho de Oxóssi, percebeu a necessidade de prover alimentos a pessoas que naquele momento se encontravam em situação de vulnerabilidade social. As mais de 4000 marmidas de alimentos foram produzidas no interior do Terreiro pelo próprio Pai Paulinho e sua família carnal e espiritual e distribuídas nos invernos de 2019 e 2020. Ao acompanharmos as ações de Pai Paulinho, as quais envolveram o Terreiro, percebemos que existe um compromisso visível com as narrativas Umbandistas, que vão ao encontro do ideal da prática da caridade aos que mais necessitam. Tal atitude reforça a ideia de que um Terreiro de matriz africana não pode ser visto apenas como um local de culto, mas, também, como um espaço que se mobiliza para questões sociais. No caso específico de Pai Paulinho de Odé, através do Terreiro ele assistiu

⁸ Texto publicado na Revista *Memoria e Linguagens Culturais*, *Narrativas de uma Pandemia*, ano 10, vol. 16, 2020. Universidade La Salle. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/8a4f982b556a4be4c2770daf94067581.pdf>.

peessoas que atravessavam um momento difícil em suas vidas, em consequência do cenário de pandemia que assolava o mundo inteiro.

Palavras Chave: Terreiro. Umbanda. Narrativas de memória. Pai Paulinho de Odé.

Resumen: Este artículo fue elaborado para la revista Memoria y Lenguajes Culturales, a partir de las asignaturas de Talleres sobre Lenguajes Culturales y sus Formas de Expresión y Movilidades Culturales, impartidos por las Profesoras Zilá Bernd y Lúcia Regina Lucas da Rosa. Las dos asignaturas forman parte del Programa de Postgrado Profesional de Maestría en Memoria Social y Bienes Culturales de la Universidad La Salle, en la ciudad de Canoas-RS. El objeto de estudio elegido fue Terrero del Padre Paulinho de Odé, así como sus narrativas de memoria, resultado de entrevistas realizadas con el líder espiritual en los años 2019 y 2020. La elección del religioso sacerdote es necesaria por su representación como religioso líder y social con la comunidad de Vila João de Barro, en la ciudad de Canoas. La investigación es cualitativa y, por eso, más adecuada a cuestiones relacionadas con el dominio de lo simbólico. Las entrevistas recibieron un tratamiento basado en el protocolo metodológico utilizado en la investigación dirigida a la Historia Oral. Como soporte teórico, utilizamos la percepción de autores que contribuyen a estudios relacionados con la memoria y las religiones afrobrasileñas. En ese texto, discutimos cómo Padre Paulinho de Odé moviliza a su colectivo para brindar caridad a los más necesitados en el Terrero. En el duro invierno de 2020, en medio de la pandemia del COVID-19, el padre Paulinho de Odé, como buen hijo de Oxóssi, se dio cuenta de la necesidad de brindar alimentos a las personas que en ese momento se encontraban en una situación de vulnerabilidad social. Los más de 4000 almuerzos fueron producidos dentro del Terrero por el mismo Padre Paulinho y su familia carnal y espiritual y se distribuyeron en los inviernos de 2019 y 2020. Siguiendo las acciones del Padre Paulinho, que involucraron al Terrero, se nota que existe un compromiso visible con las narrativas de Umbanda, que responden al ideal de practicar la caridad con los más necesitados. Esa actitud refuerza la idea de que un Terrero africano no puede verse solo como un lugar de culto, sino también como un espacio que se moviliza por cuestiones sociales. En el caso concreto del Padre Paulinho de Odé, a través del Terrero, atendió a personas que atravesaban un momento difícil en sus vidas como consecuencia del escenario pandémico que asoló al mundo entero.

Palabras-clave: Terrero. Umbanda. Narrativas de memória. Padre Paulinho de Odé.

Em tempos de pandemia

A impressão que temos é que o mundo parou, já passamos da metade do ano de 2020, e nada aconteceu até agora. Estamos amedrontados por um inimigo invisível.

A humanidade está diante da maior crise sanitária do século XXI. A pandemia da COVID-19 colocou de joelhos nações economicamente desenvolvidas, assim como as mais pobres. O vírus não escolhe sexo, idade e muito menos classe social. Não há remédios com eficácia comprovada e muito menos uma vacina, dando a sensação de que estamos num barco à deriva em meio a uma tempestade.

Com o intuito de conter a disseminação do vírus, governantes de todo o mundo são obrigados a impor restrições de circulação para a população. Fator que derrubou a economia de países como o Brasil, levando muitos trabalhadores ao desemprego. Um colapso que vai muito além da questão sanitária.

O desemprego significa a perda de renda das famílias, sendo que a redução do poder de compra impacta diretamente na economia como um todo. Resumindo, é como se pensássemos num efeito dominó: onde cai uma peça caem todas.

Nas comunidades mais pobres, a situação se agrava, pois a perda de renda torna-se desesperadora. Apesar do esforço do governo federal em incrementar seus programas sociais e criar o auxílio emergencial, é fato que, neste momento, a maior parte de suas atenções estão voltadas para o combate à pandemia.

Fica então o seguinte questionamento: como se encontram as famílias desassistidas pelo poder público?

Esse texto tem como objetivo propor ao leitor, uma reflexão sobre o momento que estamos vivendo e mostrar como um terreiro de matriz africana auxilia moradores que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Nesse momento difícil, a partir do qual a caridade faz-se necessária, entram em ação homens de bem que se preocupam com a sua comunidade. Sendo assim, escolho como exemplo Pai Paulinho de Odé, visto que sua figura se impõe junto à comunidade local tanto como Babalorixá, quanto como líder comunitário. O Terreiro onde Pai Paulinho exerce suas funções como líder religioso, foi inaugurado em 1998

e está localizado na rua Chico Mendes nº.: 157, Vila João de Barro, na cidade de Canoas-RS.

A história da vida religiosa de Paulo Rogerio Ambieda ou Pai Paulinho de Odé merece a dedicação de alguns parágrafos a seguir. Tais informações foram coletadas a partir das narrativas memoriais de Paulinho de Odé durante o ano de 2019, para o Projeto de Pesquisa de minha autoria, ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

No dia 02 de agosto de 1971, auxiliada por uma parteira, Telma Ambieda dá à luz a um menino em sua própria casa. Conforme a mãe de Paulinho de Odé conta, o parto teria sido muito difícil, que ele teria nascido pelos pés, com uma cor de pele avermelhada e que possivelmente teria aspirado água do parto. Minutos após ter vindo ao mundo, foi levado à terreira que sua mãe frequentava, para então apresentá-lo aos guias espirituais da Umbanda, em forma de agradecimento pela vida e para que, no futuro, conferissem-lhe proteção (AMBIEDA, 2019).

Como sua mãe já era iniciada na Umbanda, ele afirma que foi praticamente criado dentro de um Terreiro, que se localizava na mesma rua onde morava. Ali aprendeu o sentido real de união, pertencimento e de esforço em prol da religião (AMBIEDA, 2019).

Segundo Paulinho, desde muito cedo já tinha participação nos rituais, tanto que, com 10 anos de idade, já fazia parte da corrente mediúnica. Essa proximidade com o ritual resultou na ocorrência de seu primeiro transe aos 14 anos. A partir desse momento, seu desenvolvimento dentro da religião nunca mais parou e aos 22 anos tornou-se Babalorixá (AMBIEDA, 2019).

Pai Paulinho de Odé explica que “a religião se faz por amor, eu acho que todos nós temos a mesma missão conceitual no mundo, evoluir e ajudar na evolução do próximo, dos outros” (AMBIEDA, 2019). Essa ideia apresentada por ele deixa claro a quem ouve (e nesse caso quem lê) como ele carrega consigo uma visível responsabilidade para com a religião e com todos ali envolvidos.

A marcante na característica da personalidade de Pai Paulinho é de proteger todos que estão a sua volta, e isso se torna mais evidente por ele ser filho de Oxóssi. Na perspectiva de Roger Bastide (2001), não é somente no momento do transe que o iniciado se apropria das características identitárias da divindade, mas também em sua conduta social. Arrisco dizer que o iniciado estaria entre dois mundos, seu destino

pessoal e a ligação com a divindade, uma espécie de relação entre o natural e sobrenatural, no qual o homem aspira ao Orixá e este por sua vez modela esse desejo.

O culto de matriz africana é fundamentado pela transmissão oral do conhecimento, que atravessa gerações de uma família, podendo ser tanto carnal quanto espiritual. Essa peculiaridade marcante da importância da memória para a religião vai ao encontro da percepção de Bernd (2018), que deixa claro que a aproximação do indivíduo passa pela reapropriação identitária com a memória genealógica, nesse processo, a transmissão tem papel vital, que, além de fundamentais para as práticas dos rituais e perpetuação dos mitos, essas também são determinantes para questões ligadas às interações sociais do grupo.

Para não apenas mostrar como uma religião Afro-brasileira se mobiliza para assistir os mais necessitados, cabe então a seguir um breve histórico sobre a Umbanda, com a finalidade de compreender o porquê de isso comumente ocorrer nos Terreiros.

Sobre o mito fundador da Umbanda, sabe-se que ocorreu em 15 de novembro de 1908, na cidade de Neves, interior do estado do Rio de Janeiro. Durante uma sessão espírita, o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou no médium Zélio Fernandino de Moraes (PINHEIRO, 2011). A entidade manifestada no médium deixa como ensinamento um dos fundamentos mais importantes do ideal Umbandista, afirmando que “A Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade”.

Isaia (2014) aponta em seus estudos o esforço das narrativas dos intelectuais da época, em consolidar a Umbanda como uma religião originalmente nacional, voltada à realidade de um povo miscigenado. A Umbanda representa suas divindades de forma sincrética, através das imagens de santos da igreja católica para representar seus orixás, assim como as figuras do negro e do índio. Essa tríade de “raças” idealizava que o povo merecia uma religião 100% brasileira, eclética e que privilegiasse a identidade local.

A Umbanda recebe também influência dos ideais kardecistas, como, por exemplo, a prática da caridade. Segundo a teoria reencarnacionista, é possível elevar-se espiritualmente através da prática do bem (NEGRÃO, 1994). Nas giras, as entidades vêm do plano espiritual para atender de forma gratuita aos que procuram conforto, orientação e paz. O ideal da caridade, muitas vezes, transcende o culto e, então, o Terreiro torna-se um espaço que promove assistência para a comunidade onde está localizado.

No Terreiro de Pai Paulinho de Odé, não é diferente. Desde o início da pandemia, em março desse ano, por este estar situado em uma comunidade carente, faz com que esteja próximo das necessidades dos que ali residem. Eis que a constatação de Bastide (2001) é reafirmada na forma como Pai Paulinho apropria-se da identidade de Oxóssi (um Orixá caçador) e assim não mede esforços para prover alimentos para seu povo.

Para melhor compreender essa característica identitária de um filho de Oxóssi, a mitologia dos Orixás diz,

Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente. Agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra. Ogum fez de Oxóssi o provedor. Oxóssi é irmão de Ogum. Ogum é o grande guerreiro. Oxóssi é o grande caçador (PRANDI, 2001, p. 112).

Eis que, no final do mês de março, quando iniciaram as medidas restritivas de circulação em todo país, muitas pessoas não puderam exercer suas atividades na comunidade João de Barro, onde Pai Paulinho reside. Mais que prontamente, ele tem a ideia de distribuir marmitas solidárias às famílias carentes que residem nas proximidades do Terreiro.

Contando com a ajuda de irmãos de outros Terreiros, parceiros, filhos de santo, família carnal e voluntários, Pai Paulinho de Odé inicia uma campanha de arrecadação de alimentos. Utilizou a cozinha que possui dentro do Terreiro para a preparação dos alimentos. No início da ação, realizada no primeiro final de semana do mês de abril, foram distribuídas 200 marmitas às famílias carentes.

Figura 9 – Pai Paulinho e seus voluntários e as refeições que serão doadas



Fonte: foto do arquivo pessoal de Pai Paulinho.

Desde então, todas as sextas e sábados, Pai Paulinho e seu coletivo saem para entregar as doações de alimentos. Segundo ele, em uma noite apenas, “servimos mais de 300 pratos de um grande e delicioso sopão, para as famílias nesta crise terrível. Cuidamos para não ter aglomerações, cadastramos antecipadamente e entregamos em horários alternados” (AMBIEDA, 2020).

Até a presente data (julho/2020), ele já doou um total de mais de 4000 marmittas, um esforço incansável, típico de um filho de Oxóssi, preocupado com a abundância de alimentos da sua gente. Pai Paulinho é, sem dúvida, um líder religioso, o qual, além da sua responsabilidade espiritual com todos que frequentam seu Terreiro, envolve-se diretamente com a comunidade local. Um compromisso há mais de 30 anos, estando sempre atento às necessidades de todos à sua volta e pronto para proteger os mais desassistidos.

Findo aqui esse texto, com a certeza que o Terreiro de Pai Paulinho de Odé cumpre sim o ideal da caridade proposta pela Umbanda, cabendo também deixar aqui registrada uma frase comumente proferida pelo dirigente espiritual, o qual diz: “Quem tem fome, tem pressa. Juntos vamos vencer. Só existe vitória se houver união!”

REFERÊNCIAS

- AMBIEDA, Paulo. R. **Religião e movimentos sociais**. [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BERND, Zilé. **A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**. Porto Alegre: Besouro Box, 2018
- ISAIA, Artur C. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: Rodrigues, Cristina C; Luca, Tania R. de; Guimarães, Valeria. **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. São Paulo: UNESP, 2014.
- NEGRÃO, Lisias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social; Rev. Sociologia. USP, São Paulo**, p. 133-122, 1994.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PINHEIRO, André de O. In: ISAIA, Artur C.; MANOEL, Ivan. A., (Orgs.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

11 TERREIRO DE PAI PAULINHO: A CELEBRAÇÃO DOS TRINTA E DOIS ANOS DE VASILHA DO ORIXÁ ODÉ

Resumo: Este ensaio visual, além de compor o Relatório Técnico de Pesquisa, tem por objetivo, de forma ilustrativa, celebrar o aniversário de trinta e dois anos do assentamento do Orixá Odé de Pai Paulinho. As imagens foram captadas durante o Batuque em homenagem a Odé e fazem parte do acervo do Jornal Grande Axé, sendo foram gentilmente cedidas ao mestrando. O material fotográfico conta com mais de quatrocentas imagens, das quais selecionamos apenas nove com o intuito de, através delas, resgatar a memória de uma data tão especial e ao mesmo tempo mostrar ao leitor a riqueza da cultura da religião afro-brasileira.

Palavras Chave: Memória. Terreiro. Pai Paulinho de Odé. Fotografia.

Resumen: Este ensayo visual, además de redactar el Informe Técnico de Investigación, tiene como finalidad ilustrativa la celebración del aniversario de treinta y dos años del asentamiento de Orixá Odé de Pai Paulinho. Las imágenes fueron captadas durante el Batuque en honor a Odé y forman parte de la colección Diario Grande Axé, las cuales fueron amablemente entregadas al alumno del máster. El material fotográfico cuenta con más de cuatrocientas imágenes, de las cuales seleccionamos solo nueve, con el objetivo de rescatar a través de ellas el recuerdo de una fecha tan especial y al mismo tiempo mostrar al lector la riqueza de la cultura de la religión afrobrasileña.

Palabras-clave: Memória. Terreiro. Padre Paulinho de Odé. Fotografia.

Este ensaio visual vem complementar as produções que fazem parte do Relatório Técnico de Pesquisa, apresentado ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle, Canoas-RS, intitulado Pai Paulinho de Odé: a construção identitária do líder religioso e homem público através de narrativas memoriais. Trata-se de uma pesquisa baseada nas narrativas de memória do dirigente espiritual, com o intuito compreender sua construção identitária, procurando uma possível relação com seu Orixá. O objeto de estudo escolhido foi Terreiro de Pai Paulinho de Odé, pelo interesse do mestrando em

assuntos relativos à religião de matriz africana e às peculiaridades encontradas nesses locais sagrados (ISAIA, 1999; PRANDI, 2005).

Compreendemos, através da pesquisa, a importância de um Terreiro na preservação da memória, do patrimônio e da cultura africana em solo brasileiro. Todas as práticas que ocorrem no interior do Terreiro estão relacionadas aos bens materiais e imateriais, os quais fazem parte do patrimônio cultural dos povos e responsáveis pela construção de sua identidade (IPHAN, 2012).

Nos Terreiros, a oralidade é a base da transmissão dos conhecimentos. No exemplo de Pai Paulinho de Odé, percebemos também a importância tanto da memória social (HALBWACHS, 2006) quanto da genealógica (BERND, 2018), já que ambas contribuíram na construção identitária de todos os membros de sua família carnal. As narrativas memoriais de Pai Paulinho comprovam que os ensinamentos relativos aos fundamentos religiosos foram-lhe transmitidos por sua mãe carnal e pais-de-santo e, por conseguinte, repassados aos seus quatro filhos: Rogério, Juan, Paula e Paola.

O material fotográfico foi produzido pelo Jornal Grande Axé, durante a cobertura da festividade realizada em 03 de julho de 2021, a qual comemorou os 32 anos de assentamento do Orixá Odé de Pai Paulinho. Foram feitas mais de 470 fotos, desde o início do Batuque até o momento da formação da balança de Xangô, momento este marcado pela possibilidade da vinda dos Orixás à terra para juntar-se aos humanos. Para esse ensaio, selecionamos apenas 9 fotos com o intuito de, através das imagens, resgatar a memória de uma data tão especial a toda família espiritual de Pai Paulinho de Odé.

Figura 10 – Pai Paulinho de Odé em frente ao Peji



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 11 – Vista do salão principal do Terreiro



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 12 – Pai Paulinho de Odé e seus filhos de santo



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 13 – Pai Paulinho de Odé e seu atual pai-de-santo Jorge de Iemanjá



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 14 – Pai Paulinho e esposa Bere de Iemanjá e seus filhos carnais Rogério de Xangô, Juan de Odé, Paula de Ogum e Paola de Iemanjá



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 15 – Pai Paulinho de Odé fazendo a chamada dos Orixás



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 16 – Filhos-de-santo dançando ao Orixá Bará



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 17 – Formação da balança dedicada ao Orixá Xangô



Fonte: Jornal Grande Axé.

Figura 18 – Mestrando Marcelo de Oxalá ao lado de Pai Paulinho de Odé



Fonte: Jornal Grande Axé.

REFERÊNCIAS

BERND, Zila. **A persistência da memória: romances de anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional.** Porto Alegre: Besouro Box, 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura (MinC). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natalia Guerra Brayner.** – 3. ed. – Brasília, DF: Iphan, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

ISAIA, Artur C. Ordenar Progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**, n. 11, p. 97-120, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório final de pesquisa, além de servir para organizar cronologicamente todas as atividades desenvolvidas durante o Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Canoas-RS, abre a oportunidade de compartilhar os textos que produzimos aos interessados em pesquisas no campo da memória e religiosidade Afro-brasileira. Procuramos, então, responder ao problema de pesquisa de forma clara e objetiva nos parágrafos que seguem.

Desde o início da pesquisa, quando escolhemos estudar as narrativas memoriais de Pai Paulinho de Odé para compreender sua construção identitária, sabíamos que poderiam surgir alguns desdobramentos. Antes de simplesmente procurar respostas a partir de narrativas transcritas, tínhamos que conhecer um pouco mais sobre as tradições presentes na religião Afro-brasileira, assim como o significado do Terreiro para os iniciados.

Os Terreiros no Rio Grande do Sul, em sua grande maioria, praticam mais de um culto, como por exemplo a Umbanda, a Quimbanda e o Batuque. Assim, não podemos ignorar tais características de forma a estudá-las de maneira padronizada, mas sim levando em conta suas peculiaridades (ISAIA, 1999; PRANDI, 2005), de forma que possa levar-nos a resultados mais significativos.

No início da seção das atividades desenvolvidas, acrescentamos uma breve biografia de Pai Paulinho, seguida de um Termo de Referência, o qual traz informações relevantes sobre a questão espacial do Terreiro e sua inserção na cidade de Canoas. Logo a seguir, apresentamos em ordem cronológica as transcrições das entrevistas realizadas, sempre de acordo com o protocolo metodológico (ALBERTI, 2005), que adotamos no desenvolvimento do trabalho.

O esforço mnemônico de Pai Paulinho, presente nas suas narrativas, mostrou como sua memória individual foi construída a partir das interações sociais durante toda sua vida (HALBWACHS, 2006). O fato de o dirigente ter nascido em berço umbandista e passar parte de sua existência vivenciando as práticas dentro de um Terreiro (AMBIEDA, 2019) justifica a estreita ligação da religião de matriz africana e símbolos correlatos na construção de sua identidade.

A convivência com os outros iniciados, assim como o fato de sua mãe ser iniciada contribuiu para que, a cada dia, Pai Paulinho fosse alimentado pelos

fundamentos religiosos transmitidos através de uma memória geracional (BERND, 2018). Essa forma de transmissão oral do conhecimento é uma marca da religião de matriz africana (PRANDI, 2005), visto que os negros vitimados pela diáspora traziam consigo apenas o que felizmente contribui como forma de resistência cultural: a ritualização de sua memória.

Os textos sobre espaços de cultura e memória, resistência dos bens culturais e locais sagrados foram produzidos com o intuito de expor a importância do Terreiro na perpetuação da memória africana. Neles procuramos contextualizar teorias com o material coletado a partir das narrativas de Pai Paulinho de Odé, deixando claro como o Terreiro consegue exercer um papel significativo na preservação cultural. Destacamos ainda que a manutenção da memória cultural não ocorre somente pelas práticas ritualísticas ali dirigidas, mas também pela presença tanto dos bens materiais quanto imateriais encontrados no interior do Terreiro (BASTIDE, 2001; COLOMBO, 2017).

Nosso problema principal de pesquisa remeteu ao esforço mnemônico de Pai Paulinho de Odé, em identificá-lo com as características de seu Orixá Odé, e como estas influenciariam sua vida pessoal, como líder religioso e comunitário. A partir do andamento da investigação, conseguimos compreender que, além do Orixá, outras divindades e entidades também acabam por inspirar o iniciado de forma mais direta.

Para explicar o que queremos dizer sobre essa influência direta das divindades e entidades sobre o iniciado, abrimos aqui uma breve explicação sobre a relação dos homens com seus Orixás no culto mais cultivado no Rio Grande do Sul (ORO, 1999; PRANDI, 2005). No Terreiro de Pai Paulinho de Odé, é praticado o Batuque de Nação Jeje-Ijexá. Abrimos aqui um fundamento muito marcante na tradição: o iniciado nunca ter conhecimento de que o Orixá ocupará, ocupa ou ocupou seu corpo durante todo o seu percurso religioso.

Esse fundamento faz que o homem tenha uma relação com a divindade fortemente marcada pela fé, já que não haverá relatos orais e registros (fotográficos ou filmagens) da entidade presente em seu corpo. A comunicação entre o Babalorixá com os Orixás é toda feita pelos búzios (COSSARD, 2008), já que, em hipótese alguma, a entidade, quando chegar ao mundo profano, dará consulta ou até mesmo mandará recados ao seu cavalo de santo.

Existe todo um mistério envolvido na chegada dos Orixás durante o culto, o que torna essa possível influência dos deuses na vida cotidiana dos homens (BASTIDE,

2001) como algo inerente à sua vontade. Isso difere das outras entidades cultuadas na Umbanda – no tocante ao Caboclo Oxóssi – e na Quimbanda – no tocante ao Exu Caveirinha –, como no caso específico de Pai Paulinho de Odé. A chegada de tais entidades ao corpo do dirigente durante os cultos é de seu conhecimento e, portanto, a relação se torna mais estreita tanto com ele quanto com os fiéis que frequentam o Terreiro.

Tal aproximação dessas entidades e o modo com que elas se apresentam à comunidade religiosa possibilitaram a produção do texto que versa sobre, como o dirigente e os membros do Terreiro articulam-se prestando apoio social a toda a comunidade carente que reside ao seu entorno. O caboclo Oxóssi, o qual, segundo a mitologia, seria um indígena caçador que tem como atribuições ao seu povo prover alimentos e mantê-los em segurança (PRANDI, 2001), vem tornar evidente a característica da personalidade de Pai Paulinho em estar sempre lutando pelo bem coletivo de todos à sua volta.

Outra entidade que teve um papel importante nessa construção identitária de Pai Paulinho foi o Exu Caveirinha, exposto no penúltimo texto das atividades. Conforme suas narrativas memoriais, o espírito do Exu apresentou-se por um sonho a mando dos Orixás, para explicar-lhe questões que o deixavam dividido sobre seu destino relacionado à religião (AMBIEDA, 2019). Nota-se que ambas entidades espirituais (caboclo Oxóssi e Exu Caveirinha), além da divindade Odé, também possuem uma presença marcante na vida de Pai Paulinho.

Como exposto nos parágrafos anteriores, a relação de proximidade entre o médium e o Orixá cultuado no Batuque ocorre de forma diferente quando analisamos os Caboclos da Umbanda e Exus da Quimbanda. O Orixá é tido como uma divindade superior que vive em outra dimensão, mais precisamente no Orum, que, durante as práticas ritualísticas, pode-nos honrar ou não com sua presença no Terreiro. De outro lado, temos o Exu Caveirinha, que por ser uma entidade menos evoluída seria subordinada a espíritos de luz, como um Caboclo ou um Orixá (ORTIZ, 1999). Sendo assim, quando evocados durante sessões ou giras chegam em seus cavalos (médiuns), para, através de suas habilidades mágicas, prestar serviços de caridade aos humanos que ali procuram conforto.

Toda a pesquisa, orientada a partir das narrativas de Pai Paulinho de Odé, veio ao encontro da percepção de Bourdieu (1996), sobre como somente é possível compreender uma trajetória de vida, se levamos em conta o campo onde ela se

desenrola e todas as relações subjetivas que ligam o sujeito em questão. Nesse estudo, para o qual dedicamos esforços a fim de identificar características identitárias de Pai Paulinho com seu Orixá, percebemos também traços de sua personalidade muito próximos de outras entidades. A partir de então, lançamos nosso olhar a todo o contexto social em que nosso sujeito está inserido e a como ele herdou seu capital cultural. Desde o momento em que Pai Paulinho inicia sua atividade mnemônica para contar sua trajetória de vida, começa a se esforçar em dar coerência nos fatos por ele vividos e em justificar a importância de seus atos, como propõe Bourdieu (1996), em uma espécie de ilusão biográfica.

A partir de suas narrativas memoriais, percebemos que o sujeito assume ser fruto de um passado do qual ele é produto, sendo sua trajetória de vida nada mais que uma ressignificação pessoal de todos os acontecimentos vividos coletivamente. Mais especificamente no caso de Pai Paulinho de Odé, a partir de toda a pesquisa debruçada nas narrativas de memória do dirigente, podemos concluir que sua construção identitária foi forjada a partir de suas relações sociais, mas principalmente de experiências religiosas por ele vivenciadas desde sua infância, assim como sua identificação com as entidades as quais ele dedica sua vida.

Por fim, quero deixar registrado que o material empírico coletado é extremamente denso e rico em informações. Longe estive de esgotar a análise desse corpo documental neste Relatório Final. Tenho em mente e como objetivo próximo, voltar a dialogar com esta documentação no futuro. Assim, o atendimento à problemática inicial não esgotou minha curiosidade científica e nem a minha ânsia em compreender mais o rico universo memorial de Pai Paulinho de Odé. Um doutorado seria a ocasião ideal para voltar a interagir com a memória e com a realidade ritual deste importante chefe religioso.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Milton. **Contribucion al estudo del Batuque**. Una religión natural: ni locos, ni raros. Mimeo, Copyright Milton Acosta, Uruguai, 1996.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMBIEDA, Paulo R.. **Percorso e religião**. [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.

_____. **Religião e movimentos sociais**. [Entrevista cedida a] Marcelo L. H. Silveira. 2019. Entrevista gravada em MP3 player.

ANJOS, José C. dos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. **Debates do NER**, v. 7, n. 13, p. 77-96, 2008.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2011.

ASSUNÇÃO, P. de. **Patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BARROS, José. F. P. de. **A floresta sagrada de Ossaim**: o segredo das folhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O sonho, o transe e loucura**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

BERND, Zilá. Memória Cultural. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p. 158-159, 2017.

_____; SOARES, Tanira R. Memória Genealógica. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V.; (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

_____. **A persistência da memória**: romances de anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociologica. Barcelona: Belaterra, 2005.

BÍBLIA, A. T. Êxodo. *In*: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, p. 40-72, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRASIL. Ministério da Cultura (MinC). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natalia Guerra Brayner. – 3. ed. – Brasília, DF: Iphan, 2012.

DUARTE, Kelly B. Autoficção. *In*: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, p. 27-46, 2010.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José J. de. A força da nostalgia. A concepção do tempo histórico dos cultos afro-brasileiros tradicionais. **Revista Religião e sociedade**, n. 14, p, 236-261, 1987.

CASTRO, Yeda P. de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011.

COLOMBO, Nilza C. T. de J. Bens Culturais Imateriais. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

COSSARD, Gisèle O. **Awô: o mistério dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

DILLMANN, Mauro. (org.). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul: matriz afro-brasileira**. São Paulo: ANPUH, 2016.

FRANCO, Sérgio da C. **História ilustrada de Porto Alegre**. CEEE/RBS, 1991.

FONTCUBERTA, Joan. **El beso de Judas: fotografia y verdad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera L. D. L. de M. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Conheça o Irga**. 2019. Disponível em: <http://irga.gov.br/quem-somos>. Acesso em: 30 nov. 2019.

GRAEFF, Lucas. Memória Coletiva. *In*: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p.156-157, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Terreiro Casa Branca do Engenho Velho - Salvador (BA)**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ISAIA, Artur C. Ordenar Progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**, n. 11, p. 97-120, 1999.

_____. Umbanda: a exegese da magia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 14, p. 71-81, 2012.

_____. Brasil: três projetos de identidade religiosa. In: Rodrigues, Cristina C; Luca, Tania R. de; Guimarães, Valeria. **Identidades brasileiras: composições e recomposições**. São Paulo: UNESP, 2014.

_____. Direitos Humanos e diálogo com o século XXI na Carta Magna da Umbanda. **História, debates e tendências**, v. 19, n.1, p. 124-134, 2019a.

_____. Afro-Brazilian Religions and “Aggiornamento”: the Magna Carta of Umbanda. **International Journal of Humanities and Social Science**, v.9, n. 10, p. 33-38, 2019b.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas.: UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LODY, Raul. **Candomblé: religião e resistência cultural**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MATTOS, Regiane A. de. **De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné: grupos étnicos e formação de identidades africanas da cidade de São Paulo (1800-1850)**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento em História Social. 2009.

MELLO, Marco A. L. de. **Reviras, Batuques e Carnavais: cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: UFPel, Editora Universitária, 1995.

MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

NEGRÃO, Lisias N.. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Tempo Social. **Rev. Sociologia**. USP, São Paulo, p. 133-122, 1994.

OLIVEN, Ruben G. Patrimônio Intangível: considerações iniciais. In: Abreu, Regina; Chagas, Mario. **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo**. DP&A. Rio de Janeiro: RJ, 2003.

ORO, Ari P.. **Axé Mercosul: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *In: Estudos Afro-asiáticos*, Ano 24, n.2, p. 345-384, 2002.

_____. O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras: análise de uma polêmica recente no Rio Grande do Sul. *In: Religião e Sociedade*, v. 25, n. 2. Rio de Janeiro, ISER, p.11-31, 2005.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

PENNA, Rejane. CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel. **Canoas para lembrar quem somos: Niterói.** Prefeitura Municipal de Canoas. Canoas: La Salle, 2004.

PINHEIRO, André de O. *In: ISAIA, Artur C.; MANOEL, Ivan. A., (Orgs.). Espiritismo e religiões afro-brasileiras.* São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PESAVENTO, Sandra. J.. Negros Feitiços. *In: Artur César Isaia. (Org.). Orixás e espíritos. O debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea.* Uberlândia: EDUFU, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Famílias da João de Barro e Sete de Outubro recebem escrituras de casas.** Canoas: 2014. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/118192>. Acesso em: 30 nov. 2019.

PROCÓPIO, Mariana R. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. *In: MACHADO, Ida L.; MELO, Mônica S. de S. (Orgs.) – Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.*

RICOEUR, Pierre. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H.. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2005.

TADVALD, Marcelo. O Batuque gaúcho: notas sobre a história das religiões afro-brasileiras no extremo sul do Brasil. *In: DILLMANN, Mauro (org.). Religiões e*

Religiosidades no Rio Grande do Sul: matriz afro-brasileira. São Paulo: ANPUH, 2016.

TRINDADE, Ana L. de O. Autobiografia. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura.** Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p. 27-28, 2017.

_____. Oralidade e memória. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia K. V., (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura.** Canoas, RS: Ed. Unilasalle, p. 282-284, 2017.

VERGER, Pierre F. **Orixás:** deuses iorubás na África e no novo mundo. Salvador: Corrupio, 2002.

VIEGAS, Danielle H. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade:** um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2376/1/430524.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

APÊNDICE A – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, voz, assim como narrativas transcritas em caráter definitivo e gratuito, materiais decorrentes da minha participação em entrevistas realizadas pessoalmente pelo aluno, para posteriores publicações em Revistas Científicas em âmbito nacional e internacional, a seguir discriminado:

Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais – Universidade La Salle – Canoas-RS.

Aluno: Marcelo Luis Henriques Silveira

Orientadores: Artur Cesar Isaia e Zilá Bernd

Objetivos principais:

Fotografias para fins didáticos. As imagens ou voz poderão ser utilizados para apresentação de trabalho final de Mestrado, em formato de Relatório Técnico de Pesquisa, bem como a sua posterior publicação institucional.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parciais, apresentações audiovisuais, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais nacionais e internacionais, assim como disponibilizados em bancos de imagens resultantes da pesquisa e na internet, em produções fotográficas como exposições ou mostras, fazendo se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos, gravações e conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir matérias de comunicações, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão da minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Canoas, 15 de agosto de 2020.



Paulo Rogério Ambieda
CPF: 579090830-68
RG: 9047094702
Tel: 51-99181-1161